

Jacqueline Moraes Teixeira

# A mulher universal

corpo, gênero e pedagogia da prosperidade

DOI: 10.11606/9786587047140



Jacqueline Moraes Teixeira

# A mulher universal

corpo, gênero e pedagogia da  
prosperidade

**2ª EDIÇÃO**



Jacqueline Moraes Teixeira

# A mulher universal

corpo, gênero e pedagogia da  
prosperidade  
2ª EDIÇÃO

DOI: 10.11606/9786587047140



São Paulo  
2021

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença *Creative Common* indicada.



**Universidade de São Paulo**

*Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan*

*Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hrnandes*

**Faculdade de Educação**

*Diretor: Prof. Dr. Marcos Garcia Neira*

*Vice-Diretor: Prof. Dr. Vinício de Macedo Santos*

**Direitos desta edição reservados à FEUSP**

*Avenida da Universidade, 308*

*Cidade Universitária – Butantã*

*05508-040 – São Paulo – Brasil*

*(11) 3091-2360*

*E-mail: [bibfe@usp.br](mailto:bibfe@usp.br)*

*<http://www4.fe.usp.br/>*

Catálogo na Publicação

Biblioteca Celso de Rui Beisiegel

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

---

T266m      Teixeira, Jacqueline Moraes  
A mulher universal: corpo, gênero e pedagogia da prosperidade /  
Jacqueline Moraes Teixeira. -- 2. ed. -- São Paulo: FEUSP, 2021.  
1.700 Kb; PDF. -- (Coleção Viramundo)

ISBN 978-65-87047-14-0 (E-book)

DOI: 10.11606/9786587047140

1. Mulher 2. Corpo 3. Gênero 4. Pentecostalismo 5. Aborto I.  
Título

CDD 22. ed. 371.45

---

Ficha elaborada por: Nicolly Leite – CRB-8/8204

## COMISSÃO EDITORIAL

**Vagner Gonçalves da Silva** (FFLCH)

**Rosenilton Silva de Oliveira** (FE)

**José Pedro da Silva Neto** (CERNe-USP)

## CONSELHO CIENTÍFICO

**Carlos Yoba**

Universidade Lueji A`Nkonde (Angola)

**Denise Dias Barros**

Universidade de São Paulo (Brasil)

**Dilma de Melo Silva**

Universidade de São Paulo (Brasil)

**Ileana Hodge Limont**

Centro de Investigações Psicológicas e Sociológicas (Cuba)

**James Lorandy Matory**

Universidade Duke (Estados Unidos)

**Jean-Pierre Dozon**

Fundação Casa das Ciências do Homem (França)

**Ligia Ferreira**

Universidade Federal de São Paulo (Brasil)

**Mundicarmo Ferretti**

Universidade Federal do Maranhão (Brasil)

**Nilma Lino Gomes**

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

**Niyi Afolabi**

Universidade de Texas (Estados Unidos)

**Ricardo Alexino Ferreira**

Universidade de São Paulo (Brasil)

**Revisão:** Thomaz Massadi Kawauche

**Diagramação:** Raul Nunes Neto

**Ilustração:** Román Alonso



Dedico este livro à  
Maria Neide Teixeira,  
Minha avó,  
Que, mesmo sem saber escrever,  
Vive tecendo histórias  
No trançado do seu tear.



## Agradecimentos

Como praticamente tudo que faço, este trabalho também é um produto de parcerias valiosas que estabeleci durante a vida, e neste caso específico, durante minha (ainda curta) trajetória acadêmica.

Assim, não poderia deixar de citar aqui, em forma de breves (porém singelos e muitíssimo sinceros) agradecimentos, algumas pessoas (e instituições) que, de alguma forma, viabilizaram condições para a realização desta pesquisa.

Em primeiro lugar agradeço profundamente a minha família. Meus pais, José Onécio Teixeira e Delza Moraes Teixeira, que permaneceram próximos e presentes mesmo estando geograficamente distantes. Minha irmã Cyntia Moraes Teixeira, pela parceria e por partilhar comigo, desde os nossos primeiros anos de existência, as coisas boas e as coisas complicadas da vida. Agradeço também minha prima Andreia Teixeira Machi, que por morar comigo durante a realização da pesquisa e a escrita deste texto, teve que suportar pilhas de papel e livros em completa desordem espalhados pelos cantos da casa durante meses: obrigada pelo carinho e pela compreensão. E, já que estou falando do meu parentesco nuclear, não poderia deixar de agradecer aqui minha extensão familiar animal representada por nada mais que minhas três filhas gatas, Capitu, Diadorim e Penélope, elas que com um jeito felino de ser me acompanharam e me acalentaram incondicionalmente por dias e noites a fio.

Este mesmo agradecimento destino ao meu parentesco estendido, que represento aqui citando os sobrenomes Moraes e Teixeira. Tais nomes reúnem avó, tias, tios, primas e primos os quais nutro imenso afeto. Durante a realização deste trabalho, minha ausência e distanciamento foram inevitáveis, mas os

momentos de encontro foram igualmente reconfortantes e essenciais para minha saúde física e mental.

Não poderia deixar de citar o auxílio financeiro que recebi da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, que apoiou integralmente a realização da minha pesquisa de mestrado.

Como não podia deixar de ser, agradeço muitíssimo a Paula Montero, minha querida orientadora, que me instigou desde o início com seu senso teórico sempre muito brilhante e desafiador. Junto a Paula tive o privilégio de aprender acerca da complexidade e a seriedade que envolve a produção de um trabalho científico: esse trabalho é, portanto, fruto dessa parceria. Da mesma maneira, aproveito para agradecer a parceira preciosa desenvolvida junto as pesquisadoras e pesquisadores que integram o Núcleo de Religião no Mundo Contemporâneo, sediado no Cebrap, com destaque especial aos colegas integrantes do projeto: *Religião, Direito e Secularismo: A reconfiguração do repertório cívico no Brasil contemporâneo*.

Também não poderia deixar de demonstrar publicamente meu agradecimento a José Guilherme Magnani por seu importante papel na minha formação acadêmica, com ele tive minhas primeiras experiências de campo, fiz minhas primeiras incursões etnográficas e aprendi as muitas etapas que envolvem uma pesquisa. Agradeço pelas boas conversas de orientação acadêmica e de orientação para a vida. Esse agradecimento se estende a Silvana Nascimento e aos demais queridos pesquisadores do NAU – Núcleo de Antropologia Urbana da USP, no qual participo desde o primeiro semestre da minha graduação. Gostaria de registrar um agradecimento especial a César Augusto Assis Silva, que, além de excelente e experiente parceiro de pesquisa, se revelou um grande amigo.

Gostaria de agradecer também as professoras Heloísa Buarque de Almeida e Patrícia Birman, que prontamente aceitaram o convite para ler e arguir este trabalho, participando

da banca de mestrado em dezembro de 2012. Muitas das mudanças significativas realizadas no texto seguem a contribuição preciosa de ambas. E registrar especialmente meu agradecimento a Edlaine Campos Gomes, nosso contato iniciou-se quando eu ainda estava na graduação, em meus primeiros estágios da pesquisa e se estendeu durante todo o processo de estruturação do texto, ela que participou inclusive, de minha banca de qualificação em agosto de 2011. Quero dizer que me senti privilegiada com seu convite para publicar este trabalho e integrar esta coleção.

Da mesma forma quero agradecer à querida Eva Scheliga, que também acompanhou este trabalho desde sua fase mais embrionária e que generosamente ofereceu diálogo, amizade, orientação e parceira de pesquisa.

Aproveito para agradecer também as professoras e professores do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP que marcaram minha trajetória acadêmica me ensinando a paixão pela boa antropologia. Este agradecimento também se estende as funcionárias e funcionários do Conjunto Didático de Ciências Sociais e Filosofia, carinhosamente apelidado de “prédio do meio”, em especial às funcionárias e funcionários do Departamento de Antropologia.

Agradeço profundamente aos queridos amigos e amigas do PPGAS, em especial, aqueles que ingressaram comigo no curso de mestrado no ano de 2010, e também, aqueles com quem tive a oportunidade de conviver mais de perto, por causa das inúmeras atividades de organização da *Revista Cadernos de Campo*, bem como, na Comissão Organizadora da *6º do mês*.

Agradeço muitíssimo a Thomaz Kawauche, pela ajuda e pelos bons anos de vida compartilhada, por ter pacientemente me ensinado a fazer busca no *Dedalus* logo que ingressei na graduação, por ter acompanhado a formação do projeto que resultou nesta pesquisa, e pela revisão atenciosa deste texto.

Também agradeço ao querido Román Alonso, amigo recente e já tão precioso que atenciosamente aceitou o desafio e presentiu esta obra com sua arte.

A publicação deste trabalho me remete quase que instantaneamente a Waldete Salvaia e André Corrêa, ambos foram meus professores enquanto cursava o ensino fundamental numa escola estadual na periferia da cidade onde nasci. Certamente foi nessas aulas, no início da minha adolescência, que me apaixonei pela escrita, aprendi a perseguir o direito de aprender a escrever, bem como o direito de escrever. Este texto é, portanto, o resultado complexo e ainda inacabado desse desejo primário por conhecer e por escrever.

Por fim, e com certeza, o mais importante dos agradecimentos, gostaria de fazer ao meu amado companheiro de vida Patrick de Menezes, que dentre tantas coisas que fez, ainda se dispôs, generosamente, a me acompanhar nas mais variadas incursões etnográficas, coisas como cursos para casamento, Terapias do Amor, Marcha pra Jesus, Caminhada do Amor, etc., atividades que às vezes duravam o dia todo. Quanta dedicação, quanto aconchego! Este agradecimento também se estende à sua família, representada aqui pelos sobrenomes Cunha Menezes, Coronato e Néias, que me recebeu como filha e que sempre me acalenta com a mesa repleta de deliciosas receitas caiçara: todo o meu carinho e afeto a vocês.

## Sumário

<b>Prefácio</b> .....	16
<b>Apresentação</b> .....	19
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	28
<b>Esfera pública e controvérsias</b> .....	32
<b>Alguns procedimentos de pesquisa</b> .....	37
<b>Roteiro dos capítulos</b> .....	41
<b>1 - CONTROVÉRSIA E PRÁTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ABORTO, PLANEJAMENTO FAMILIAR E PROSPERIDADE</b> .....	43
<b>1.1. O aborto como crime e formação do Estado Laico</b> .....	49
<b>1.2. "Irmão vota em irmão": representação política e pentecostalização</b> .....	57
<b>1.3. O Estado, o Bispo e a controvérsia</b> .....	73
<b>1.4. Planejamento familiar e a pedagogia da prosperidade</b> ....	100
<b>1.4.1. Alguns dispositivos pedagógicos</b> .....	104
<b>1.5. Planejamento familiar e fé racional</b> .....	113
<b>CAPÍTULO 2 - O CORPO DAS PRÁTICAS: MEMÓRIA, RITO E RAZÃO PEDAGÓGICA</b> .....	119
<b>2.1. A IURD e sua memória social</b> .....	120
<b>2.2. O sacrifício ritual e a performance da prosperidade</b> .....	131

<b>2.3. Corpo e divisão sexual do rito .....</b>	<b>145</b>
<b>2.3.1. Corpo feminino e razão pedagógica.....</b>	<b>150</b>
<b>2.3.2. O feminino como performance do sacrifício no cotidiano: o desafio Godllywood .....</b>	<b>154</b>
<b>2.3.3. Godllywood: descrevendo a dinâmica dos grupos etários .....</b>	<b>161</b>
<b>2.3.4. O desafio Godllywood e a universalização do sacrifício</b>	<b>166</b>
<b>2.3.5. O ser mulher como mediador ritual da prosperidade...</b>	<b>168</b>
<b>CAPÍTULO 3 - CONJUGALIDADE E DIVISÃO SEXUAL COMO EIXOS NA PEDAGOGIA DA PROSPERIDADE .....</b>	<b>171</b>
<b>3.1. A matemática do relacionamento.....</b>	<b>175</b>
<b>3.2. A pedagogia da prosperidade e a escola do amor.....</b>	<b>180</b>
<b>3.3. Fé conjugal e razão pedagógica.....</b>	<b>189</b>
<b>3.3.1 Conjugalidade para o cuidado de si.....</b>	<b>193</b>
<b>Considerações finais .....</b>	<b>195</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>202</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>221</b>
<b>Anexo A - Desafio Godllywood publicados até o ano de 2012</b>	<b>221</b>
<b>Anexo B - Lista de abreviaturas e siglas.....</b>	<b>229</b>

## Prefácio

Finalmente chega ao grande público este interessante trabalho de Jacqueline Moraes Teixeira sobre a pedagogia da prosperidade da Igreja Universal e sua construção do feminino. Partindo do fato aparentemente paradoxal que é a posição do pastor Edir Macedo em defesa do aborto este livro elabora, passo a passo, as várias dimensões que tornam esse posicionamento compreensível, desde sua fundamentação teológica até as prescrições voltadas para a organização da vida cotidiana. No plano teológico, a autora analisa como a defesa do aborto se insere, para Edir Macedo, na lógica da promessa da “vida em abundância” e, no plano da vida pessoal, na lógica do planejamento familiar ou do gerenciamento da prosperidade da família.

Na perspectiva da doutrina da Teologia da Prosperidade, a realização daquilo que se deseja (a graça) depende de exercícios mentais constantes chamados de “confissão positiva”. Apresentando-se como palavras de ordem, atitudes e práticas que visam possuir aquilo que se deseja a “confissão positiva” foi trabalhada na literatura antropológica na chave do ritual religioso. No entanto, a originalidade deste trabalho reside na leitura foucaultiana que a autora oferece para o entendimento do rito e da conjugalidade evangélica.

Em seu livro *Ritual Theory, Ritual Practice*, Catherine Bell (2009) sugere que o conceito antropológico clássico de rito foi construído a partir do suposto de uma separação necessária entre pensamento e ação. Desse ponto de vista, o rito é normalmente pensado como a expressão prática de símbolos e crenças religiosas ou das cosmologias que inspiram a ação. Está implícito nessa abordagem que a atividade ritual é apenas uma reafirmação ou dramatização na experiência de ideias pré-

existentes nas crenças ou doutrinas. Já na leitura foucaultiana a ritualização é o modo particular como o poder opera. As dinâmicas de poder se enraízam nas práticas cotidianas por meio de rotinas, de tecnologias de supervisão sistemática e de modelagem dos corpos que se oferecem ao público como uma escolha desejável.

O projeto *Godllywood*, bem como as “terapias do Amor” e as atividades do programa “The Love School” dirigidas por Cristiane Cardoso, filha de Edir Macedo, são um dos focos centrais deste livro. Ao tratá-las na chave de uma leitura foucaultiana do ritual a autora não toma os ritos como atos especiais relativos ao sagrado, mas ao contrário, por um lado insere essas atividades religiosas no contexto das práticas cotidianas e, por outro, procura compreender seus mecanismos e técnicas de funcionamento. Sua detalhada etnografia dos rituais mostra como a ideia de sacrifício ocupa um lugar central no conjunto dessas práticas. E não propriamente como um valor, mas, sobretudo, como um aprendizado cotidiano da poupança, da disciplina, da organização do tempo e do cuidado corporal. Nesse aprendizado o corpo, em particular a sexualidade, torna-se o objeto principal da pedagogia ritual. Assim, ao trazer para sua análise antropológica dos rituais religiosos essa leitura foucaultiana, Jacqueline Teixeira transforma, de maneira bastante original, o modo como esse conceito tem sido trabalhado nos estudos de religião.

No que diz respeito ao tema da conjugalidade evangélica a autora dedica grande parte de sua atenção à análise de sua construção por meio de instrumentos mediáticos desenvolvidos *ad hoc* pelos agentes religiosos da IURD tais como livros, blogues, programas televisivos, cursos, campanhas especiais, desafios, reuniões por faixa etária, etc. Esses artefatos educacionais, compreendidos enquanto dispositivos no sentido foucaultiano do termo, associam informações gerais, valores

morais, reportagens, ofertas de serviços e diferentes formas de propaganda que, tomados em seu conjunto, favorecem o casamento, o controle técnico da reprodução e o exercício de uma sexualidade não associada à maternidade. A rica descrição das dinâmicas de funcionamento desses artefatos revela o modo como eles disciplinam o tempo, o corpo e as rotinas da vida cotidiana.

A variedade e riqueza do material apresentado neste livro dá acesso ao leitor a um universo ainda pouco conhecido do grande público. De forma geral entende-se por religião como aquilo – ritos e orações - que acontecem no interior das igrejas. O texto de Jacqueline mostra que o trabalho pedagógico e disciplinar que os agentes religiosos vêm desenvolvendo tem um escopo muito mais amplo, circulando pelas redes mediáticas, criando novos ambientes de relacionamento de casais e organizando, com atitudes pontuais e práticas, a vida diária das famílias. Nessa novidade reside o grande interesse deste livro e o desafio que ele nos propõe para compreensão das transformações que marcam o papel das religiões no mundo contemporâneo.

São Paulo, primavera de 2016.

*Profa. Dra. Paula Montero*  
Universidade de São Paulo  
Cebrap

## Apresentação

O modo peculiar da Igreja Universal do Reino de Deus (doravante IURD) em lidar com meios de comunicação, transformar o dinheiro em mediador ritual e ocupar os quadros da política institucional contribuiu, inequivocamente, para movimentar o campo de estudos sobre o pentecostalismo ao longo dos últimos vinte anos. Hoje já se contabiliza mais de uma centena de dissertações e teses, produzidas nas Ciências Sociais e em áreas afins, além de incontáveis artigos dedicados à IURD. Tanta tinta gasta em torno desta igreja poderia levantar uma suspeita: é possível dizer algo de novo?

A leitura do livro da antropóloga Jacqueline Moraes Teixeira nos responde que, definitivamente, sim. Enquanto parcela expressiva da literatura sobre a IURD tende a tomar esta igreja como um caso paradigmático para a análise do fenômeno de mercantilização da fé - pressupondo que a religião teria sido invadida por uma “lógica do mercado”, levando as igrejas a disputar fiéis e alterar sua mensagem para obter maior competitividade - esta pesquisadora propõe outro caminho analítico para analisar as práticas iurdianas, oferecendo, desta forma, uma contribuição bastante original às reflexões acadêmicas sobre religião.

A *Mulher Universal* tem como questão de fundo as relações entre religiões e esfera pública no Brasil contemporâneo. Ressoa nesta proposta uma contundente crítica antropológica às análises estruturadas em torno de pressupostos normativos os quais definem, *a priori*, o lugar do religioso. Em lugar de se reiterar uma perspectiva normativa que restringe, de antemão, o religioso ao domínio do privado, assume-se como mais produtivo e instigante lançar luz sobre as relações que conformam o que vem a ser socialmente definido como religião.

Filiando-se a esta perspectiva Jacqueline opta, assim, por trazer à tona os repertórios específicos que permitirão aos atores sociais ocupar distintas posições no jogo de definições acerca do que é o mundo social. Ao seguir por esta trilha, a autora se junta aos pesquisadores interessados em compreender a esfera pública enquanto arena de disputa de sentidos - dentre eles, os do religioso. A noção de controvérsia, central neste empreendimento, emerge como estratégia metodológica privilegiada para apreender este processo de disputa de sentidos. Como o trabalho bem demonstra, a análise de uma controvérsia consiste em puxar os fios de uma intrincada rede de atores, discursos e práticas, colocando em evidência as condições sociais de produção desta densa trama.

A escolha da IURD como laboratório para pensar a respeito destas relações é, sem dúvida, oportuna. É amplamente conhecido do público leitor que a história da IURD é marcada por episódios que desestabilizam as convenções acerca do religioso. O “chute na santa” e a veiculação de um vídeo no qual o fundador da IURD instrui outros pastores a solicitar doações financeiras, ambos ocorridos em meados da década de 1990, são, seguramente, os eventos mais emblemáticos. A repercussão das imagens do que foi sendo caracterizado como vilipêndio a objeto de culto católico, enriquecimento ilícito, coação e falsas promessas está no cerne de um amplo debate acerca de direitos fundamentais salvaguardados no texto constitucional: o da liberdade religiosa e o da liberdade de comunicação de ideias religiosas, ambas condicionadas aos limites do respeito e da tolerância às diferenças. Jacqueline Teixeira nos mostra, porém, que perseguir esta controvérsia é apenas uma das vias de acesso ao debate sobre religião no Brasil. Seu caminho é outro.

Destoando de discursos religiosos hegemônicos, a autora observa que recentemente Edir Macedo voltou a mobilizar a opinião pública, declarando-se favorável à prática do aborto e ao uso de métodos anticoncepcionais, além de defender abertamente o planejamento familiar. Os pronunciamentos de Macedo geraram imediato estranhamento por parte de diversos segmentos da sociedade civil, incluindo atores religiosos e ONGs de orientação feminista. Dúvidas acerca das “reais intenções” do bispo foram logo suscitadas, bem como acusações de mero oportunismo e de proselitismo, reavivando críticas que acompanham a IURD ao longo de sua história de quase quarenta anos de existência.

Aprofundando a análise acerca das “polêmicas” declarações de Macedo e da repercussão de suas entrevistas e inscrições em sítios eletrônicos e redes sociais, a autora apresenta ao leitor uma sofisticada pesquisa acerca das práticas de prosperidade no âmbito da IURD, criando outro roteiro para pensarmos o problema norteador de sua pesquisa. A controvérsia em torno da defesa iurdiana de alguns direitos reprodutivos ganha, desta forma, nova inteligibilidade em seu trabalho.

Em primeiro lugar, em virtude do esforço da autora em situar o desenvolvimento dos direitos reprodutivos e, notadamente do aborto, como questão que baliza a constituição do Estado laico e a legitimidade do regime republicano - e relacionalmente define, portanto, o que integra o escopo das instituições religiosas. Ao entrelaçar a história da criminalização do aborto à do engendramento da categoria “evangélico” no contexto brasileiro, a antropóloga traz valiosas pistas para a compreensão das condições que tornaram possível a consolidação da representação protestante e pentecostal em espaços institucionalizados da política, bem como da definição

dos lugares de fala possíveis na atual esfera pública brasileira. A autora demonstra, assim, que os pronunciamentos de Edir Macedo não se deixam compreender fora dos quadros de um ativo debate acerca da definição da laicidade, não podendo ser reduzidos a mero cálculo para alcançar maior número de fiéis (ainda que este resultado venha a ser eventualmente alcançado, algo, contudo, que não se pode determinar com precisão).

O entendimento a respeito da controvérsia sobre o aborto também é renovado em virtude de um segundo esforço empreendido pela autora, qual seja, o de avaliar os direitos reprodutivos à luz da Teologia da Prosperidade. Algumas etnografias com as quais Jacqueline estabelece diálogo neste trabalho sugerem que as noções de prosperidade e de vida em abundância orientam todas as instâncias da vida do fiel iurdiano. Dados de variadas pesquisas sustentam que a prosperidade financeira, enquanto situação a ser desejada e perseguida pelos membros da igreja, é celebrada sob múltiplas formas, do mesmo modo que o são saúde plena, felicidade conjugal e bem-estar familiar, validando a hipótese de que a prosperidade não se restringe, assim, à dimensão financeira. A “boa vida” ou a “vida próspera” é resultado da atenção equilibrada a todas as dimensões da vida, efeito prático de um sistemático e rigoroso exercício de uma fé racional em contraposição à espontaneidade da fé emocional.

Jacqueline Teixeira retoma esta ideia e vai além. A autora destaca como a família passou a ocupar lugar cada vez mais central na produção de prosperidade iurdiana, resultando no desenvolvimento de uma série de medidas que intentam reproduzir um determinado modelo de família e, por meio desta ação, propiciar a prosperidade individual e coletiva. A minuciosa análise de um variado conjunto de dados, oriundos de vasta pesquisa documental e de observação participante de

eventos promovidos pela IURD na cidade de São Paulo, demonstra como as lideranças da igreja elaboram um complexo discurso sobre a pobreza, nela localizando os problemas do país, como um todo, e dos indivíduos, em particular. Frente aos perigos que a pobreza representa, é necessário tomar atitudes ou, para usar um termo caro ao vocabulário iurdiano, é preciso revoltar-se a fim de garantir uma vida plena e sustentar o projeto político desta igreja de constituir uma grande nação. No quadro das revoltas previstas inscreve-se a decisão de ter filhos e de quando tê-los, de modo a garantir as melhores condições para a produção e reprodução da família.

A pesquisa revela que cabe sobretudo às mulheres a tarefa de mediação da prosperidade. Tendo isso em vista a IURD tem posto em ação um engenhoso programa pedagógico, por meio do qual busca disseminar um conjunto de sensibilidades, habilidades e conhecimentos visando a disciplina dos corpos femininos, condição tida como necessária para a vivência de uma conjugalidade favorável à vida próspera. Integram este programa pedagógico diversas ações articuladas, dentre as quais destaca-se o programa de ações intitulado *Godllywood*.

Formalmente iniciado em 2010, por iniciativa de Cristiane Cardoso, filha de Edir Macedo, o programa consiste na formação de grupos etários voltados às mulheres iurdianas que, sob a orientação de tutoras, as *Bigsisters*, cumprem tarefas periódicas, ali batizadas de *desafios*. O calendário de atividades leva as participantes a desenvolverem paulatinamente uma disciplina que inclui o cuidado de si, o cuidado para com o outro, a gestão do tempo, a administração das finanças e o aperfeiçoamento do desempenho em tarefas domésticas, profissionais e religiosas.

Cada *desafio* pressupõe um *sacrifício* diverso: efetuar jejum diário, esmerar-se no cuidado com a apresentação pessoal, incluindo a maquiagem na rotina de beleza, e meditar sobre uma frase ou passagem bíblica intercalam-se em um extenso rol de tarefas que, como um todo, visam modificar hábitos e aguçar os sentidos “femininos” destas mulheres. Após vencido, cada desafio/sacrifício ganha divulgação por meio da ampla circulação de imagens e relatos pelas redes sociais e mídia da igreja, celebrando e potencializando os efeitos da conquista. Reafirma-se, assim, o *desafio* como um ritual de passagem sem o qual o “circuito da conquista” - expressão cunhada em estudo de Edlaine Gomes - jamais pode ser concluído. O não cumprimento das metas gera, por sua vez, *revolta*, e este sentimento é compreendido como estímulo para alcançar, em um futuro próximo, um melhor desempenho. O fracasso também pode ser tomado como sinal de alerta de que algo na vida espiritual que não vai bem, sendo necessário redobrar os cuidados relativos ao exercício da fé racional. O desafio assumido semanalmente nas atividades propostas às *sisters* espelha, portanto, o desafio cotidiano da batalha espiritual.

Ao leitor menos familiarizado com a IURD importa destacar que a dinâmica dos desafios que estruturam o *Godllywood* não é exclusividade deste programa disciplinar, mas sim algo que perpassa diversas práticas desta igreja. Estudos pioneiros sobre a IURD, tais como os de Ronaldo de Almeida e Ricardo Mariano, registram que desde os primeiros anos de atuação a igreja organiza seu calendário de ofícios religiosos em torno das noções de desafio e sacrifício. Igualmente encontram-se dispersos na literatura relatos acerca da rotina de outros grupos formados no interior da igreja, tais como o *Grupo Jovem* e os grupos de evangelização, revelando como também eles são organizados em torno destas noções. A

IURD replica, neste sentido, um modelo de atuação já consagrado, apostando, no entanto, cada vez mais na estratégia de fazer com que suas ações ultrapassem os limites dos templos, prolongando-se, desta feita, os efeitos rituais do desafio ao longo do tempo e do espaço.

Assim como a prática dos desafios adquire novos significados e alcance no escopo do programa disciplinar *Godllywood*, a vasta experiência iurdiana de desdobrar um projeto em diferentes tipos de ações midiáticas é aqui novamente testada, logrando, contudo, resultados aparentemente muito mais expressivos que os obtidos em outras iniciativas da igreja. Os dados da pesquisa de Teixeira apontam que o sucesso do *Godllywood* é indissociável da vasta produção literária a cargo das *Donas*, as esposas de bispos que ocupam as mais elevadas posições na estrutura hierárquica da IURD, incluindo as mulheres da família do fundador da IURD, bem como da ampla gama de programas televisivos, cursos e cultos conduzidos por membros que formam os principais casais do corpo hierárquico da igreja. Os *best-sellers*, *blogs*, programas televisivos, cursos, reuniões e desafios integram, assim, um circuito comunicativo, o qual se fortalece cada vez mais em virtude de sua contínua retroalimentação.

A pesquisa de Jacqueline sugere, ademais, que a ênfase nas práticas conjugais como motor da prosperidade resulta em um importante deslocamento no modo como esta igreja organiza suas atividades nacional e internacionalmente. A publicidade gerada pelo compartilhamento *online* das tarefas que constituem os desafios semanais, bem como dos resultados alcançados pelas *sisters*, acaba por estimular a reprodução destas atividades, independentemente das fronteiras geográficas que limitam os grupos e as igrejas. O aparente sucesso que *Godllywood* alcançou na internet recentemente deu origem a um novo

subprojeto, disciplinando, assim, o uso dos desafios por parte de quem ainda não integra um dos exclusivos grupos do programa, nos quais a admissão é condicionada a um processo seletivo e a participação restrita a poucas mulheres. Na nova modalidade, batizada de *Godllywood auto-ajuda*, a possibilidade de participação é significativamente ampliada, estando “disponível para todas as mulheres independentemente de idade, religião, estado ou país”, como se lê na página oficial do projeto. O programa *Godllywood* parece equacionar, pois, com particular êxito, o desafio de produzir um repertório de práticas válido para as igrejas localizadas nos mais diferentes lugares, em bem mais de uma centena de países, unificando-as em torno da defesa de um determinado modelo de conjugalidade pretensamente generalizável para todo e qualquer contexto.

Quem de algum modo acompanha a história da IURD reconhece que esta é uma importante inflexão no modo como a igreja se estrutura. Em outros períodos, por exemplo, a articulação das IURDs, no Brasil e mundo afora, era preferencialmente promovida por meio do agenciamento da noção de caridade. Até os anos 2000 foram os diferentes braços assistenciais iurdianos - respectivamente Associação Beneficente Cristã/ABC e projeto “A gente da comunidade” - os principais responsáveis por veicular um repertório capaz de constituir o “ser Universal”, inculcando nos agentes promotores da ação assistencial um conjunto de disposições voltados ao bem-viver. Na presente década o programa irradiador destas disposições, ao que tudo indica, ficou a cargo do *Godllywood* - ao qual, inclusive, passam a ser subordinadas algumas tarefas de prestação de ajuda e socorro humanitário, outrora prerrogativas de outros departamentos da igreja.

A etnografia realizada no início desta década capta, assim, um momento bastante significativo desta igreja, sempre

tão plástica e capaz de atualizar suas dinâmicas. Ela nos mostra que a IURD segue criando condições para driblar aquilo que Alba Zaluar, em prefácio ao livro *A igreja Universal e seus demônios*, de Ronaldo de Almeida, anunciava como “paradoxo da existência da IURD e a sua continuidade”. Vencer o Diabo significaria, no limite, pôr em risco a própria razão de ser da IURD, nos alertava Zaluar. O que a pesquisa de Jacqueline nos mostra é que a libertação, tal como compreendida hoje pela IURD, depende de um alto controle de si, cabendo à mulher exercitar este controle sobre si e sua família. Manter a condição de liberto requer rotina e repetição, o que justifica uma sucessão de *desafios* e *sacrifícios* sem os quais é inviável alcançar e manter uma vida próspera.

Uma das mais valorosas contribuições deste livro consiste, pois, em demonstrar que a visibilidade alcançada por este programa disciplinar fortalece um determinado conjunto de práticas discursivas que incidem fortemente sobre os sujeitos. À luz da disciplina inculcada pela prática dos *desafios*, o amor romântico cede espaço ao escrutínio das alianças matrimoniais consideradas mais vantajosas, bem como à avaliação rigorosa das condições propícias para um casal ter ou não filhos. O aborto, por sua vez, torna-se um mecanismo aceitável e legítimo para engendrar um determinado modelo de família e, assim, garantir prosperidade. Com particular perspicácia, Jacqueline Teixeira demonstra que a defesa ao aborto por parte da IURD é, antes de tudo, uma defesa ao direito à prosperidade e ao que criativamente se constrói como religião.

*Eva Scheliga*

Universidade Federal do Paraná

# INTRODUÇÃO



Em 2007, em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, Edir Macedo abre sua posição favorável à legalização do aborto. Imediatamente, o entrevistador pergunta:

FOLHA – "Deus deu a vida e só Ele pode tirá-la", segundo a Bíblia. Não é contraditório um líder cristão defender o aborto?

Macedo responde:

A criança não vem pela vontade de Deus. A criança gerada de um estupro seria de Deus? Não do meu Deus! Ela simplesmente é gerada pela relação sexual e nada mais além disso. Deus deu a vida ao primeiro homem e à primeira mulher. Os demais foram gerados por estes.

O que a Bíblia ensina é que se alguém gerar cem filhos e viver muitos anos, até avançada idade, e se a sua alma não se fartar do bem, e além disso não tiver sepultura, digo que um aborto é mais feliz do que ele (Eclesiastes 6.3). Não acredito que algo, ainda informe, seja uma vida.

A divulgação das palavras de Edir Macedo suscitou inúmeras discussões configurando um intenso debate sobre direitos reprodutivos, bem como sobre as fronteiras do Estado laico. Tais discussões ocorrem não apenas entre aqueles que se posicionam contrariamente ao aborto, mas também entre seus defensores. Ambas as posições parecem dar ainda mais visibilidade à pergunta do jornalista da *Folha*, colocando a seguinte questão: o que levaria um líder cristão a tornar pública uma opinião aparentemente contrária às opiniões dos demais religiosos? Dentre os diversos argumentos publicados na Internet, destaco os seguintes:

IURD e Rede Record – A Favor do Aborto e Contra a Vida O CACP (Centro Apologético Cristão de Pesquisas) tem há muito tempo denunciado as contradições da IURD (Que Reino é Este?). Mas agora, entendemos que o Bispo Macedo e a Rede Record foram longe demais. Em uma contextualização bíblica, podemos concluir que tal ato coloca a IURD como uma denominação religiosa apóstata, com requinte herético que supera até mesmo a Igreja Católica Romana!!! Qualquer pessoa que realmente entenda o que é ser cristão não deve pertencer a essa denominação anticristã e pró-aborto (A Legalização do Aborto).<sup>1</sup> Novo Militante!!

Andréia Freitas disse: Ter que citar o tal Macedo neste site como alguém que é aliado, é uma vergonha. Considerar que ele dirige religião é mais alienismo ainda. O cara é um trambiqueiro, 171, não precisamos disto. A defesa de um cara como este torna nossa opinião tão ridícula quando a dele.<sup>2</sup>

Nas inúmeras respostas divulgadas por membros de diferentes agências (que como vimos, são ONGs ligadas a entidades religiosas – Igreja católica, igrejas evangélicas e centros espíritas – e ONGs ligadas ao movimento feminista) emerge um consenso em interpretar a posição do bispo Edir Macedo como proselitista. Seguindo a lógica desses argumentos,

---

<sup>1</sup>Ver

[www.cacp.org.br/iurd/artigo.aspx?lng=PTBR&article=1233&menu=18&submenu=2/](http://www.cacp.org.br/iurd/artigo.aspx?lng=PTBR&article=1233&menu=18&submenu=2/) (Acessado em 22/07/2008).

<sup>2</sup>Ver [www.mulheresdeolho.org.br/?p=245](http://www.mulheresdeolho.org.br/?p=245) (blogue ligado ao Instituto Patrícia Galvão, acessado em 22/07/2008).

o que motivaria o líder religioso a apoiar a legalização do aborto seria atrair para seus cultos um número ainda mais significativo de mulheres, aumentando assim o contingente de frequentadores, proporcionando, conseqüentemente, maior visibilidade à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Outro conjunto de argumentos parece interpretar o posicionamento de Edir Macedo como motivado pela necessidade de reforçar ainda mais a relação de polaridade da IURD com a Igreja Católica.

Porém, a participação e visibilidade das agências religiosas na produção de discursos sobre alguns temas suscita a necessidade de se buscar supostos teóricos que permitam configurar a instância do público como um espaço comunicativo de constante produção e negociação de sentidos. Sob esse prisma, a religião aparece – não mais isolada numa esfera separada, mas – como parte constitutiva de uma esfera estruturada por múltiplas ações de comunicação. É para a realização desse exercício analítico que apresento como recorte empírico a IURD e a posição que ocupa junto ao debate acerca dos direitos reprodutivos.

A fala de Edir Macedo e a posição que a IURD ocupa no *campo religioso* permitem-nos pensar acerca dos modos de produção da esfera pública, o que nos remete diretamente à reflexão acerca da produção de argumentos preocupados em afirmar e naturalizar a fronteira entre esfera pública e religião. A multiplicação dos meios de exposição pública dos discursos obriga os agentes a autodefinirem-se, autojustificarem-se e a posicionarem-se na apresentação de seus argumentos, produzindo posições de discurso que contemplam o contraditório das interpelações que lhes são dirigidas por meio da sua exposição pública. Assim, discursos como o citado no início deste texto são produzidos por agentes que disputam por

meio deles as definições do religioso e do não-religioso e, ao fazê-las, recriam novas fronteiras para essa questão.

O posicionamento de Edir Macedo e outros líderes da IURD servem como ponto de partida para um mergulho em alguns saberes e rituais que conformam um senso prático para a vida por parte dos frequentadores da igreja. Assim, pretendo apresentar como foco de análise um programa disciplinar baseado nos direitos reprodutivos, de modo a pensar, por um lado, que as práticas de prosperidade na IURD não se restringem apenas ao âmbito financeiro representado pelo dinheiro – ou seja, o dinheiro não é o único *mediador-ritual* da prosperidade –, e por outro lado, que as noções de prosperidade e de vida em abundância podem ser praticadas, e conseqüentemente reformuladas, em todas as instâncias da vida, sendo a família a principal delas. Segundo essa lógica, a prática abortiva, comumente relacionada à clandestinidade e a ilegitimidade, aparece como uma recomendação diretamente ligada à disciplina familiar rumo à prosperidade.

## **Esfera pública e controvérsias**

O tema das relações entre Estado e agências religiosas tem suscitado inúmeras discussões. Na grande maioria dos casos, busca-se a formulação da "religião" como uma instância separada das demais instâncias sociais legitimadas pela criação de Estados Nacionais. Essa separação aparece, sobretudo, no esforço analítico para atestar uma desvinculação entre o aparato estatal e as instituições religiosas, defendendo-se um suposto que é genericamente denominado de laicização do Estado (ver a

discussão de Fernandes, 1998; Oro, 2003; Giumbelli, 2004; Montero, 2006a).<sup>3</sup> Certamente, a teoria weberiana com seu pressuposto de "secularização" ou de racionalização do sagrado desempenha papel fundamental como referencial teórico na formulação de um ideal dicotômico para a modernidade – separando categoricamente a religião das demais instâncias da vida – ao acreditar que a religião constituir-se-ia em uma esfera distinta e separada das demais esferas que compõem a vida social. Segundo essa chave interpretativa, a ética protestante suscitou um processo de secularização que culmina na emergência da ciência e na autonomização de esferas como a política e a economia em relação à esfera religiosa. Em contraposição às teorias da secularização que previam o desaparecimento da religião ou sua circunscrição ao mundo doméstico, as religiões se multiplicam no mundo contemporâneo, crescem e ganham cada vez maior publicidade. De modo que, narrar esse processo tendo como eixo central a superação do religioso pelo secular tornou-se impossível (Asad, 2003).

---

<sup>3</sup> Os trabalhos de Casanova (1994), Giumbelli (2004), Oro (2003), Montero (2006) e Fernandes (1998) apresentam abordagens distintas sobre esse assunto. Com vistas à construção e à definição da proposta deste trabalho, utilizaremos as abordagens de Casanova, Montero e Giumbelli.

Jürgen Habermas pode ser considerado um autor importante para a construção de minha abordagem ao conceituar a *esfera pública*<sup>4</sup> como um espaço constituído por meio da ação comunicativa. Segundo ele, a esfera pública seria não apenas o espaço das estruturas estatais, mas também o espaço da opinião pública, ou seja, a esfera da formulação e da publicização de discursos. Discurso significa, para Habermas, uma interação comunicativa que não se propõe, simplesmente, trocar informações sobre algo, mas fundamentar as pretensões de validade levantadas na ação comunicacional. Nesse sentido, a linguagem é compreendida como ação.

Em *Mudança estrutural da esfera pública* (Habermas, 1984), o autor descreve o processo de constituição da esfera pública como um longo período no qual indivíduos participantes ativos da sociedade civil se apropriam de uma esfera controlada pelas autoridades estatais, transformando-a numa esfera de crítica e oposição ao poder do Estado. Para ele, tal lógica originou-se nos salões literários da sociedade civil burguesa, que constituíram, a seu modo, plataformas de discussão. É nessa esfera configurada pela ação comunicadora de discursos que as instituições religiosas emergem como agências produtoras de discursos que conformam uma opinião pública<sup>5</sup>. Portanto, o modelo discursivo pressupõe uma esfera pública permeada por

---

<sup>4</sup> Lavallo (2002) afirma que *Öffentlichkeit* é um conceito central na teoria habermasiana. Publicado pela primeira vez em 1962 em *Mudança estrutural da esfera pública*, o conceito aparece traduzido nas línguas neolatinas como "vida pública", "opinião pública" ou "esfera pública". Neste projeto, utilizo o conceito traduzido como "esfera pública".

grupos distintos que "formulam consensos, constroem problemas e soluções comuns" (Habermas *apud* Costa, 2003: 27).

Associada à definição de esfera pública como ação comunicativa, outro conceito utilizado por Habermas que me parece interessante para se pensar o aborto como uma controvérsia pública e a prática sobre direitos reprodutivos desenvolvida na IURD como prática discursiva, diz respeito à concepção do que ele denomina *mundo da vida*. Podemos dizer que, em Habermas, *mundo da vida* seria a esfera da produção simbólica de significados que elucidam ações de comunicação, as quais, por sua vez, compõem determinada visão de mundo. O *mundo da vida* emerge numa relação direta com o *sistema político*. Assim, ação comunicativa na esfera pública produz a mediação entre o mundo da vida e o sistema político, permitindo que problemas da vida cotidiana cheguem até as instâncias de decisão. Os discursos que constituem a opinião pública têm seus sentidos produzidos e negociados no *mundo da vida*, ou seja, o mundo vivido é o lugar a partir do qual é possível o entendimento no qual falantes e ouvintes partilham de um contexto que lhes é comum (cf. Costa, 2003: 24).

Assim, é possível pensar uma relação direta entre espaço público, produção de controvérsias e práticas cotidianas, Habermas não chega a afirmar a existência de uma prática discursiva, porém, o modo como dilui as consagradas noções de público e privado, apresentando o *mundo da vida* como formador da esfera pública, permite-nos a leitura de que os discursos são, antes de tudo, prática. A controvérsia pode ser compreendida como uma espécie de cimo de um processo que tem a prática como seu princípio lógico. Nesse sentido, algumas disputas sociais tornam-se controvérsia (ganham visibilidade pública a ponto de modificar posições já estabelecidas) apenas

quando são praticadas, isto é, a controvérsia é configurada e objetivada por meio da prática dos agentes.

Lemieux (2007) utiliza a noção de esfera pública comunicativa de Habermas, com o intuito de avançar com o conceito de controvérsia. Segundo ele, este conceito não chegou a ser de fato desenvolvido por Habermas em seus textos. Partindo de uma crítica à sociologia, que, na concepção de Lemieux, lidou com a ação individual sem dar a ela seu devido reconhecimento social, tratando-a de forma isolada ou contextualizando-a apressadamente a modelos de protestos de alguns coletivos sociais, o autor apresenta a controvérsia como uma forma de superar essa dicotomia empobrecedora do fenômeno. Em suas palavras, a controvérsia pode ser pensada, sobretudo, como estratégia metodológica que permite a observação de algumas situações de interações discursivas marcadas por relações de oposição e conflito. Algo que acaba por permitir ao analista o acesso a algumas configurações de relações de poder, de posições institucionais ou até mesmo de redes sociais que permaneceriam invisíveis de outra forma. Ao se acompanhar, num determinado recorte narrativo, os movimentos discursivos e os recursos de argumentação mobilizados pelos agentes que passam a interagir no jogo, é possível acessar os códigos que, constituídos no senso prático engendrado na trajetória desses atores, seguem implícitos na interação. Compreende-se assim, não apenas os caminhos da disputa, mas também quais elementos lhe dizem respeito.

Diante de tal suposição teórica, para além de apresentar os argumentos do bispo Edir Macedo acerca de seu posicionamento favorável à legalização do aborto, será necessário também a apresentação de alguns dos argumentos teológicos da IURD e do modo como tais dogmas são

corporificados pelos fiéis a partir de uma disciplina que enfoca a sexualidade e o cuidado de si.

## **Alguns procedimentos de pesquisa**

Para a realização da pesquisa em questão, planejei inicialmente estruturar meu campo de investigação de modo a abranger dois planos de análise: o primeiro deles diz respeito à produção e circulação de discursos, circundando especificamente a posição de Edir Macedo e da IURD na controvérsia do aborto, e o segundo diz respeito às práticas rituais da igreja, circundando mais especificamente uma série de disposições produzidas por uma razão prática que pensa formas de reprodução e prescrições matrimoniais como meios para se atingir a prosperidade.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na produção de um banco de dados composto por textos publicados em blogs, artigos de jornal e transcrição de alguns vídeos com depoimentos considerados importantes para a formulação da pesquisa. Esse material reunido constituiu o que denominei "quadro da controvérsia sobre o aborto". As informações dispostas no banco de dados foram fundamentais para a compreensão da questão e para o mapeamento dos agentes em interação.

Algumas das indagações que nortearam a pesquisa circundam questões consideradas inerentes à produção de um estudo de modalidades enunciativas – a saber: Quem fala? De onde fala? Quais são as principais categorias postas em movimento e como se dá o agenciamento destas categorias? – aliadas a questões suscitadas na etnografia, tais como, de que maneira determinados agentes de discurso e suas posições foram

construídas? Que estratégias são acessadas para se garantir a circulação dos discursos? Como se dá o processo de negociação entre os agentes para a produção de consenso?

A produção do banco de dados se deu em concomitância com uma intensa atividade etnográfica, composta por idas a campo, pela observação de programações, cursos, pela observação das interações na Internet, e pela leitura dos livros produzidos pela IURD como material de apoio para cursos e palestras.

Com relação à análise das controvérsias, meu universo de investigação tentou contemplar a posição das agências religiosas no debate, sobretudo a constituição da bancada dos evangélicos, para então contextualizar as declarações de Edir Macedo acerca da legalização do aborto e descrever a circulação dos argumentos de forma a privilegiar os agentes diretamente relacionados à IURD. A partir daí, busquei percorrer a teia de textos publicados por outros agentes em resposta às declarações. O recorte temporal que elegi foi de outubro de 2007 (data da publicação da primeira entrevista) até dezembro de 2010.

A ideia inicial era trabalhar todas essas informações que constituem o banco de dados a partir de uma ferramenta que auxiliasse no cruzamento dos discursos coletados, buscando-se assim otimizar a análise do material. Porém, com o avanço da pesquisa e o adiantado do prazo, decidi priorizar na análise o enfoque sobre o entendimento das práticas pedagógicas da IURD, o que fez com que eu me dedicasse mais intensamente ao trabalho de campo.

Com relação ao segundo eixo de análise proposto, a saber, a prática e a produção de uma razão pedagógica que legitima e dá visibilidade a determinados discursos – o posicionamento de Edir Macedo emerge num contexto cujas práticas corporificam e fazem circular a controvérsia acerca da

legalização a partir de uma disciplinarização do *mundo da vida* – privilegiei como método a observação participante, acompanhando alguns encontros de mulheres, cursos para casais e duas outras reuniões, a saber, "A Terapia do Amor" (aos sábados) e "A Terapia da Família" (aos domingos).

Para perseguir os objetivos propostos nessa pesquisa também coletei dados de outras fontes de mídia ligadas à Igreja Universal: o jornal *Folha Universal*, mídia de imprensa de grande circulação, que veicula notícias sobre temas variados e o posicionamento oficial da igreja; documentos oficiais, como o Regimento Interno e Estatuto; revistas e livros de autoria das principais lideranças e os programas televisivos *The Love School* e *Coisas de Mulher*, o primeiro exibido aos sábados na Rede Record e o segundo, exibido pela Record News. Outro importante instrumento de coleta de dados foi o "Portal Arca Universal"<sup>5</sup>, que reúne todos os *sites* da IURD na Internet, e em particular, alguns portais específicos para mulheres. Por fim, consultei também os livros publicados pela Unipro (Editora da Igreja Universal) cujos temas tratados diziam respeito a sexualidade, casamento e relacionamentos, todos tendo as frequentadoras da IURD como público-alvo.

Para pensar a relação entre posições de fala, argumentos e a ação dos agentes, e, por outro lado, demonstrar as estratégias forjadas pelos agentes ao internalizar determinadas práticas e sentidos de um repertório coletivo, ou, em outros termos, um *ethos* e uma visão de mundo compartilhada pelo grupo, recorro ao conceito de *habitus* de Bourdieu (2007). Trata-se de uma disposição mental de apreensão do mundo, ou mesmo de um capital individual.

---

<sup>5</sup> Que foi substituído, no início de 2015, pelo portal Universal.org ([www.universal.org](http://www.universal.org))

Para Bourdieu (*ibidem*), ação e argumento são produzidos por agentes a partir de uma disposição prática determinada por variáveis como classe social, época histórica, cultura, entre outros. A ação dos agentes ocorre, portanto, com referência a essa forma estrutural de entendimento do mundo, algo que tem no *habitus* a forma para os parâmetros do entendimento das coisas do mundo. A capacidade de internalização do *habitus* se dá na medida em que a apreensão coletiva de suas disposições passa a naturalizar alguns sentidos e práticas. Nos termos de Bourdieu (2007: 42), "*cada agente, ainda que não saiba ou não queira, é reprodutor e produtor do sentido objetivo, porque suas ações são o produto de um modelo de agir do qual ele não é produto imediato, nem tem o domínio completo*".

Por esse motivo foi necessário desenvolver um estudo de um determinado conjunto de práticas partilhadas como *habitus* no cotidiano dos frequentadores da IURD. A ação simbólica é reprodutora das relações sociais e os sistemas simbólicos derivam sua existência das condições sociais em que são produtos. Assim, a partir de uma análise que leve em consideração os mecanismos de apreensão simbólica de algumas práticas (livros, cursos, palestras, depoimento em blogs, etc.), torna-se possível a apreensão de elementos e características das relações sociais, em termos mais amplos, do ambiente social no qual esses agentes encontram-se inseridos.

As noções de Habermas e Bourdieu que apresentei aqui de maneira breve podem ser consideradas referências fundamentais para a análise dos dados obtidos na pesquisa. Pois, se a teoria habermasiana nos permite pensar a esfera pública como uma esfera de arranjos discursivos e, ao mesmo tempo, pensar discurso (ou linguagem) como ação na esfera cotidiana, a teoria bourdieusiana nos permite mapear as disposições e

disputas dos agentes, entendendo-se o *modus* de operação da prática a partir de um exercício que consiste em captar a interiorização e a exteriorização do *habitus*.

## **Roteiro dos capítulos**

No primeiro capítulo, apresento como recorte empírico alguns argumentos que representam o universo de tensões que emergem diante da participação de membros da Igreja Universal na controvérsia do aborto – algo que configura uma controvérsia pública acerca da laicidade do Estado e da legitimidade da participação de "religiosos". Após apresentar uma pequena descrição sobre a trajetória jurídica do aborto e sua constituição como crime, retomo algumas situações de interação discursiva tendo como foco certas falas de sujeitos políticos acerca da prática do aborto induzido. Ao pensar os sentidos de categorias recorrentes nesses discursos, passo a desenvolver uma análise de tenta compreender tais discursos à luz de alguns sentidos práticos para o cotidiano, tais como o casamento, a família, as diferenças de gênero e sexo. O capítulo segue relacionando alguns dos discursos apresentados a descrição de um conjunto de práticas bem como um sistema de crenças que regimenta os discursos

No capítulo 2, o intuito do percurso analítico consistiu em relacionar a posição assumida pelo bispo Edir Macedo e por outros líderes da IURD na controvérsia do aborto a uma determinada fundamentação teológica e um conjunto de práticas que mobilizam procedimentos para se atingir a prosperidade. Por meio da descrição de algumas disposições discursivas que conformam a narrativa da conquista, tracei o modo como a narrativa da conquista emerge com eixo organizador das memórias da IURD que se produzem numa relação metonímia

com os eventos ocorridos na vida de Edir Macedo. Em seguida, expliquei o modo como a narrativa da conquista é performatizada por meio da ritualização do sacrifício, a fim de compreender como a relação ritual entre sacrifício e desafio se espalha para o cotidiano a partir da produção de prescrições relativas ao corpo da mulher, em particular, nas práticas verificadas no programa *Godllywood*.

No terceiro capítulo trato da centralidade do casamento, a partir da noção foucaultiana de conjugalidade. Segundo a razão pedagógica desenvolvida na IURD, o casamento deve ser o quesito principal na vida dos indivíduos. Para tanto é necessário desenvolver ofertas que propiciem o encontro entre pessoas do sexo oposto dispostas a contrair o matrimônio. Segundo essa lógica, descrevo dois momentos rituais que servem como meio de circulação de pessoas interessadas em se casar. São eles, a "Terapia do Amor", que por meio da performance da libertação espiritual concede ao liberto o primeiro ponto positivo social, e o conjunto de atividades que compõem o programa *The Love School*, ou Escola do Amor.

Ao final do capítulo, discorro sobre a concepção foucaultiana de conjugalidade, que consiste numa forma de cuidado de si que engendra no cuidado do outro, produzindo uma rede de confiança e cuidado mútuo que se torna fundamental para a produção do casal monogâmico e da família nuclear.

**1 - CONTROVÉRSIA E PRÁTICA:  
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE  
ABORTO, PLANEJAMENTO FAMILIAR  
E PROSPERIDADE**



A ideia geral deste capítulo consiste em construir um campo de análise retomando a interação discursiva entre alguns agentes, tendo como foco narrativo seus pronunciamentos acerca da prática do aborto induzido. Procuo pensar o modo como tais discursos revelam, para além do jogo de posições discursivas que configuram a controvérsia, alguns sentidos práticos para o cotidiano, tais como o casamento, a família, as diferenças de sexo e gênero.

Para desenvolver o problema que perpassa minha análise – a saber, as *controvérsias* como estratégias discursivas de visibilidade pública e de construção de uma esfera de trocas e de interação, denominada de esfera pública – parto de algumas situações específicas envolvendo o bispo Edir Macedo Bezerra, fundador e principal líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e alguns agentes representantes de associações feministas, partidos políticos e de outras denominações cristãs.

Lemieux (2007) adverte que, para além de polêmicas (que são debates travados entre duas partes discordantes), as controvérsias são recortes narrativos que possuem uma estrutura triádica. Assim, apesar de também se produzir como um debate entre duas partes, o que distingue a controvérsia das demais relações discursivas de discordância é que a natureza da controvérsia está na estrutura da interação, tendo a terceira parte

como fundamental na produção da visibilidade da questão em jogo. A controvérsia funcionaria, portanto, como performance de um espetáculo encenado entre duas partes discordantes e uma plateia. Segundo o autor, a plateia ocupa a posição de "juiz", e é exatamente essa posição que permite à discussão sair da esfera da disputa privada entre pares para alcançar o estatuto de discussão pública. A controvérsia seria, portanto, um conflito triádico no qual a posição de "juiz", ou plateia, remete a visibilidade à publicização, o que garante, por assim dizer, a dimensão de sua natureza pública.

Uma vez que os discursos e as posições tomadas numa controvérsia são suscitados na trajetória e no repertório de escolhas dos agentes, a base da investigação de uma controvérsia deve ser o ambiente social. Em nosso caso, as relações de mídia funcionam como veículo por excelência de sua visibilidade e circulação. Porém, de acordo com Lemieux, para se compreender as disposições geradoras e sustentadoras dos discursos é necessário considerar também sua dimensão prática (*ibidem*).

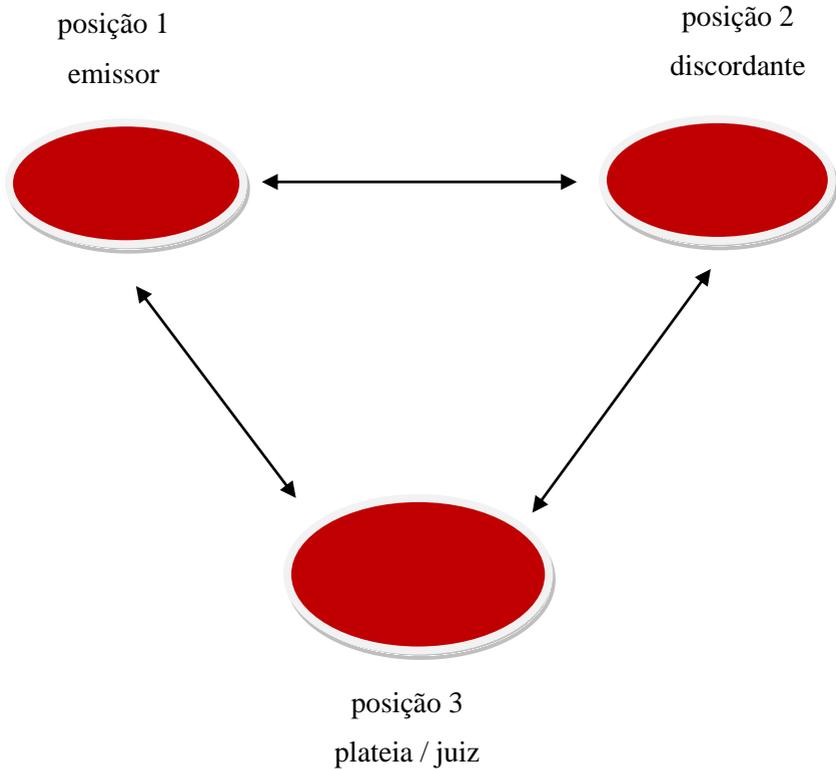
O recorte metodológico aqui apresentado configura, por assim dizer, uma controvérsia pública na medida em que diz

## Cap. 1 – Controvérsia e prática

respeito às tensões suscitadas pela participação de agentes denominados religiosos em discussões acerca do tema da legalização do aborto. Pretendo, mais que caracterizar as disposições da controvérsia em questão, descrever um conjunto de práticas e um sistema de crenças que regimentam os discursos.

\*\*\*

Seguindo o argumento de Lemieux acerca da estrutura triádica das controvérsias, a disposição dos agentes em gráfico seria a seguinte:



Na dinâmica da controvérsia, os agentes transitam pelas posições discursivas na medida em que as falas circulam e novos agentes com novos argumentos participam da interação.

Para efeito de organização e análise da controvérsia apresentada neste texto, disponho os agentes da seguinte forma: na posição de *emissor* encontra-se Edir Macedo e seu posicionamento favorável à legalização do aborto; na posição de *discordante* disponho alguns líderes religiosos de outras denominações e representantes do movimento feminista; como *plateia/juíz* disponho os agentes que respondem nos blogs e nas páginas pessoais da Internet, a maioria dos quais frequentadores da IURD. Porém, reitero que não pretendo aqui mapear uma controvérsia, mas tão somente descrever argumentos focando o universo das práticas que configuram a crença e a descrença do argumento.

Este capítulo surge como um exercício de análise e síntese de alguns argumentos e estratégias de interação de determinados agentes que fomentam a controvérsia, servindo-me de gancho para mergulhar mais especificamente nas práticas dos fiéis da IURD. Assim, o jogo de interação discursiva que apresento aqui – protagonizado por Edir Macedo e outros líderes da IURD, e por respostas de agentes ligados ao setor público, ou até mesmo, religiosos de outras denominações – visa fundamentar mais claramente um dos eixos da controvérsia, a saber, o bispo Edir Macedo, para depois tecer o percurso analítico que relaciona seus argumentos ao modelo prático desenvolvido na IURD.

Antes de tratar especificamente acerca de alguns argumentos que compõem a controvérsia, apresento uma pequena análise acerca da construção do aborto como categoria jurídica no Brasil, mostrando como ele aparece nos códigos criminais e no código penal brasileiro e o modo como a

legalização de um crime emerge como característica do Estado moderno. Depois, apresento um panorama da formação da representação política dos evangélicos com o intuito de contextualizar um pouco melhor a conjuntura dos discursos através da trajetória dos agentes, demonstrando o modo como a IURD construiu algumas de suas estratégias no âmbito da política.

Fechando mais especificamente nos argumentos de Edir Macedo e outros líderes da IURD com o intuito de explorar as disposições que informam os discursos, passo a abordar o modo como os argumentos apresentados por Edir Macedo em relação ao aborto fazem parte, na verdade, de um conjunto de práticas que tem o planejamento familiar como eixo central para se conquistar uma promessa teológica, a saber, a vida em abundância.

## **1.1. O aborto como crime e formação do Estado Laico**

O tema aborto desperta amplo debate público ao abranger agentes de posições sociais distintas. A começar por seu processo legislativo, que permanece em constante disputa política por deputados, autoridades do Executivo e partidos políticos, bem como nos fóruns de discussão civil. Dentro desse debate, os argumentos entendidos como religiosos e a discussão de algumas agências religiosas parecem centrais. No cenário político, todo esse debate sobre a prática do aborto no país tem sido cada vez mais pautado por duas categorias de natureza jurídicas, a saber, descriminalizar e legalizar.

A maioria dos textos que descrevem a trajetória jurídica do aborto no país afirmam que as primeiras negociações

políticas para a implementação de um código de regulação da interrupção voluntária da gravidez ocorreram ainda na primeira metade do século XIX, em meio à implantação dos primeiros fóruns liberais. Ao fazer um pequeno retrocesso histórico é possível constatar que em 1830, na implementação do chamado Código Criminal do Império, a criminalização da decisão por interromper a gravidez foi incluída numa sessão denominada "infanticídio", bem como, na descrição dos crimes contra a segurança da pessoa e da vida. Esse primeiro código se desenvolveu com o intuito de substituir rapidamente o aparato legal herdado de Portugal, algo ainda estritamente ligado ao gerenciamento de poder da Igreja Católica (ver Alvarez *et al.*, 2003).

Em 1890, com a República, a implementação de outro código criminal, a saber o Código Criminal da República, manteve a criminalização da prática do aborto, com a mesma prescrição do código anterior, considerando porém, alguns atenuantes para gestações causadas por estupro, como forma de ocultar o que era descrito na época como desonra social<sup>6</sup>. Porém, foi a implementação do Código Penal Brasileiro, em 1940 – no título "Crime contra pessoa" e no capítulo "Crime contra a vida", nos artigos 124 a 128 –, que institucionalizou a prática do aborto como crime, estipulando, inclusive, o período de três anos para reclusão da mulher. Na mesma instância, legalizava-se a realização do aborto em caso de estupro (algo

---

<sup>6</sup> Esses dados foram extraídos de um estudo desenvolvido pelo Ministério Público Federal acerca da relação entre aborto e Código Penal: [http://pfdc.pgr.mpf.gov.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/direitos-sexuais-e-reprodutivos/aborto/legalizacao\\_do\\_aborto\\_e\\_constituicao\\_daniel\\_sarmento.pdf](http://pfdc.pgr.mpf.gov.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/direitos-sexuais-e-reprodutivos/aborto/legalizacao_do_aborto_e_constituicao_daniel_sarmento.pdf)

que ficou denominado como aborto sentimental), ou de risco de vida para a mãe enquanto aborto terapêutico (Diniz, 2009).

Essa breve exposição acerca do caminho jurídico que criminalizou e ao mesmo tempo legalizou algumas práticas abortivas expressa a cristalização (mesmo que momentânea) de alguns discursos produzidos a partir da relação entre agentes, algo que nos remete ao modo como a categoria aborto foi forjada, seja como crime, seja como impedimento religioso, ou até mesmo, como direito individual. O processo que promulgou, ainda no final do século XIX, o aborto como crime nacional parece justificar-se atrelando o Estado à necessidade de se garantir a vida, que passa a ser traduzida como um direito universal.

É interessante notar que, no processo acima citado, os discursos e a decisão por criminalizar a prática abortiva não eram caracterizadas como religiosas ou fundamentalistas (algo que, a partir das últimas décadas do século XX, tornou-se imprescindível nos fóruns de discussão pública e nos embates jurídicos em torno da questão). Ao contrário, seguindo as diretrizes políticas para constituição de um Estado moderno e secular, criar leis para a regulação do corpo, a higienização e o controle das práticas médicas consideradas ilegais era fundamental. Nessa mesma esteira de regulações, foram criadas leis para criminalizar, não apenas o aborto, mas também outras práticas terapêuticas interpretadas pelas novas leis como charlatanismo e curandeirismo. Yvone Maggie (1992), analisa uma série de processos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, entre 1890 e 1940, período que corresponde à formação do Código Criminal da República e à institucionalização do Código Penal Brasileiro. A base desses processos eram os artigos 156, 157 e 158, arrolados na sessão de crimes contra a saúde pública,

usados na repressão policial da prática de determinadas terapias populares consideradas pelo novo Estado como medicina ilegal.

Para compreender melhor esse contexto, Giumbelli (1997) analisa o período correspondente à criação dos códigos criminais nos séculos XIX e XX, produzindo uma arqueologia do processo de constituição e de legitimação do espiritismo como religião no Brasil. Tecendo um estudo minucioso dos documentos da época, o autor revela a rede de negociações, bem como a formação de instituições reguladoras das práticas terapêuticas e a construção de uma noção de laicidade e de Estado-nação, que emergem subordinadas ao desenvolvimento de uma noção de religião e de aparatos jurídicos para a legitimação de determinadas práticas religiosas. Esse processo seguia algumas questões que podem ser consideradas semelhantes às questões que movimentam as relações entre Estado, religiões e opinião pública nos dias de hoje, no que diz respeito às práticas de interrupção da gravidez; questões acerca dos paradigmas para a formação de um Estado secular e a legalização de uma esfera legítima de ação para a religião. Porém, ao contrário do que se pensa hoje, parece-nos que, ao final do século XIX, a criação de um código criminal e a inserção neste código de artigos que reconhecem casos de aborto como crime não partiam de questionamentos acerca da posição religiosa ou laica desta sanção. Tal ação reguladora era interpretada como resultado do pleno exercício da laicidade, produzida em meio a um movimento de criação e fortalecimento do Estado. Caberia ao Estado tirar o domínio de regulação social das mãos da Igreja Católica trazendo para si o controle gerenciador dos corpos (*ibidem*).

O Código Criminal de 1890 emerge em meio a um intenso movimento de produção de instrumentos que buscavam a construção da legitimidade do regime republicano,

fundamentada mais especificamente, na repressão ao ócio e no fortalecimento da saúde pública. Dialogando com a mentalidade burguesa e com alguns pressupostos do liberalismo difundido na Europa e nos Estados Unidos, o código, em linhas gerais, defendia a formação de uma sociedade baseada no trabalho universal e na garantia dos direitos individuais. Com o fim da escravidão institucionalizada e o início do processo de urbanização de algumas capitais nacionais, o código servia como um importante dispositivo de regulação de alguns agentes e de ações tidas pelo novo regime como contraventoras. Em Alvarez *et al.* (2003), por exemplo, cita-se como exemplo os artigos do Livro III, que tratava das contravenções penais referentes a mendigos, ébrios, vadios e capoeiragens. Todos esses artigos se voltavam para a repressão do ócio ou da ausência de um trabalho considerado regular. Esse é o contexto de implementação do aborto como crime nacional.

Nas décadas seguintes, houve um movimento crescente de insatisfação para com as resoluções do Código Criminal, de modo que se tornou comum alegar sua capacidade de contemplar desigualmente os desiguais. Para especialistas das teorias criminológicas, o código penal republicano não conseguia contemplar as necessidades de uma nação cercada por inúmeros marcadores de desigualdade. Tais ações produziram novas emendas e um movimento para a criação de um novo código, algo que ocorreu de fato, meio século depois (*ibidem*).

Na década de 1920, o debate constituído em torno da necessidade de se reformar o código criminal deixa a arena jurídica e passa a ser discutido em artigos publicados em jornais como *O Estado de S. Paulo*. Porém, a preocupação circundava, fundamentalmente, a incapacidade de nacionalização do código, o que permitiu aos estados criar leis diferentes à lei nacional (ver Alvarez *et al.*, 2003). É interessante notar que na descrição dos

debates travados no campo jurídico, que discorriam acerca do caráter ultrapassado e pouco republicano de alguns artigos presentes no Código de 1890, a criminalização do aborto não é questionada. A necessidade de se pensar numa reforma de enunciados para a lei sobre o aborto emerge com os movimentos para a Constituinte de 1934, e se cristaliza como lei no Código Penal Brasileiro, em 1940.

A reforma constitucional de 1934 contou com a participação organizada de alguns segmentos da sociedade civil, dentre os quais destacaram-se a Liga Eleitoral Católica (LEC), que surge como uma espécie de um partido político ligado diretamente à Igreja. A fundação da LEC emerge de um desejo antigo de agências católicas de criarem uma forma de representação junto ao Estado. A proposta inicial era a de criar um partido diretamente ligado à Igreja, porém, a conjuntura das leis eleitorais dificultava esse tipo de relação direta com uma instituição religiosa, o que suscitou a necessidade de fundar uma entidade suprapartidária (Lustosa, 1983). Outra organização de militância feminina reconhecida na época foi a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, fundada no Rio de Janeiro, que era dirigida exclusivamente por mulheres da classe burguesa, as quais conheciam as leis europeias e defendiam direitos amplos no Brasil, tendo como instituições precursoras a Liga pelo Progresso Feminino e a Federação Brasileira para o Progresso Feminino.

Apesar desses movimentos representarem um pouco da constituição histórica dos dois polos modernos da controvérsia atual acerca da prática do aborto, na década de 1930 e no processo de regulamentação do Código Penal de 1940, pensar a lei sobre o aborto e sua relação frente aos pressupostos liberais de Estado laico não faziam parte da lista de reivindicações das organizações acima citadas. A LEC, que recebia forte apoio da

CNBB, preocupava-se em apresentar medidas de garantia de alguns direitos reservados à Igreja Católica, como a isenção de impostos recebidos na herança do regalismo e do padroado, que garantiam, durante o período colonial, relações de privilégios entre as agências católicas e o estado monárquico.

No caso da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher e de outras pequenas associações políticas fundadas na época, a grande bandeira era a defesa do sufrágio feminino, bem como da reforma das leis para o casamento civil. Havia também uma discussão em torno da criminalização do adultério e dos tratamentos diferenciados dispensados para homens e para mulheres, e o amplo debate acerca do caráter diferenciador de gênero presente na lei nacional, e a necessidade de se produzir um código igualitário.

Outro movimento importante foi a carta assinada por pastores de tradição protestante (como demonstrarei melhor a seguir) que apresentava como agente político o "evangélico", que também queria, mediante a Constituinte e o novo código jurídico, garantir que o Estado elege-se a Igreja Católica como religião oficial, protegendo sua liberdade religiosa.

Cabe aqui uma breve digressão acerca da categoria "evangélico". "Evangélico" tornou-se uma categoria geral que abrange várias demonimações religiosas de tradição protestante. Assim, a categoria em questão abrange os chamados protestantes históricos, protestantes pentecostais e neopentecostais. É interessante notar como essa categoria passou a ser integradora e identitária, reunindo fiéis de denominações religiosas que sempre se consideraram distintas uma as outras. Mendonça & Velasques Filho (1990) descrevem a categoria "evangélico" como não-analítica, oriunda do convívio entre os crentes, enquanto "protestante" seria uma categoria mais comum nas análises sociológicas do campo

religioso. Giumbelli (2001) traça uma pequena arqueologia das terminologias classificatórias das denominações religiosas e o modo que algumas dessas categorias passam a ser adotadas por teorias da sociologia e da antropologia como analíticas. É o caso da categoria "Pentecostal", que migrou de um modelo classificatório baseado numa distinção teológica para a terminologia científica. Nesse sentido, a categoria "neopentecostal" parece ter feito o caminho inverso: forjada como terminologia analítica, a categoria migrou para o espaço da práxis.

Voltando ao aborto e a constituição do Código Penal de 1940, a criminalização do ato é mantida, praticamente com o mesmo enunciado formulado nos códigos criminais, porém sob a tentativa de se produzir, segundo a mentalidade da época, uma definição mais ajustada de justiça e de proteção à pessoa e à vida, duas formas de aborto induzido são legalizadas. Contudo, é possível observar que, ainda nesse contexto, não havia uma discussão acerca do caráter religioso e do risco que as leis de regulação das práticas abortivas podiam simbolizar aos princípios de laicidade do Estado. O que parecia estar em jogo com a manutenção da criminalização – e, ao mesmo tempo, com a autorização para a realização de abortos em caso de estupro ou risco de saúde para a mãe – era o reconhecimento indireto de direito ao feto, a proteção do direito de linhagem e a universalização da obstetrícia.

A década de 1980 emerge como basilar no processo de manifestação de novos argumentos acerca da legalização do aborto, pois os processos de Constituinte e a regulamentação da Constituição de 1988 permitiram a implementação de um novo modelo governamental, aproximando as decisões do legislativo das demandas apresentadas por alguns segmentos sociais, resultando numa efervescência na formação de associações de

representação civil, de modo a alargar, por assim dizer, a arena de debates acerca de temáticas consideradas pontuais aos direitos humanos (ver Gomes, 2009). Associado a este fato, é interessante observar também, que esse processo é marcado pelo espraiamento das reivindicações do movimento feminista sobre outros movimentos e associações políticas em âmbito nacional, o que ajudou a delinear a questão a partir de dois importantes polos: de um lado as avaliações de saúde pública, que buscam controlar, por meio de políticas públicas, a alta taxa de mortalidade materna; de outro, a posição de algumas agências religiosas que avaliam a questão à luz de uma determinada crença teológica.

## **1.2. "Irmão vota em irmão": representação política e pentecostalização**

Ao final do século XX, houve um período de intenso movimento de mudança em várias instâncias sociais, dentre as quais, a reforma e a instauração de um novo modelo político podem ser consideradas fundamentais. De fato, o retorno ao regime democrático e a promulgação de uma nova Constituição contribuíram para a emergência de novas preocupações sociais e a organização de atores, outrora carentes de visibilidade pública, que conseguiram negociar e metodizar suas necessidades, tornando-as legítimas frente aos novos dispositivos de poder.

A Carta Constitucional de 1988 se distingue em muitos aspectos das demais constituições brasileiras. A primeira característica que se pode ressaltar diz respeito à disposição dos artigos que compõem o texto, o que enuncia algumas das prioridades defendidas pela Constituição. As constituições brasileiras anteriores discorriam sempre acerca da estrutura do

Estado, para depois passarem aos direitos universais, considerados fundamentais pela disciplina moderna do Direito. A Constituição de 1988 faz o contrário: consagra inicialmente os direitos e garantias fundamentais – no segundo título, logo depois daquele dedicado aos princípios fundamentais –, só depois disso se voltando à disciplina da organização estatal (Sarmiento, 2009). Esta mudança pode ser observada no modelo clássico de descrição sociológica do campo religioso, que mesmo apostando no suposto de secularização, passa a ter que lidar com o movimento crescente de participação dos segmentos evangélicos pentecostais na política partidária e nas disputas eleitorais (Machado, 2012; Burity, 2011).

A retomada das discussões acerca de questões oriundas de segmentos considerados populares, cujas demandas não encontravam respaldo jurídico de modo a fornecer a proteção do Estado aos cidadãos considerados vulneráveis, contribuiu para a produção de um novo modelo de negociação e argumentação na esfera pública. Ao reconhecer, por meio da proclamação da garantia da igualdade, as especificidades de grupos minoritários como mulheres, consumidores, crianças e adolescentes, idosos, indígenas, afrodescendentes, pessoas com deficiência e presidiários, a Carta Constitucional instituiu a produção de uma retórica política da diferença. Em meio a esse contexto, intensificaram-se as mobilizações para se rever a lei nacional que criminalizou o aborto e para se conceber políticas voltadas à descriminalização e à legalização de qualquer prática abortiva.

Tal modelo de negociação política pode ser melhor compreendido se considerarmos o processo de construção dos argumentos que se cristalizaram com a institucionalização da nova Constituição.

A Assembleia Constituinte<sup>7</sup> foi o espaço de visibilidade das inúmeras demandas trazidas pela sociedade civil. Todo esse processo foi administrado a partir das comissões que se formaram com o intuito de garantir maior abrangência dos temas e participação, bem como formas de representatividade de associações e grupos minoritários.

Nesse ínterim alguns segmentos ganharam força, dentre eles os de defesa de direitos raciais, dos direitos das mulheres e direitos sexuais e, da mesma maneira, o segmento dos direitos religiosos – que outrora havia sido protagonizado por associações e entidades ligadas à Igreja Católica. Além disso, com a realização dos fóruns da Constituinte, este último passa a contar com a participação crescente de agentes do segmento evangélico. Em 1987, a *Revista Veja* trouxe como reportagem da capa: "Bancada Evangélica agita a Constituinte e rivaliza com a CNBB" (*Revista Veja*, nº 982, 01 jul. 1987).

O quadro forjado durante as sessões da Assembleia Constituinte ajudou a configurar o que depois da constituição ficou conhecido como Frentes Parlamentares. As Frentes eram formadas por alguns parlamentares, mas principalmente por representantes da sociedade civil e especialistas que visavam

---

<sup>7</sup> A Assembleia Constituinte ocorreu entre fevereiro de 1987 e outubro de 1988, mobilizando todos os representantes da Assembleia Legislativa. Foram muitas as comissões para a elaboração do texto constitucional, dentre as quais destaque: Comissão de Soberania e dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher; Comissão da Organização do Estado; Comissão da Organização dos Poderes e Sistema de Governo; Comissão da Organização Eleitoral, Partidária e Garantia das Instituições; Comissão do Sistema Tributário, Orçamento e Finanças; Comissão da Ordem Econômica; Comissão da Ordem Social; Comissão da Família, da Educação, Cultura e Esportes, da Ciência e Tecnologia e da Comunicação (Sarmento, 2009: 18-20).

discutir um tema específico. Esse modelo se difundiu e hoje há inúmeras Frentes ou Bancadas Parlamentares no Legislativo.<sup>8</sup>

A crescente disputa por legitimidade na esfera pública entre a Igreja Católica e instituições eclesiásticas classificadas como evangélicas é tema de uma extensa produção bibliográfica (GIUMBELLI, 2004; ORO 2003; GOMES, 2004, entre outros). Isso se deve, em parte, ao fortalecimento da representação de políticos evangélicos no Congresso Nacional a partir do final da década de 1980, com o surgimento da chamada "Bancada Constituinte dos Evangélicos". A Igreja Assembleia de Deus (AD)<sup>9</sup> é considerada protagonista nesse processo. Em 1986, o jornalista e assessor parlamentar Josué Sylvestre, membro de uma AD (Ministério Madureira) na cidade de Brasília, escreveu, a pedido da Convenção Nacional das Assembleias de Deus (Conamad), um livro cujo título era *Irmão vota em irmão*. Em tom de manifesto, o livro apresentava uma história detalhada da relação dos evangélicos com a política nacional, citando o nome dos parlamentares de origem protestante que exerceram alguma função pública desde o início da República. O manifesto se inicia com uma referência a outro texto de caráter político escrito em 1932:

---

<sup>8</sup> No site do Congresso Nacional não é possível encontrar um número exato de bancadas, mas um estudo produzido em 2006 apontava para a existência de centenas delas. Sua característica é sempre situacional: elas se formam e se diluem na medida em que determinados temas aparecem e desaparecem na arena legislativa. No *site* do Congresso Nacional é possível consultar a lista das Frentes Parlamentares em:

[http://www2.camara.gov.br/deputados/pesquisa/layouts\\_deputados\\_biografia?pk=99535](http://www2.camara.gov.br/deputados/pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=99535)

<sup>9</sup> Fundada na cidade de Belém do Pará no ano de 1911 e conhecida dentro do sistema socioantropológico de classificação das religiões brasileiras como denominação pentecostal.

Urge abandonar de vez a atitude de simples observadores, atitude de expectativa, de aparente bem-estar, de indiferença e comodidade! Urge procurar ter a visão, clara e nítida, da gravidade indissfarçável desta hora nacional, angustiosa que estamos vivendo! URGE QUE A VOZ DOS EVANGÉLICOS DE TODO O BRASIL SE FAÇA OUVIR POR AQUELES QUE VIEREM A COMPOR A ASSEMBLEIA CONSTITUINTE, que decidirá dos problemas que afeta a vida espiritual e social do Brasil.

Esse Memorial foi escrito num encontro ecumênico entre igrejas, realizado na cidade do Rio de Janeiro. Ao texto subscreveram 24 pastores, todos eles pertencentes a igrejas consideradas de tradição protestante histórica, tais como Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Batista e Metodista. É interessante notar que, mesmo sendo um encontro entre pastores e fiéis de igrejas históricas, a “categoria evangélico” aparece como agregadora denominacional. Outro dado interessante que se pode destacar é o modo como esse documento tem sido usado para a construção de uma identidade dos sentidos do “ser evangélico”. O texto também faz referência à oposição ao catolicismo, que organizava suas atividades políticas frente à Constituinte pela Liga Eleitoral Católica.

O livro *Irmão vota em irmão* parece se inserir num debate semelhante ao discorrer sobre a importância de se discutir e participar da Constituinte, trazendo um panorama com a porcentagem de agentes religiosos, por religião, algo que deveria garantir por meio de cotas a porcentagem de delegados nas comissões votadas para a Assembleia. Assim, “se há 50% de católicos no país, eles deveriam eleger 50% de delegados na

Constituinte; se há 10% de espíritas, eles deveriam ter 10% dos parlamentares" (Sylvestre, 1986: 34). Segundo os dados apresentados no livro, o número de evangélicos na época somava 22 milhões de pessoas, o que correspondia a 18% da população nacional. Com isso, os evangélicos deveriam garantir esta mesma porcentagem representativa na Constituinte e na Assembleia Legislativa.

Como já citado, houve um primeiro manifesto à participação de evangélicos na Constituinte em 1934, nesta ocasião foi eleito como Deputado Guaracy Nogueira, pastor metodista, considerado o primeiro parlamentar de matriz "evangélica" (ver Campos *et al.*, 2010). Conta-se até esta época a eleição de apenas quatro parlamentares, todos oriundos de igrejas classificadas como protestantes históricas (dois Presbiterianos, um Batista e um Metodista). Desse período até o início da década de 1980, outros parlamentares foram eleitos, porém, somente a partir da década de 1990, com o fortalecimento político da igreja AD, o número de parlamentares evangélicos passou a crescer (Freston, 1993; Burity, 2007).

*Irmão vota em irmão* teve duas edições no mesmo ano, e em cada uma delas a tiragem foi de 10 mil exemplares. Além de apresentar uma exegese de algumas passagens bíblicas do Antigo Testamento – na qual interpreta o capítulo 20 do livro de Êxodo, também conhecido como o texto dos dez mandamentos como a carta constitucional de Israel; os líderes de Estado biografados na Bíblia como juízes e os reis como políticos; e a abstinência do voto como pecado de omissão –, o livro lança uma convocatória para o ano de 1986 e um cronograma de plenárias nacionais, convidando os fiéis da AD para a primeira turma do curso intitulado "Irmão vota em irmão: desafios e razões para a defesa do sufrágio evangélico". Nos documentos pesquisados no site da CPAD (Casa Publicadora das

Assembleias de Deus), encontrei algumas fotografias e referências a esses encontros na cidade de Brasília e no Rio de Janeiro. Não é possível com isso mensurar o alcance do livro, nem mesmo dos cursos, mas certamente, essa estratégia pedagógica pode ser considerada importante no processo de crescimento do envolvimento dos evangélicos de tradição pentecostal na política e do crescimento dos parlamentares evangélicos.

A circulação do livro se deu, sobretudo, nas plenárias organizadas pela AD, cujo título era "Os evangélicos e a Constituinte". Tais encontros se formaram junto com outras plenárias realizadas no período. A primeira que se tem notícia foi "Os Católicos e a Constituinte", organizada pela CNBB. Ocorridas nos anos de 1982 e 1983, tais reuniões resultaram no documento "Por uma nova ordem constitucional", que circulou por paróquias incitando fiéis católicos a participarem ativamente da redemocratização no país. Outra importante plenária ocorreu em 1985, sob o título de "A Mulher e a Constituinte", mobilização liderada pelo CNDM (Conselho Nacional dos Direitos da Mulher), que em 1986 organizou um encontro nacional, sintetizando as demandas desses ajuntamentos numa carta dirigida aos representantes na Constituinte, evento que resultou na "Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes". Dentre as propostas encaminhadas nessa carta, havia a revisão da lei que criminaliza o aborto e a legalização do aborto estavam entre os tópicos descritos

Em tom de manifesto, *Irmão vota em irmão* termina com a seguinte frase:

A Igreja Romana, os Comunistas, os heréticos adeptos do Rev. Moon, o Conselho Nacional dos

Direitos da Mulher, todos estão ativíssimos em função da Constituinte. E nós, evangélicos, vamos ficar de braços cruzados? (*Sylvestre, 1986: 106*)

É verdade que inicitivas desse tipo aparecem hoje como um dado recorrente em análises sociológicas sobre participação política de agentes religiosos que transitam na fronteira entre o secular e o religioso. Todavia, cabe-nos observar que o livro de Sylvestre pode ser considerado um instrumento fundamental para a constituição de um eleitorado evangélico, que na década de 1980 encontrava-se ainda em formação. Trata-se de uma narrativa submetida ao projeto de uma pedagogia de constituição do "evangélico", num sistema cuja dimensão da crença religiosa emerge atrelada a uma postura civil. O voto e a representatividade política desses agentes emergem seguindo a lógica dos movimentos sociais que se constituíram politicamente com base na fundação de associações de representação pública e no incentivo aos votos identitários. Portanto, a constituição do sufrágio evangélico deu-se alicerçada na produção de uma bandeira identitária que amenizasse algumas tensões cultivadas na relação entre denominações. Para tanto, foi preciso constituir uma categoria de identidade com um forte potencial de universalização: a categoria "evangélico" passou a ser, cada vez mais, a marca e a síntese dessa construção.

Dentre as fontes modernas de origem dessa categoria está um movimento teológico norte-americano do final do século XIX, a saber, o *Evangelicalismo*. O nome decorre da palavra "evangelho". Trata-se de uma corrente de exegese teológica da Bíblia, que se popularizou entre algumas igrejas norte-americanas. Os seguidores dessa teologia passaram a ser denominados de "evangélicos" ou "evangelicais".

O Evangelicalismo surgiu na região de fronteira agrícola no oeste dos Estados Unidos e tem raízes no Pietismo e no Metodismo britânico. No início do século XX, várias escolas teológicas norte-americanas aderiram a esse movimento, como o Fuller Theological Seminary (Pasadena, Califórnia), Talbot College (Califórnia), Wheaton College (Chicago) e Gordon Conwell Theological Seminary (Boston). A maioria delas responsáveis pelo envio de teólogos presbiterianos ao Brasil (ver mais em Mendonça & Velasques Filho, 2002). A emergência desse movimento teológico é devida, por um lado, ao crescimento nos EUA e em alguns países da Europa de um compromisso geracional ou apenas nominal com as denominações protestantes, e de outro lado, à consolidação de novas correntes teológicas liberais que sustentavam uma interpretação mais histórica e até mesmo sociológica da Bíblia. Estas tornaram-se notáveis pela exegese bíblica fundamentada na figura do Jesus histórico, a qual relativizava a dimensão divina de Jesus e, conseqüentemente, a necessidade da experiência de conversão. Os líderes do Evangelicalismo preocupavam-se em resgatar uma forma de exegese que era interpretada por eles como uma leitura verdadeira e mais espiritual dos evangelhos. Por meio de tal exercício, seriam recuperados, segundo eles, os atributos divinos de Jesus e a obrigatoriedade da experiência de salvação. Mesmo não havendo no Brasil uma oposição teológica aos pressupostos do Evangelicalismo, a categoria "evangélico" passou a ser usada para nominar pessoas convertidas à fé pregada nas igrejas de tradição protestante.

O espriamento da categoria "evangélico" como categoria de reconhecimento identitário dependeu do desenvolvimento de algumas estratégias, sinais e discursos de pertencimento. Ao contrário da categoria "protestante" – que,

fundamentada numa relação identitária com a Reforma Protestante, acabava por conferir um estatuto de ilegitimidade aos fiéis das igrejas pentecostais –, a categoria "evangélico" exigia como sinal de pertencimento a experiência de conversão<sup>10</sup>, e, aos poucos foi se tornando categoria legítima de reconhecimento de uma identidade de crença.

A eleição para a Constituinte, em 1986, apresentou relevante mudança em relação ao número de parlamentares que se autodeclaravam evangélicos pentecostais. A igreja AD, que contava com apenas dois parlamentares, conseguiu, a partir da formulação de uma pedagogia identitária do voto, eleger outros 18 parlamentares, transformando o Brasil no primeiro país declaradamente católico a ter um quadro significativo de parlamentares de tradição protestante (Freston, 1993). Este é o mesmo ano de fundação da Bancada Constituinte Evangélica, que ganhou novos parlamentares e grande visibilidade pública mediante algumas bandeiras que defendia, dentre as quais, a criminalização do aborto, que emerge sempre como essencial.

Nas últimas eleições federais ocorridas no ano de 2010, a bancada evangélica cresceu quase 100%. Antes desse período, a bancada era formada por 41 deputados e 2 senadores. No ano de 2011 a bancada passou a integrar 80 deputados (dos quais 33 foram reeleitos) e 3 senadores. Dentre os parlamentares eleitos, a maioria se diz filiado às igrejas AD, em segundo lugar vem a IURD<sup>11</sup> (Machado, 2012). No ano de 2011, um importante

---

<sup>10</sup> Um problema essencialmente de natureza teológica que, no percurso de realização de pesquisas a esse respeito, foi se construindo como categoria analítica (ver mais sobre essa questão na análise de Scheliga, 2010: 36-40).

<sup>11</sup> As demais igrejas citadas por parlamentares da bancada são: Igreja Batista, Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Maranata e Igreja Metodista.

integrante da bancada evangélica foi nomeado Ministro no Ministério da Pesca. Trata-se de Marcelo Crivella, bispo credenciado da IURD, senador eleito pelo PRB, e sobrinho do bispo Edir Macedo. Crivella é filho de Eris Bezerra, irmã de Edir Macedo, desde a adolescência frequentava a Igreja Nova Vida. Mudou-se para a Igreja Universal na década de 1980, quando foi consagrado bispo e enviado para a África do Sul, para abrir uma missão da igreja (ver Macedo, 2012).

Foi a partir da década de 1990 que a igreja AD passou a dividir a centralidade de mobilização eleitoral e de formação de candidatos evangélicos com a IURD. Esta lançou-se na arena política constituindo aliança com parlamentares de diferentes diretrizes e filiações partidárias, contrariando em parte os princípios políticos defendidos pela AD (Freston, 1993; Giumbelli, 2004). Um exemplo dessa força política foi demonstrado claramente durante a prisão de Edir Macedo em 1992, fato que suscitou uma série de manifestações políticas, na época Macedo recebeu visitas de líderes religiosos nacionalmente reconhecidos tais como Reverendo Caio Fábio de Araujo Filho, que pertencia a Igreja Presbiteriana do Brasil e Silas Malafaia, bem como de lideranças políticas tais como Luiz Inácio Lula da Silva.

Enquanto a estratégia de campo da AD consistia fundamentalmente no apoio a fiéis pastores que se sentiam vocacionados para o serviço público e na conquista de votos para esses pastores (algo que dependia menos de uma instituição centralizadora como a Conamad do que das negociações entre os frequentadores das comunidades), a estratégia da IURD seguia de forma mais centralizada. Há até hoje uma espécie de "departamento" político que treina e agencia candidatos para as eleições. Outra estratégia adotada pela IURD foi constituir

alianças políticas que resultaram na formação de um partido, como descreverei a seguir.

Apesar de Marcelo Crivella ocupar o cargo de ministro no Executivo, inaugurando assim o ingresso de integrantes da bancada evangélica para além do Legislativo, o exame de alguns documentos e recortes de jornais mantidos pela IURD<sup>12</sup> em sua sede na cidade de São Paulo sugere a existência de outro agente no processo de mobilização e pedagogização do voto na IURD: o ex-bispo e ex-deputado federal Carlos Rodrigues. Consagrado entre os membros fundadores da IURD, Bispo Rodrigues, como ficou conhecido na mídia, foi considerado por Edir Macedo seu braço direito na igreja (ver Macedo, 2012). Seu nome aparece como responsável pela implantação da IURD nos estados de Sergipe, Pernambuco, São Paulo, Espírito Santo e Rio Grande do Sul, e nos seguintes países: Argentina, África do Sul, Moçambique, Angola, Portugal e Espanha. Também é bastante citado no processo de compra da Rede Record de Televisão. Participou da implantação da Rede Família de Televisão, que também é ligada à igreja. Está entre os responsáveis pela fundação do jornal *Folha Universal* e da Editora Gráfica Universal (Unipro).

---

<sup>12</sup> Trata-se de algumas atas de reuniões, fotografias, recortes de jornais e algumas publicações que circularam internamente na igreja. Esses documentos foram consultados com a ajuda de algumas obreiras, porém, não obtive qualquer autorização para registrar, fotografar ou mesmo para citá-los na íntegra.

Tornando-se coordenador político da igreja ainda na década de 1990, Carlos Rodrigues filiou-se juntamente com outros bispos ao Partido da Frente Liberal (PFL), atualmente DEM (Partido Democratas), sendo eleito deputado federal em 1997, quando passou a atuar como um dos líderes da bancada evangélica. Em 1999, Bispo Rodrigues volta a ser eleito, mas desta vez pelo Partido Liberal (PL), tornando-se vice-presidente da coligação nacional de três importantes partidos. Nesse mesmo partido, Marcelo Crivella foi eleito em 2002 como senador da República.

O modelo de pedagogia de voto liderado por Rodrigues ia desde a escolha, entre bispos e pastores, daqueles com aptidão para o "ministério da política", até o treinamento dos candidatos e dos eleitores. A busca por uma espécie de "carisma" está sempre muito presente nos documentos. Tanto para a preparação e a consagração de pastores e bispos, como para a separação daqueles que desejavam atuar na carreira política. Esse "carisma", quando reconhecido, funciona como um meio de legitimidade da vocação, seja para o ministério pastoral, seja para o ministério público (ver Macedo & Oliveira, 2008).

Em 2002, 54 deputados federais e estaduais eleitos pertenciam à IURD. Isso fez com que aumentassem as discussões para a formação de um partido político nacional. Em 2003 uma campanha realizada sobretudo nos templos do Rio de Janeiro e de São Paulo recolheu 450 mil assinaturas de membros eleitores para o documento de pedido de regulamentação da fundação de um novo partido político, que tem sua abertura autorizada, no mesmo ano, sob o nome de Partido Municipalista Renovador (PMR). Seu reconhecimento se deu em 2005, quando realizou em Brasília a primeira convenção nacional, e mediante outros acordos políticos, mudou seu nome para Partido Republicano Brasileiro (PRB). Nesse período, a atuação do

Bispo Rodrigues diminuiu devido a sérias acusações de corrupção pública<sup>13</sup>, abrindo espaço para que Marcelo Crivella se tornasse o principal parlamentar do novo partido, juntamente com José de Alencar, que foi vice-presidente no governo Lula. Bispo Rodrigues foi desligado do seu vínculo como bispo da IURD em 2004, após comprovação do seu envolvimento em dois importantes escândalos de corrupção política: O escândalo dos bingos e a máfia das sanguessugas. Renunciou, em 12 de setembro de 2005, ao mandato de Deputado Federal, na legislatura 2003-2007, após ser acusado de envolvimento no Mensalão

A atuação desses agentes, a partir de estratégias que passam a configurar uma participação institucionalizada na política, remete-nos novamente às relações entre agências religiosas e esfera pública. Giumbelli (2004), resgata o percurso moderno de produção do Estado moderno, fundamentado no suposto da secularização. Segundo ele, a tradição moderna consolidou, a partir da segunda metade do século XIX, por meio da consagração de um dispositivo institucional que garantisse a extinção completa de restrições civis e políticas a frequentadores de religiões consideradas minoritárias, o princípio de liberdade religiosa. Esse dispositivo é o Estado, que para não privilegiar determinada vertente religiosa, se constituiu mediante a produção de leis que garantissem sua autonomia perante credos e o princípio da igualdade de condições para qualquer denominação religiosa (*ibidem*: 45).

---

<sup>13</sup> Fonte: <http://www2.camara.gov.br/deputados/pesquisa>

No Brasil, com o predomínio da Igreja Católica e a necessidade de se realizar uma reforma econômica<sup>14</sup>, o princípio da liberdade religiosa esteve entre as diretrizes da formação do Estado e da primeira Constituição. O Estado passou a garantir aos agentes religiosos o direito de professarem suas religiões, e, às religiões, o estatuto de atuarem como tal. Pode-se dizer, assim, que o mesmo processo que garantiu a separação entre Estado e denominações religiosas constituiu, também, dispositivos que auxiliaram na produção de organizações paraestatais de ação e representação na esfera pública por parte de determinadas agências de fé.

Campos *et al.* (2010) apresentam uma análise detalhada da participação dos evangélicos na política nacional, discorrendo de forma mais específica acerca do período em que considera o crescimento do número de parlamentares religiosos e o fortalecimento da bancada evangélica. Com isso, demonstram um paralelo entre a relação dos evangélicos com a política e com a Igreja Católica. Os autores classificam a relação dos evangélicos na política – e, conseqüentemente, sua postura em relação ao catolicismo – em quatro períodos históricos. O primeiro deles é visto como "apolítico", fase em que houve um predomínio de uma postura contrária ao envolvimento de evangélicos com partidos e assuntos concernentes à política. No

---

<sup>14</sup> Alguns personagens considerados influentes começaram a estabelecer uma relação entre avanço econômico e retrocesso religioso, comparando a crise da península ibérica a relação de predomínio com a Igreja Católica. Enquanto países europeus de população predominantemente protestante, ditavam as regras do avanço econômico. Ruy Barbosa e Joaquim Nabuco são importantes referências dessa crítica, citando como fonte, as análises do literato português Antero de Quental e os textos sobre o Federalismo norte americano. Tais escritos transformam-se em referências centrais na constituição de um Estado brasileiro, laico por definição.

segundo período já é possível observar uma pequena transformação em relação ao primeiro: é quando ocorrem os primeiros movimentos de inserção política partidária, ainda com o final da República Velha. O terceiro período é marcado pela participação e, até mesmo, pela adesão ao populismo varguista, ao que se segue uma adesão às estratégias militares da ditadura. Por fim, o quarto e último período diz respeito à chamada redemocratização. Em relação ao catolicismo, Campos *et al.* (2010) argumentam que os dois primeiros períodos foram marcados por um forte movimento de anticatolicismo, quando protestantes – em sua maioria, imigrantes, com a finalidade de proteger sua liberdade de culto e suas terras – aderiram ao discurso republicano e ao projeto de laicização do Estado. O terceiro período foi marcado ainda por um forte medo do catolicismo devido a seu predomínio em todas as camadas sociais, acompanhado também pelo terror ao comunismo. A última fase, a saber, a da redemocratização do Estado brasileiro, se caracteriza pelo surgimento do "político de Cristo", alguém que pedia voto pelas igrejas para defender os interesses de suas respectivas confissões religiosas, seguindo a mesma lógica da Constituinte, que, como já vimos, seguiu-se num processo de regulação das particularidades e das diferenças. O livro *Irmão vota em irmão* traz em seus anexos algumas reportagens jornalísticas do período de redemocratização e alguns documentos da CNBB nos quais é tematizada a importância do voto católico. Esses documentos – sempre sintetizados em frases como "se até os católicos estão fazendo algo pela política, por que nós evangélicos não podemos fazer?" – são mobilizados com o intuito de despertar evangélicos para o voto.

Vale ressaltar que, mediante o caráter situacional de formação de algumas bancadas parlamentares e o modelo de constituição das comissões (como veremos a seguir), há hoje

forte liderança de parlamentares evangélicos em comissões importantes, o que nos remete a novas posições de agentes religiosos no debate nacional sobre o aborto. Nesse novo quadro de acontecimentos, agentes representantes de instituições católicas passam a dividir a arena de debates com agentes e algumas agências evangélicas, as quais passam a discutir publicamente seus posicionamentos frente à questão do aborto.

### **1.3. O Estado, o Bispo e a controvérsia**

Pode-se considerar a primeira década do século XXI fundamental para a circulação de discursos e a ampliação dos debates que compõem o que denomino *quadro de controvérsias sobre o aborto*<sup>15</sup>. Parte dessa circulação se deu na arena política, suscitando as ações do Poder Executivo que nomeou em 2005 uma Comissão Tripartite, cujo objetivo central foi apresentar um projeto de lei para rever as sanções de criminalização do aborto e a legalização da prática abortiva. Seguindo o mesmo modelo das comissões formadas durante a Constituinte, a Comissão Tripartite é formada por parlamentares, especialistas e representantes da sociedade civil, e atua em âmbito federal. Em fóruns de abrangência nacional, estadual e regional, é de fundamental importância para a sustentabilidade e governabilidade da construção consensual das regras de uma gestão compartilhada. Esse mesmo modelo de comissão pode se realizar em âmbito estadual e municipal. No primeiro, recebe o nome de Bipartite e no segundo, de fórum Regional.

A Comissão Tripartite foi responsável pela elaboração, no ano de 2009, do III Programa Nacional dos Direitos

---

<sup>15</sup> Trata-se de uma planilha na qual reuni vários discursos que cruzavam a temática do aborto e religião entre os anos de 2007 a 2010.

Humanos – PNDH-3, que se estabeleceu como uma das primeiras ações políticas da Secretaria dos Direitos Humanos. O projeto consiste em sistematizar algumas políticas do governo em concordância com uma determinada noção de direitos humanos e civis, tendo como diretriz principal a laicidade do Estado, ponto gerador de intenso debate em 2010, ano de sua possível aprovação (ver L. Machado, 2008 e 2010; e M. Machado, 2012).

A ação do Executivo foi suscitada pela realização de fóruns municipais simultâneos, ocorridos no primeiro semestre ano de 2004, que originaram, no início do segundo semestre daquele mesmo ano, uma conferência nacional, dirigida pela então deputada federal Jandira Feghali, filiada ao PCdoB do Rio de Janeiro, que presidia a Comissão de Saúde, Seguridade e Família. A função da comissão consistia em discutir projetos de lei relacionados a saúde, previdência e assistência social. A Comissão de Seguridade e Família pertence ao quadro de comissões permanentes da Câmara Federal dos Deputados, por ela passam todos os assuntos referentes à saúde pública. Os integrantes dessa comissão são deputados pertencentes às frentes parlamentares.

Essa mesma Comissão Tripartite produziu, no ano de 2006, um relatório em que apresentava dados e conclusões coletados durante o ano anterior. A Comissão de Saúde, Seguridade e Família, que recebeu o relatório, demonstrou forte oposição ao conteúdo geral nele apresentado. Toda essa movimentação frente à produção e possível aprovação de um projeto de lei para a descriminalização do aborto e sua legalização fomentou o fortalecimento da *Frente Parlamentar contra o Aborto em Defesa da Vida*, depois denominada de *Frente Mista* (hoje com pouco mais de 200 integrantes). Os parlamentares dessa frente são responsáveis pela criação do

Encontro Brasileiro de Legisladores e Governantes pela Vida. Trata-se de uma plenária anual que, em 2011, ocorreu pela quarta vez, reunindo representantes políticos e representantes de associações da sociedade civil voltados para a discussão de medidas de garantia da permanência da lei de criminalização do aborto. A *Frente* foi fundada no ano de 2005, porém, os anos de 2006 e 2007 podem ser considerados imprescindíveis para a institucionalização de suas atividades – em 2006 organizou em Brasília a Plenária Nacional dos Movimentos em Defesa da Vida, e em 2007 conquistou grande visibilidade pública ao liderar a petição junto ao Judiciário para a abertura de um processo criminal contra uma clínica que realizava abortos clandestinos no estado do Mato Grosso do Sul. A militância de Luis Bassuma, então deputado pelo PT da Bahia foi fundamental no processo de denúncia e criminalização das mulheres de Mato Grosso do Sul.

O posicionamento explícito de Bassuma frente à criminalização do aborto suscitou inúmeros conflitos junto ao PT, o que provocou seu afastamento. Recentemente, Bassuma tentou filiar-se ao PSOL, mas a possível aliança também gerou inúmeros protestos no partido<sup>16</sup>, levando-o a filiar-se junto ao PV. Descrito (em redes sociais, blogues e em reportagens) como importante militante das posições éticas defendidas por agências religiosas na Comissão de Saúde, Seguridade e Família, não raro Bassuma aparece citado como membro da bancada evangélica, o que o coloca no posicionamento de diversas frentes que defendem a legalização do aborto, como um risco personificado para os princípios do Estado laico<sup>17</sup>. O Deputado, porém, se

---

<sup>16</sup> Ver "Secretário Geral do PSOL comenta pedido de filiação de Bassuma" [www.blogfolha.com/?p=27011](http://www.blogfolha.com/?p=27011)

<sup>17</sup> Ver <http://estadolaicorio.blogspot.com.br/p/manifesto.html>

declara espírita, membro da Federação Espírita Nacional e fundador da bancada espírita no Congresso Nacional.

Mesmo declarando-se espírita, Bassuma sempre manteve relações estreitas com importantes representantes da bancada evangélica, o que funcionou como estratégia na regulamentação do Estatuto do Nascituro (PL 478/07), projeto de autoria de Bassuma, aprovado em maio de 2010. Num episódio ocorrido tempos atrás, as fronteiras religiosas entre Bassuma e líderes da bancada evangélica ganharam interesse na mídia, pois, em 2011, ao encerrar, no Congresso Nacional, a sessão comemorativa do bicentenário do nascimento de Allan Kardec, Bassuma pede permissão a seus pares para incorporar o espírito do fundador do Espiritismo. Isso gerou indignação dos evangélicos presentes na sessão, que levantaram-se em protesto a tal acontecimento por infligir a liberdade religiosa individual<sup>18</sup> dos participantes e ferir os princípios do Estado laico<sup>19</sup>. Após esse momento de tensão, os membros da bancada evangélica passaram a divulgar no *Twitter* e em seus blogues que Bassuma nunca foi da bancada evangélica.

\*\*\*

O ano de 2007 pode ser considerado fundamental para a circulação de argumentos na controvérsia sobre o aborto no contexto religioso. Logo no início do mês de maio, o Papa Bento XVI esteve no país e a legalização do aborto foi um assunto de destaque em seus discursos. Isso se deu como uma espécie de continuidade ao movimento endossado pela CNBB que havia publicado, alguns meses antes, uma nota desaprovando tanto a

---

<sup>18</sup> Evangélicos têm permissão para realizar cultos no salão principal do Congresso, antes de iniciar algumas sessões.

<sup>19</sup> Ver <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI411803-EI306.00-Deputado+recebe+espírito+em+sessao+no+Congresso.html>.

possível realização de um plebiscito sobre a legalização do aborto, como a votação do PL 1135/91 que, escrito ainda em meados da década de 1990, previa a descriminalização da prática do aborto. Em 1991, o Projeto de Lei – PL 1135/91 tendente a abolir a restrição, de autoria dos deputados Eduardo Jorge e Sandra Starling, ambos do PT (SP e MG respectivamente), iniciou sua tramitação na Câmara dos Deputados. Posteriormente, somaram-se a ele outros projetos relativos ao tema, alguns favoráveis à descriminalização e outros tendentes a aumentar as restrições sobre a prática do aborto (ver Gomes, 2009).

No mesmo período a agência de notícias da Câmara dos Deputados publicou a seguinte reportagem: "Frentes parlamentares se mobilizam contra o aborto"<sup>20</sup>. A reportagem apresentou a existência de quatro frentes parlamentares contrárias ao projeto de legalização: Frente Parlamentar Evangélica; Frente Parlamentar contra a Legalização do Aborto – Pelo Direito a Vida; Frente Parlamentar da Família e Apoio à Vida; Frente Parlamentar em Defesa da Vida – Contra o Aborto (as duas últimas se fundiram, como citado nos parágrafos anteriores). Tais grupos formados por alguns membros da "bancada dos evangélicos" e alguns parlamentares pertencentes à vertente carismática do catolicismo, bem como do espiritismo (em que Bassuma se torna a principal referência), se opunham não apenas à aprovação, mas também à votação do PL 1137/91, tendo como argumento central que a "vida é um dom de Deus". É necessário ressaltar que, para além de discutir a legalização do aborto, tais frentes se uniram na tentativa de reforçar os

---

<sup>20</sup> Ver <http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/103204.html> (acessado em 10/01/2011).

argumentos em defesa de uma criminalização ainda maior da prática do aborto induzido (Gomes, 2009).

Todo o debate parlamentar seguiu-se da realização de audiências públicas cujo objetivo era captar a chamada opinião pública por meio de pesquisas de foco quantitativo difundidas em todo o país. A divulgação desses dados suscitou reportagens como a que foi publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* de 22 de outubro de 2007, intitulada "*Brasileiro é contra o aborto*", com 87% dos brasileiros moralmente contrários a esta prática".

Em outubro de 2007, mês marcado para possível votação do PL 1135/91, numa entrevista concedida ao jornal *Folha de S. Paulo* em virtude do lançamento de sua biografia, Edir Macedo Bezerra declarou sua posição com relação ao aborto e à sua legalização. Apresento, agora, o trecho da entrevista na íntegra:

Sou favorável à descriminalização do aborto por muitas razões. Porém, aí vão algumas das mais importantes:

1) Muitas mulheres têm perdido a vida em clínicas de fundo de quintal. Se o aborto fosse legalizado, elas não correriam risco de morte;

2) O que é menos doloroso: aborto ou ter crianças vivendo como camundongos nos lixões de nossas cidades, sem infância, sem saúde, sem escola, sem alimentação e sem qualquer perspectiva de um futuro melhor? E o que dizer das comissionadas pelos traficantes de drogas?

3) A quem interessa uma multidão de crianças sem pais, sem amor e sem ninguém?

4) O que os que são contra o aborto têm feito pelas crianças abandonadas?

5) Por que a resistência ao planejamento familiar? Acredito, sim, que o aborto diminuiria em muito a violência no Brasil, haja vista não haver uma política séria voltada para a criança.

FOLHA – "Deus deu a vida e só Ele pode tirá-la", segundo a Bíblia. Não é contraditório um líder cristão defender o aborto?

A criança não vem pela vontade de Deus. A criança gerada de um estupro seria de Deus? Não do meu Deus! Ela simplesmente é gerada pela relação sexual e nada mais além disso. Deus deu a vida ao primeiro homem e à primeira mulher. Os demais foram gerados por estes.

O que a Bíblia ensina é que se alguém gerar cem filhos e viver muitos anos, até avançada idade, e se a sua alma não se fartar do bem, e além disso não tiver sepultura, digo que um aborto é mais feliz do que ele (Eclesiastes 6.3). Não acredito que algo, ainda informe, seja uma vida.

A entrevista foi publicada em 13 de outubro de 2007. É exatamente nesse período que Edir Macedo, que não se pronunciava na grande mídia desde 1995, volta à cena. Esse pode ser considerado um ano essencial no que diz respeito ao surgimento de novos mecanismos de visibilidade pública ligados à IURD. Em 2007 houve a inauguração do canal de televisão *Record News*, e o lançamento do livro *O Bispo*, a bibliografia de Edir Macedo. Certamente, esses acontecimentos serviram de contexto para a entrevista acima apresentada.

O argumento pró-aborto de Edir Macedo parece estabelecer uma estreita relação entre pobreza e expectativa de vida. O aborto deveria tornar-se uma prática legal para gerenciar

o nascimento e, conseqüentemente, diminuir a pobreza, sendo admitido como uma política de planejamento familiar<sup>21</sup>. Ao responder a interpelação acerca de sua posição de sacerdote, vida e nascimento aparecem não mais interpretadas como ação direta de Deus, mas como resultado de um processo de gerenciamento humano sobre o mundo. O trecho bíblico citado por Edir Macedo para falar sobre o aborto diz respeito a um breve trecho do livro de Eclesiastes, texto de autoria de Salomão, que adverte sobre a importância de se viver com qualidade de vida e bens materiais. Segundo interpretação do bispo, Salomão recomenda o aborto à ausência de um desses quesitos.

Para além de tudo que já havia sido publicizado sobre essa questão naquele ano, a divulgação das palavras do bispo suscitou inúmeras discussões acerca dos direitos reprodutivos dando ainda mais visibilidade ao posicionamento de agentes religiosos no quadro da *controvérsia sobre o aborto*. O quadro de posições de discursos da *controvérsia* retoma, basicamente, a questão feita pelo jornalista, na entrevista acima apresentada: "*Não é contraditório um líder cristão defender o aborto?*"

Dentre os diversos discursos publicados, podemos destacar o seguinte:

IURD e Rede Record – A Favor do Aborto e  
Contra a Vida

O CACP (Centro Apologético Cristão de  
Pesquisas) tem há muito tempo denunciado as

---

<sup>21</sup> Para alguns teóricos do gênero, esses discursos podem ser classificados como economicista, pois consideram que o mais importante resultado da clandestinidade da prática abortiva tem caráter econômico (Ver Diniz & Vélez, 2008).

contradições da IURD (Que Reino é Este?). Mas agora, entendemos que o Bispo Macedo e a Rede Record foram longe demais. Em uma contextualização bíblica, podemos concluir que tal ato coloca a IURD como uma denominação religiosa apóstata, com requinte herético que supera até mesmo a Igreja Católica Romana!!! Qualquer pessoa que realmente entenda o que é ser cristão não deve pertencer a essa denominação anticristã e pró-aborto (A Legalização do Aborto).<sup>22</sup>

Esse texto foi postado dois dias após a divulgação da entrevista de Edir Macedo, pelo então presidente do Centro, Pastor Joaquim de Andrade, ligado à Igreja Assembleia de Deus e apresentado no *site* da instituição como conferencista internacional, especialista no diagnóstico de seitas e distorções teológicas consideradas graves. O Centro Apologético Cristão de Pesquisas foi fundado em 1998 por alguns teólogos ligados a ministérios da Igreja Assembleia de Deus (AD) e seu reconhecimento se dá mediante pesquisas que realiza e cursos que oferece com o intuito de analisar algumas denominações religiosas conferindo a elas o título de religião ou seita. Além do *site*, o principal meio de divulgação das pesquisas desenvolvidas pelo instituto é a *Revista Apologética Cristã*, que surgiu de uma parceira com a Associação Brasileira de Apologistas Cristãos (ABAC). No material de cursos divulgado pelo CACP, tanto a IURD como a Igreja Católica são apresentadas como seitas. Para eles, uma seita pode ser caracterizada pelo distanciamento

---

<sup>22</sup>Ver

[www.cacp.org.br/iurd/artigo.aspx?lng=PTBR&article=1233&menu=18&submenu=2/](http://www.cacp.org.br/iurd/artigo.aspx?lng=PTBR&article=1233&menu=18&submenu=2/) (Acessado em 22/07/2008).

doutrinário da Bíblia e pela produção de falsos profetas. Segundo a leitura que apresentam da IURD, dentre as características a que qualificam como seita e Edir Macedo como falso profeta estão a doutrina da prosperidade e os depoimentos sobre o aborto. Ao divulgar a primeira nota sobre o discurso de Edir Macedo, o editor do CACP opta por grifar a oposição entre *aborto* e *vida*, ressaltando que a IURD, por ser favorável ao aborto, seria contrária à vida. Nesse momento a posicionamento do líder se confunde com a posição institucional da igreja, ela (IURD) e ele (Bispo Macedo) assumem a mesma posição.

Em 2010, o *site* do CACP divulgou o vídeo no qual Macedo aparece falando sobre aborto com a seguinte nota:

Edir Macedo e sua adoração pelo aborto

Como definir alguém que diz "ADORAR" falar sobre aborto? O aborto não é considerado uma forma de planejamento familiar em nenhum lugar do mundo. Ao contrário: ele decorre justamente da falta de planejamento.

Macedo desenvolverá a tese, que certa vigarice economicista andou abraçando, segundo a qual a legalização do aborto eleva a qualidade de vida das sociedades, diminui a violência etc. Ainda que fosse verdade, é o caso de considerar que há um monte de ideias imorais que "funcionam". Que tal eliminar, por exemplo, todos os portadores de uma doença infecto-contagiosa? Não duvidem de que o "problema" estará resolvido. Que tal suspender o tratamento de doenças crônicas de pessoas que já não são mais economicamente ativas? Vamos economizar bastante — e alguém ainda poderá dizer que investir nos jovens é muito mais "produtivo". Esse raciocínio — de Macedo,

de certos indecorosos que falam "enquanto economistas" e, no caso, dos abortistas de maneira geral — nada mais é do que a justificação do mal.<sup>23</sup>

É interessante notar que, mesmo mantendo um posicionamento contrário à legalização do aborto, a Igreja Católica também aparece como seita na classificação por eles apresentada. Nesse caso, o marcador doutrinário utilizado está no "culto aos santos", o que, segundo a organização em questão, configuraria desobediência aos mandamentos bíblicos. Nesse sentido, a Igreja Católica é descrita como seita ao promover a adoração de "imagens", e a IURD, tanto pela adoração que promove ao dinheiro quanto, no caso da fala do bispo, pela defesa do aborto.

O CACP fez uma importante campanha no ano de 2009 ao divulgar, entre as igrejas dos pastores filiados, as diretrizes do estatuto do nascituro. Em outubro de 2010, passou a produzir vídeos cujo objetivo consistia em falar sobre as implicações científicas e teológicas de se praticar ou defender o aborto. Num dos vídeos o discurso de Edir Macedo é proferido e classificado como eugênico, uma vez que sua defesa ao aborto nada mais seria do que uma forma de disseminação da eugenia outrora pregada por Hitler<sup>24</sup>. Segundo a fala de Macedo, somente as crianças "bem-nascidas" deveriam sobreviver.

---

<sup>23</sup>Ver

[www.cacp.org.br/iurd/artigo.aspx?lng=PT-BR&article=2469&menu=18&submenu=2](http://www.cacp.org.br/iurd/artigo.aspx?lng=PT-BR&article=2469&menu=18&submenu=2)

(Acessado em 12/06/2011).

<sup>24</sup>Ver

[www.youtube.com/watch?v=z3fTAvluKfA&feature=player\\_embedded](http://www.youtube.com/watch?v=z3fTAvluKfA&feature=player_embedded)

(acessado em 10/02/2011).

Outros agentes religiosos importantes envolvidos nesse processo são algumas associações ligadas à Igreja Católica. O ano de 2008 começou com o lançamento da Campanha da Fraternidade, cujo tema foi "Escolhe, pois, a vida". A proposta da campanha consistia em apresentar a prática do aborto e da eutanásia como uma agressão à concepção teológica de vida. O lançamento oficial ocorreu no mês de fevereiro de 2008, logo após o Carnaval, com a realização de uma missa na Catedral da Praça da Sé, em São Paulo. A campanha – que trazia em seu cartaz de propaganda a fotografia de um bebê recém-nascido deitado sobre grandes mãos negras – propiciou um calendário de atividades em inúmeras instituições católicas, reunindo clérigos, profissionais e cientistas empenhados numa categorização de vida que, segundo eles, extrapolaria os domínios do religioso e teria plena legitimidade do ponto de vista dos argumentos científicos.

Em resposta à mídia de divulgação da Campanha da Fraternidade, a Rede Record passou a exibir uma propaganda que falava sobre o direito de decisão da mulher<sup>25</sup> e terminava com a seguinte afirmação:

Fomos à luta e conquistamos nosso direito ao voto,  
Fomos à luta e conquistamos nosso espaço no  
mercado de trabalho, agora querem impedir nosso  
direito de domínio do próprio corpo?  
Aborto, porque toda a mulher sempre é capaz de  
decidir sobre o que é importante [...]  
Rede Record, responsabilidade social.

---

<sup>25</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=pSWMLtTzbnA>  
(acessado em 17/02/2009 e 12/01/2011).

Na época, o bispo Honorilton Gonçalves, vice-presidente da emissora, afirmou, em entrevista concedida à *Folha de S. Paulo*, que a propaganda era fruto de uma orientação direta do bispo Edir Macedo, "que nos pediu que conscientizássemos a sociedade da importância da mulher poder decidir sobre seu próprio destino". Segundo ele, não apenas o que se exhibe "secularmente" na emissora, mas também a programação de caráter evangélico que vai ao ar nas madrugadas, "*atende seu propósito, que é mostrar que a Igreja Universal [4.748 templos e 9.660 pastores] tem a mente aberta. Está preparada para discutir qualquer assunto: aborto, planejamento familiar, adoção de crianças por homossexuais*"<sup>26</sup>. Tal suposto novamente nos remete ao questionamento apresentado pelo jornalista que entrevistou o bispo Edir Macedo e que permeia como uma espécie denexo discursivo os argumentos sobre a legalização do aborto: "*não é contraditório um líder cristão defender o aborto?*" Os argumentos acerca do aborto como política de planejamento familiar, ou até mesmo, do direito de decisão da mulher sobre o seu corpo nos remetem a uma noção muito específica de direito, que no caso da IURD está fortemente relacionada à Teologia da Prosperidade (TP), como desenvolverei a seguir.

No ano de 2009 houve um número ainda mais significativo de argumentações de Edir Macedo a respeito do debate sobre a legalização do aborto. O evento que propiciou tal circulação foi o episódio ocorrido com uma menina de 9 anos que, estuprada pelo padrasto, engravidou de gêmeos, o que configurava uma gravidez de altíssimo risco. Ela foi submetida ao aborto e a licitude do ato foi objeto de grande polêmica,

---

<sup>26</sup> Reportagem publicada na *Folha de S. Paulo*, editada e publicada em [www.mulheresdeolho.org.br/?p=245](http://www.mulheresdeolho.org.br/?p=245) (acessado em 21/10/2008).

mesmo estando o caso enquadrado como legal<sup>27</sup>. Os veículos de divulgação do caso descreviam a situação reforçando a oposição entre clérigos e representantes dos movimentos sociais. Quem ocupou certa centralidade no caso foi o bispo da arquidiocese de Olinda, que optou por excomungar a mãe da menina (que fez as denúncias) e o médico (que realizou o procedimento abortivo). Nesse evento, além do discurso do bispo Edir Macedo, o posicionamento de outros clérigos evangélicos foi divulgado, na grande maioria dos casos, a intenção era condenar a postura do bispo de Olinda, apoiando a prática abortiva em caso de estupro.

Dentre os argumentos coletados na época destaco o que foi publicado no *site* da Igreja Presbiteriana do Brasil:

Há duas indicações legais no abortamento previsto em lei, que é o estupro e o risco de vida. Ela está incluída nos dois<sup>28</sup>

O outro discurso foi extraído do blogue de um pastor de um dos ministérios da Igreja Assembleia de Deus, da cidade de São Paulo:

O arcebispo José Cardoso Sobrinho é a expressão do catolicismo tardio, irreal... agora, a gente espera que essa pessoa, em momentos de reflexão, não espere a hora da morte para se arrepender.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> A prática do aborto é proibida no Brasil pelo Código Penal desde a instituição do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. As exceções são para gravidez que implique risco de morte para a gestante e aquela derivada de estupro.

<sup>28</sup> Ver <http://www.ipb.org.br/portal/> (acessado em 07/08/2009).

Na argumentação desses dois clérigos o aborto emerge como algo necessário e previsto por lei. Uma decisão esperada, fruto de uma visão racionalizada, o que parece contrária a visão do bispo católico, que seria representante do tardio e do irreal.

Sobre essa questão Edir Macedo divulgou no seu blogue quatro postagens defendendo, não apenas a legalização do aborto, mas a necessidade da prática abortiva em caso de gravidez não planejada. Na primeira postagem ele edita a nota publicada no *site* da ONG *Católicas pelo direito de decidir*. Trata-se de uma ONG fundada no ano de 1993 que se autodeclara feminista e afirma ter o diálogo inter-religioso como objetivo fundamental de suas políticas<sup>30</sup>:

O que pode levar alguém a desejar obrigar uma criança, com risco de sua própria vida, a manter uma gravidez fruto de uma inominável violência? Rígidos princípios religiosos? Ou insanidade e crueldade? Para nossa surpresa – e indignação! –, entretanto, houve uma intensa movimentação de militantes religiosos contra a interrupção dessa gravidez tão perigosa, sob todos os aspectos, para essa pequena criança de nove anos. Até mesmo ameaça de excomunhão houve! Sob o argumento da defesa da vida, essas pessoas não se importaram em nenhum momento nem com a violência já sofrida por ela, nem com a real possibilidade que havia de a menina perder a própria vida. Se essa criança – que tem existência real e concreta, com uma história de vida, relações pessoais, afetos, sentimentos e pensamentos, enfim –, se essa

---

<sup>29</sup> Ver <https://blogdomarcosserafim.blogspot.com/2009/03/polemica-no-arcebispo-de-olinda.html> (acessado em agosto de 2009).

<sup>30</sup> Ver [www.catolicas.org.br/institucional](http://www.catolicas.org.br/institucional) (acessado em 22/10/2010).

menina não merece ter sua vida protegida, trata-se de defender a vida de quem? De uma vida em potencial ou um conceito, uma abstração? Quem tem o direito de condenar à morte uma pessoa em nome de se defender uma possibilidade de vida que ainda não se concretizou e não tem existência própria e autônoma?<sup>31</sup>

Ao divulgar o trecho em seu *site*, Macedo não dá créditos à ONG. Na publicação há o endereço eletrônico da postagem original, porém, não há no *site* qualquer grifo ou referência ao portal. Outro dado relevante diz respeito à edição da mensagem: o trecho publicado no *site* de Macedo desprezou trechos que explicitavam informações como a luta do movimento feminista e o direito da mulher de decisão ou domínio sobre o seu próprio corpo. Mesmo deixando de lado as questões que pontuei acima, os trechos mobilizados com a edição da publicação das *Católicas pelo direito de decidir* configuram uma importante mostra da visão teológica difundida na IURD, de modo que falar sobre aborto, sobre direitos e sobre domínio do corpo mobiliza sentidos distintos do que fora expressamente defendido pelo campo de lutas do feminismo. Ao contrário do pensamento que capacita o indivíduo de direitos na medida em que este se compreende como autônomo em relação à divindade, na visão de Edir Macedo, é a relação com a divindade que garante o direito ao domínio do corpo. O trecho demonstra também o modo como entende a vida: o embrião e o feto são considerados "vida em abstração". Esse estágio é marcado pela ausência de

---

<sup>31</sup> Ver [www.bispomacedo.com.br/blog](http://www.bispomacedo.com.br/blog) (acessado em 03/2009). O texto pode ser encontrado na íntegra em: [www.sidneyrezende.com/noticia/32310+brasil++insanidade+crueledade+ou+princípios+cristãos](http://www.sidneyrezende.com/noticia/32310+brasil++insanidade+crueledade+ou+princípios+cristãos) (acessado em 08/03/2009).

autonomia da própria existência, bem como de trajetória individual. Assim, o que caracteriza a vida é, nas palavras de Macedo, o reconhecimento social da existência de alguém, e esse reconhecimento se dá por sua trajetória e seu pertencimento a uma rede social.

Poucos dias após a postagem anterior, houve a seguinte:

Não é minha intenção propagar aborto. Embora a Bíblia ensine que: Se alguém gerar cem filhos e viver muitos anos, até avançada idade, e se a sua alma não se farta do bem, e além disso não tiver sepultura, digo que um aborto é mais feliz do que ele (Eclesiastes 6.3), ainda assim, não sou a favor do aborto indiscriminado. Mas sou a favor da preservação das mães, que por falta de temor a Deus ou infantilidade, entregaram seus corpos ou foram estupradas e acabaram engravidando sem nenhuma condição de ser mãe. Isso sem falar das crianças que ao invés de curtirem a infância com bonecas, acabam sendo vítimas de pedófilos dentro de casa.<sup>32</sup>

Além de sinal de pobreza, a gravidez não planejada também é considerada um sinal de irracionalidade. Nesse jogo entre o racional e o irracional, a prática do aborto passa a ser reconhecida como medida salutar frente a uma atitude não pensada.

Tal posicionamento não pode ser considerado institucional, ou seja, a opinião de Edir Macedo não pode ser traduzida como um posicionamento geral da Igreja Universal. Porém, é interessante notar o modo como o tema passa a ser

---

<sup>32</sup> Ver <https://www.bispomacedo.com.br/blog> (acessado em 08/2009).

cada vez mais discutido e endossado por outros bispos e líderes da IURD, conformando, entre os anos de 2007 a 2010, um interessante quadro de artigos e postagens publicadas em blogs institucionais e de falas proferidas em eventos cujo tema é a família.

Ainda em 2009, numa conferência comemorativa do ano de trabalho da AMC (Associação de Mulheres Cristãs), Edir Macedo apresentou suas pressuposições em relação à legalização do aborto, justificando sua posição como uma atitude de fé racional:

Eu adoro falar sobre aborto e planejamento familiar...Não é para contrariar a igreja católica, mas para ajudar as pessoas, para levar as pessoas a uma vida de melhor qualidade [...] Quando nós adotamos essa política, que até outros colegas meus de outras igrejas evangélicas também condenam com veemência, aqui dentro da igreja também nós temos pessoas que condenam com veemência essa nossa posição, mas eu bato nessa tecla [...] ora, o que o aborto, ou a falta do planejamento familiar têm provocado? Os pobres é que têm filhos, quem tem dinheiro, quem tem condição social, tem um ou dois filhos [...] qual é a pessoa que tem dinheiro e que tem uma prole? eu não conheço [...] Eu pergunto o que é pior, o aborto ou uma criança vivendo no lixão? [...] eu sou a favor do aborto sim, e digo isso em alto e bom som! E se eu estou pecando eu cometo esse pecado consciente. Porque eu não acredito nisso! Isso é uma questão de inteligência, de razão [...] Eu sou a favor do aborto e do planejamento familiar, nós na Igreja Universal, o pastor, se ele quiser nós pagamos a vasectomia para ele, sustentamos,

fazemos de tudo para que a cirurgia seja um sucesso [...] o aborto não faz diferença, é preferível abortar do que ter a criança saudável mas criando problemas para a sociedade.<sup>33</sup>

Sua argumentação segue em ataque direto a outros líderes religiosos que se autodeclaravam como contrários ao aborto e defensores da vida. Ele diz:

Se diz em defesa da vida usando gêneses e o mandamento divino ‘crescei e multiplicai’. [...] Me responde se dá para falar que é da vontade de Deus o estupro? Se uma criança que nasce de um estupro veio ao mundo pela vontade de Deus?

Dando continuidade ao discurso proferido na Terapia da Família. Numa palestra para a AMC da IURD, Edir Macedo também faz referência à experiência de sua mãe com o aborto.

[...] Minha mãe sempre foi serva fiel a Deus e teve que fazer 16 abortos, isso mesmo, ela criou 17 filhos e fez 16 abortos, se não fosse por isso, não teria conseguido criar todo mundo... e sempre foi abençoada por Deus.<sup>34</sup>

O aborto aparece, assim, configurado como método contraceptivo, lido na chave do controle da pobreza, que é

---

<sup>33</sup> Palestra para AMC em 2009

[www.youtube.com/watch?v=AB5PAc6AXPY](http://www.youtube.com/watch?v=AB5PAc6AXPY)

<sup>34</sup>Ver

<http://escandalosdoreino.blogspot.com/2010/10/ora-crivella-ou-o-aborto-e-o-grande.html>

encarada como traço de irracionalidade. As publicações sobre o aborto tornaram-se ainda mais incisivas em 2010, principalmente, entre os meses que corresponderam ao contexto das eleições presidenciais, mais especificamente, no curto período que corresponde ao intervalo de tempo entre o primeiro turno e o segundo. Na maioria dos noticiários na época, o segundo turno ocorreu devido ao posicionamento favorável à legalização do aborto, mantido pela então candidata Dilma Rousseff, originando protestos por parte de inúmeras agências religiosas, as quais engendraram um movimento maciço de boicote de votos (Machado, 2012).

Esse contexto propiciou a divulgação de inúmeros posicionamentos contrários e favoráveis à candidata, o que resultou numa espécie de *circuito comunicativo* composto por postagens em blogs, cartas em *sites* institucionais, vídeos no *YouTube*, entrevistas com estudiosos da religião em grandes jornais e uma enorme circulação de mensagens via e-mail. Apesar de as agências religiosas aparecerem, nas muitas formas de mídia, como contrárias ao aborto e, conseqüentemente, contrárias à candidatura de Dilma Rousseff – o que reforçaria a ideia já descrita de um quadro de disposições no qual os discursos contrários e favoráveis se organizam a partir de determinadas filiações políticas e religiosas –, foi possível coletar inúmeros posicionamentos favoráveis à candidata do PT, dentre os quais destaco a "Carta em apoio à candidata Dilma Rousseff" publicada no *site* da Convenção Nacional das Assembleias de Deus<sup>35</sup> e o apoio de Edir Macedo, que colocou praticamente todos os meios de mídias da IURD em defesa da candidatura da presidente, utilizando como mídia principal a *Folha Universal* e seu blogue. Foi possível notar na época

---

<sup>35</sup> CNAD: <https://www.cnad.org.br> (acessado em 14/10/2010).

alguns noticiários e propagandas na Rede Record de Televisão, que também apoiavam a campanha da candidata. Dentro do cenário parlamentar, pode-se destacar o apoio de Walter Pinheiro (PT/BA), Marcelo Crivella (PRB/RJ) e o Presidente da Convenção Nacional das Assembleias de Deus, ex-deputado Manuel Ferreira.

Nesse período, dez postagens foram publicadas em apoio à candidatura de Dilma Rousseff. Nelas, o "falso crente" era classificado entre os não apoiadores da candidata. Sete postagens falavam exclusivamente sobre o aborto.

#### Coletânea de Mentiras

Hoje somos surpreendidos com um título igualmente calunioso do jornal Folha de S. Paulo. A manchete diz: "Edir Macedo defende Dilma sobre aborto". O fato é que sequer citei a questão do aborto em meu texto publicado neste blog. Eu já escrevi sobre o aborto aqui. Mas no texto de ontem, não há uma palavra sobre isso nas 35 linhas escritas. Peço que analisem o que foi publicado. Se o Grupo Folha não tem coragem de admitir que apoia um candidato, ao menos tem como obrigação não vilipendiar a fé de milhões de pessoas com mentiras e induções.<sup>36</sup>

A postagem acima foi escrita como resposta à reportagem do jornal *A Folha de S. Paulo*, segundo a qual Macedo defendia Dilma por causa de seu posicionamento favorável ao aborto. É interessante notar que a postagem em resposta à reportagem da *Folha* desencadeou uma série de publicações no blogue, desta vez, vindos de outros líderes da

---

<sup>36</sup> Ver [www.bispomacedo.com.br/2010/09/30/coletanea-de-mentiras/](http://www.bispomacedo.com.br/2010/09/30/coletanea-de-mentiras/)

IURD, a saber, Bispo Rodrigues, Marcelo Crivella, e Dra. Eunice Higuchi, médica e presidente da AMC.

O primeiro deles foi escrito pelo Bispo Gonçalves, que considerava hipócrita o modo como o tema da descriminalização do aborto era tratado. Ele diz:

No Brasil, é fácil falar sobre qualquer coisa. Porém, quando o tema é descriminalização do aborto, ou seja, dar à mulher o direito de interromper legalmente a gestação, tudo muda de figura. A hipocrisia é geral.

O tema aborto dominou o debate nas últimas eleições e ainda está bem fresco na memória de todos. O Papa chegou ao ponto de enviar uma mensagem especialmente ao Brasil solicitando que não votassem em candidatos que apoiassem a interrupção legal da gravidez.

Não estamos, em hipótese alguma, promovendo o aborto, uma vez que podemos imaginar quão difícil é para uma mulher tomar esta decisão. Porém, imagine quantas provocam o aborto em casa sem assistência alguma, por meio de métodos perigosos com medicamentos vendidos ilegalmente e que acabam trazendo uma série de problemas. Enquanto outras procuram verdadeiros 'açougues' sem nenhuma garantia.

Com que olhos Deus vê a situação do aborto? Com certeza, compadecido com aquelas que são apedrejadas pelos hipócritas e fariseus. Pois, os religiosos de hoje têm a mesma visão bitolada daqueles que quase mataram a mulher adúltera (João 8:1).

Decerto, a noção de hipocrisia é empregada como predicado da Igreja Católica, que emerge representada pela citação do Papa. Para afirmar uma posição contrária ao catolicismo, o bispo recorre à metáfora bíblica do fariseu. Trata-se de um grupo de judeus devotos à Torá, surgidos no século II a.C. Opositores dos saduceus, criaram uma Lei Oral, em conjunto com a Lei escrita, e foram os instituidores da sinagoga. A palavra fariseu tem o significado de "separado", "a verdadeira comunidade de Israel", "santo". Os fariseus tornaram-se conhecidos pela tradição cristã como ícones de um certo legalismo, símbolos pejorativos de um determinado tipo de fundamentalismo religioso. Segundo essa interpretação (muito presente no texto do Bispo Gonçalves) da mesma forma que o fariseu privilegia a religião em detrimento da pessoa, a Igreja Católica, ao proibir o aborto e outras formas de método contraceptivo, privilegia a religião sem considerar a necessidade das pessoas.

A segunda postagem apresenta argumentos de saúde pública e justiça social:

Aborto: crime contra quem?

O fato de ser considerado crime não desestimula a mulher a se submeter a essa prática. Anualmente, estima-se a realização de mais de um milhão de abortos no País, realizados em condições inseguras e humilhantes para a mulher, com conseqüências de graves danos à saúde e até mesmo a morte.

As mulheres que mais sofrem com esse problema são as mais pobres e as afro- descendentes, portanto, um problema também de justiça social e de direitos humanos.

Eu me lembro da época em que estava de plantão no pronto-socorro de um hospital público, e que quando chegava alguma paciente com sangramento, indicando abortamento incompleto, percebia a discriminação que ela sofria por parte de toda a equipe de saúde. Ouvia-se comentários do tipo: para ficar grávida não pensou, só gozou, agora vem chorar!; e essa paciente era humilhada, aguardava calada durante horas para ser atendida, muitas vezes, sendo feita a curetagem sem anestesia, e ouvindo toda a sorte de repreensões.

O problema é grave e complexo e não se resume à esfera penal ou religiosa, e sim à questão social, cultural, econômica, política, de saúde e direitos da mulher.<sup>37</sup>

O texto foi escrito por Eunice Higuchi, médica no Hospital Albert Einstein, considerado um dos hospitais mais nobres de São Paulo. Até o ano de 2015, Eunice atuou na IURD como presidente da AMC, que foi a primeira organização voltada para as mulheres. Com o advento da fundação de outros grupos femininos, a AMC passou a dedicar-se mais especificamente à assistência social (Scheliga, 2010). Além dos

---

<sup>37</sup>Ver

[www.bispomacedo.com.br/2010/12/21/aborto-crime-contr-a-quem/#more-6011](http://www.bispomacedo.com.br/2010/12/21/aborto-crime-contr-a-quem/#more-6011)

cultos, as prédicas de Edir Macedo sobre o aborto também ocorreram em reuniões especiais da AMC.

O texto de Eunice, ao colocar o aborto como um problema de saúde pública, novamente remete à ideia de direito da mulher. Como veremos a seguir, nesse contexto a noção de direito emerge atrelada ao estabelecimento de uma relação de reciprocidade com Deus. A relação com o divino não alude apenas dependência ou submissão: ao contrário, é nessa relação que a pessoa adquire autonomia para cuidar de si, recuperando o direito perdido no Éden (numa alusão ao gênesis) de gozar de bem-estar físico e material em sua vida na Terra. A noção de direito e autonomia são, assim, tuteladas pela Igreja, que se coloca como mediadora das relações do fiel com o divino e com seu meio social (Mafra *et al.*, 2012). O estabelecimento e a perpetuação da reciprocidade<sup>38</sup> exige cuidados constantes por parte do fiel, que, segundo o acordo, tem por atribuição cuidar de tudo que possa referir-se aos atributos divinos e à garantia do bem-estar. Tais atribuições seguem uma divisão sexual, de modo que a parte reservada à mulher nesse acordo é gerenciar os corpos (seu e dos seus) e a produção de sua família.

Ao final do ano de 2010, a última postagem sobre o assunto foi publicada posteriormente ao resultado das eleições, no dia 24 de dezembro, data de um dos principais feriados cristãos em que se comemora o nascimento de Jesus. O título era: "O aborto e a Bíblia".

No texto, para se contrapor à justificativa do movimento religioso antiaborto que baseia suas suposições no versículo bíblico "Não matarás" (Exôdo 20: 13), Macedo cita outro versículo, também do Antigo Testamento:

---

<sup>38</sup> Sobre a relação de reciprocidade com Deus por parte dos membros da IURD, ver Lima (2008).

Vai, pois, agora, e fere a Ameleque, e destrói totalmente a tudo o que tiver, e nada lhe poupes; porém matarás homens e mulheres, meninos e crianças de peito, crianças no ventre, bois e ovelhas, camelos e jumentos” (I Samuel 15: 2-3)

Dito isto, ele argumenta:

A mesma pessoa que diz 'não matarás', diz o que está escrito acima.<sup>39</sup>

A narrativa bíblica em questão se refere a uma intervenção militar liderada pelo rei Saul (antecessor de Davi) contra a cidade-estado de Ameleque, que, segundo o mandamento divino, deveria ser exterminada por ter apoiado o Egito em ataques de perseguição ao povo de Israel. O texto bíblico afirma que Saul havia desobedecido às ordens de Deus ao poupar da morte seu rei e alguns animais considerados saudáveis. Tal atitude resultou na queda de Saul e na nomeação de Davi como rei de Israel. Ao apresentar tal narrativa dentre os argumentos em defesa do aborto, a exegese proposta por Macedo parece sugerir ambiguidade bíblica no tratamento dispensado a morte, ou seja, a morte provocada pode tornar-se um mandamento divino quando justificada como forma de proteção de seu povo. De igual forma o aborto se justifica na

---

<sup>39</sup>Ver

[https://bispomacedo.com.br/2010/12/24/o-aborto-e-a-biblia/?utm\\_source=feedburner&utm\\_medium=email&utm\\_campaign=Feed%3A+BispoEdirMacedo-MeuBlogPessoal+%28Bispo+Edir+Macedo+-+Meu+blog+peessoal%29](https://bispomacedo.com.br/2010/12/24/o-aborto-e-a-biblia/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+BispoEdirMacedo-MeuBlogPessoal+%28Bispo+Edir+Macedo+-+Meu+blog+peessoal%29) (acessado no dia 25/12/2010).

medida em que sua realização possa ocorrer em nome de uma causa considerada digna, a saber, a prosperidade.

\*\*\*

Quanto à reportagem publicada em 2007, não foi a primeira vez que o líder religioso tornava pública sua posição favorável ao aborto. Na década de 1990, Macedo havia se declarado favorável ao aborto em caso de estupro, como bem apresenta Mariz (1998) e Gomes (2009). Também é importante ressaltar que Edir Macedo não é o único líder religioso a manifestar um posicionamento favorável à legalização do aborto. Um exemplo diz respeito à fala do pastor Jaime Wright, reverendo da Igreja Presbiteriana do Brasil que atuou como deputado no período de redemocratização nacional. Wright também foi autor da emenda que concedeu cinco anos de mandato ao presidente José Sarney (Ver mais em Freston, 1993). Em entrevista à *Revista Veja*, Wright fez a seguinte afirmação: "é um direito da mulher decidir o que fazer"<sup>40</sup>.

Mesmo diante de posições como a que foi relatada acima, a IURD ainda se apresenta como um laboratório interessante porque a argumentação de seus líderes em relação ao aborto pode ser entrecruzada a um conjunto de atividades exercidas pela Igreja em âmbito nacional e até mesmo internacional. Assim, a visão de Edir Macedo e de outros líderes da IURD acerca da prática do aborto se relaciona diretamente a um conjunto de disposições necessárias para se alcançar a vida em abundância. Tais disposições fomentam a produção de

---

<sup>40</sup> Ver <http://veja.abril.com.br/idade/educacao/pesquise/aborto/1513.html>

dispositivos que incutem no cotidiano formas de gerenciamento da vida. O aborto seria, portanto, um instrumento a ser usado (caso seja necessário) no gerenciamento da prosperidade da família.

## **1.4. Planejamento familiar e a pedagogia da prosperidade**

Certamente, dentre as características da IURD mais exploradas pela bibliografia socioantropológica estão a Teologia da Prosperidade (TP) e os rituais de possessão e de expulsão demoníaca. Freston (1993) descreve a IURD como a principal representante da TP no Brasil. Segundo o autor, as práticas desenvolvidas na IURD têm como lógica as diretrizes da TP que, no discurso, aparecem sempre representadas pelo ideal da "vida em abundância". A TP preza a confissão positiva, que remete diretamente a uma postura que se deve adotar para a realização daquilo que se deseja: deve-se antecipar mentalmente a meta a ser alcançada (Gomes, 2004). Na doutrina da TP, a antecipação mental do desejo deve vir acompanhada da ritualização de palavras de ordem e de posse daquilo que se deseja. O demônio, considerado causa dos obstáculos impostos à vida, deve ser expulso pelo fiel. A expulsão demoníaca é tida por libertação espiritual, com benefícios terrenos como bem-estar físico, harmonia conjugal, riqueza material, além de poder espiritual para subjugar o demônio sempre que necessário (Lima, 2008)<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Para um aprofundamento do tema da "Confissão Positiva", ver Mafra *et al.* (2002 e 2012).

Segundo o *Dicionário do movimento pentecostal* (Araújo, 2009: 283), a tradição teológica da confissão positiva, ou TP, como ficou conhecida no Brasil, emergiu nos Estados Unidos num movimento teológico liderado por Essek William Kenyon, um pastor de origem Batista que, preocupado com alguns insucessos de cura e com a grande depressão econômica na década de 1930, passou a ensinar aos frequentadores que a crença na realização de uma graça se daria atrelada à realização de exercícios mentais constantes de antecipação da graça desejada. Kenneth Hagin, também de tradição Batista, foi discípulo de Kenyon e aparece como responsável pela sistematização e pela expansão dessa confissão. Hagin criou um seminário teológico e escreveu os primeiros livros sobre o assunto nas décadas de 1950 e 60. O seminário fundado por Hagin formou pastores conhecidos no movimento pentecostal brasileiro, tais como Kenneth Copeland, Frederick Price, Charles Capps e Thomas Lee Osborn, que tiveram vários dos seus livros traduzidos para o português graças ao apoio de pastores da Igreja Nova Vida, no Rio de Janeiro.

Fundada pelo missionário canadense Robert MacAlister, a Igreja Nova Vida foi o local de conversão de Edir Macedo e Romildo Rômulo Soares, que no final da década de 1970 fundaram a Igreja Universal. Os títulos de Osborn traduzidos para o português nas décadas de 1970 e 80 foram: *Curai enfermos e expulsai demônios*; *Ganhando almas*; *O plano de amor de Deus*; *A vida abundante*; *Impacto*; *Conquistando almas lá fora onde os pecadores estão*. Todos esses títulos pertencem hoje à Graça Editorial, editora da Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada por R.R. Soares.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> Para mais detalhes, ver Macedo (2012).

Segundo Hagin em *I Believe in Visions, What Faith Is, Bible Faith*,<sup>43</sup> na confissão positiva, questões como pobreza, doença e infelicidade no casamento podem ser considerados sinais de "maldição" e, para se libertar desses sinais e garantir a vida em abundância, o crente deve seguir os quatro eixos da chamada "fórmula da fé". São eles: 1. Diga a Coisa, "De acordo com o que o indivíduo quiser, ele receberá"; 2. Faça a coisa, "De acordo com sua ação, você será impedido ou receberá", ou seja, depois de afirmar, faça conforme a sua afirmação, como se já tivesse recebido aquilo que você determinou ou decretou; 3. Receba a coisa, isto é, viva como se já tivesse recebido o que você decretou; 4. Conte a coisa, ou seja, fale da coisa às pessoas como se você já a tivesse recebido (Araújo, 2009: 283). Essa mesma fórmula é reproduzida por Macedo em *O poder sobrenatural da fé* (2011a). Assim, a lógica da prosperidade física, material e espiritual perpassa toda a produção teológica da IURD. No universo teológico da igreja, o dinheiro emerge como um mediador-ritual que vincula a fé ao ideal de um "viver em abundância". Não raras são as publicações no jornal *Folha Universal* de reportagens com sugestões de investimentos financeiros (Gomes, 2004; Lima, 2008).

As críticas aos pressupostos teológicos da TP estão presentes não apenas nos textos de teóricos de algumas denominações cristãs (a parte do *Dicionário do movimento pentecostal* reservada à TP fala de "teologia espúria" e "falsa interpretação da Bíblia"), mas também de alguns teóricos das

---

<sup>43</sup> Trata-se de uma publicação inicial, uma espécie de manifesto, que resultou mais tarde no periódico semanal *Word of Faith* magazine, uma importante revista divulgadora do ministério fundado por Hagin, a saber RHEMA [www.rhema.org](http://www.rhema.org)

ciências sociais que tendem a relacionar a TP e as práticas rituais da IURD a uma linguagem mercadológica. Ao operar a noção de "mercantilização da fé", as análises passam a descrever os frequentadores de igrejas como a IURD em termos de multidão alienada e pobre, manipulada pela ideia de riqueza instantânea (ver PIERUCCI, 1998; MARIANO, 1999; ORO, 2003).

Mariz (1998) analisa alguns desses argumentos que acabam por conformar uma tradição depreciativa das igrejas classificadas como neopentecostais, dentre as quais, a IURD sempre obteve grande destaque, bem como aparece como alvo de manifestações de repúdio. Os traços dessa depreciação expressam-se no uso de categorias como charlatanismo, magia, superficialidade teológica e exploração financeira dos pobres ao fetichizar o dinheiro com promessas de cura e êxito econômico (Lima, 2008).

O que pretendo demonstrar, porém, é que, ao contrário de categorias como "imediatismo" ou "riqueza instantânea", as categorias que circulam nas publicações, nos blogues e nos cultos são "sacrifício", "desafio", "perseverança", "aprendizado", que apontam para a produção de uma pedagogia da prosperidade. Segundo essa pedagogia, a prosperidade permanece na lógica da conquista, embora essa conquista deva ser apreendida a cada dia. Seu aprendizado se dá por meio de um conjunto de dispositivos educacionais, a saber, cultos, campanhas especiais, reuniões etárias, livros, cursos específicos e programas de televisão, os quais configuram um importante circuito de atividades<sup>44</sup> que passam a gerenciar a vida e os corpos.

---

<sup>44</sup> Essa ideia se assemelha bastante com a noção de *circuito da conquista* de Gomes (2004).

De fato, há uma centralidade do discurso teológico sobre a prosperidade no cotidiano dos frequentadores da IURD, porém, a "vida em abundância" exige um gerenciamento por parte do crente, que passa a seguir um programa disciplinador das instâncias da sua vida. Pretendo afirmar, porém, que essa pedagogia para a prosperidade pode ser observada principalmente no corpo de práticas que integra uma espécie de programa disciplinador baseado nos direitos reprodutivos.

Desse modo, as práticas de prosperidade na IURD não se restringem apenas ao âmbito financeiro representado pelo dinheiro. Ou seja, o dinheiro não é o único mediador-ritual da prosperidade: as noções de prosperidade e de vida em abundância podem ser praticadas e, conseqüentemente, reformuladas, em todas instâncias da vida, sendo a família a principal delas. Nesse contexto, a prática abortiva, comumente relacionada à clandestinidade e à ilegitimidade, aparece como uma recomendação diretamente ligada à disciplina familiar rumo à prosperidade. Assim, passo agora a citar alguns dispositivos considerados importantes na formação dessa pedagogia.

#### **1.4.1. Alguns dispositivos pedagógicos**

O jornal *Folha Universal* é considerado o periódico mais lido entre os fiéis da IURD. Atinge a tiragem semanal de quase 2 milhões de exemplares. No ano de 2010, foram acrescentados ao jornal a sessão *Seu corpo* e o caderno especial *Folha Mulher*. Nelas, são publicadas, semanalmente, notícias sobre doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. Foram verificadas 5 reportagens sobre o aborto. A lógica das reportagens é sempre muito semelhante: seus autores começam apresentando inúmeros dados sobre a mortalidade feminina

decorrente da prática clandestina do aborto e classificam como desastroso o nascimento de filhos não desejados ou planejados. Todo o enredo das reportagens baseia-se na contraposição de exemplos negativos e positivos. Os exemplos negativos são sempre associados a mulheres que, por medo ou por insistência familiar, não realizaram aborto, e que por causa dessa escolha perderam seus empregos, não estudaram e foram abandonadas por seus maridos ou namorados. Os exemplos positivos, por sua vez, falam de mulheres que, apoiadas por seus parceiros e familiares, realizaram o aborto em clínicas clandestinas de luxo, foram promovidas meses depois nas empresas, casaram-se, constituíram família e passaram a se dizer felizes ao lado de seus parceiros. As reportagens apresentam sempre uma mulher que serve de via de bênçãos celestiais para a família, de modo que cabe a ela a decisão do momento mais adequado para iniciar sua família<sup>45</sup>.

O número 732 da *Folha Universal* trouxe a seguinte manchete: "Sem filhos: pesquisa do IBGE mostra que casais sem filhos têm uma renda maior". A reportagem apresenta um cálculo do gasto médio anual que se deve ter com um filho; a isso segue-se um cálculo aproximativo de quanto uma família economizaria se optasse por não ter filhos. O texto termina com a seguinte conclusão: "casais sem filhos economizam uma pequena fortuna". Essa reportagem, semelhante a outra já citada anteriormente, também se estrutura com base na contraposição de exemplos tidos como negativos e positivos. Os negativos apresentam casais que tiveram filhos e que estão financeiramente endividados, em oposição a casais que optaram por não ter filhos e que, por esse motivo, mantiveram certo êxito profissional e financeiro. Na reportagem a mulher é citada como

---

<sup>45</sup> Ver *Folha Universal*, números 845, 870, 928, 929.

ajudadora da família, ou seja, parte-se do pressuposto de que, se a mulher constituir seu êxito profissional, ela ajudará seu parceiro a progredir, de tal maneira que toda sua família será beneficiada. Assim, o modelo familiar sem filhos facilitaria a dedicação profissional da mulher, bem como seu apoio incondicional aos objetivos e a carreira profissional do marido.

Outra importante fonte de circulação de informação entre os membros da IURD é a *Revista Plenitude*<sup>46</sup>. De periodicidade mensal, a revista tem uma tiragem bastante inferior se comparada à da *Folha Universal*, seu campo de distribuição se restringe mais aos membros da igreja. Nos anos de 2008 e 2009, cataloguei pelo menos 12 reportagens<sup>47</sup> relacionando trabalho e bom desempenho financeiro a planejamento familiar. Destaco a reportagem que foi publicada em 31 de dezembro de 2008, cujo título é: "Casais mudam de comportamento e decidem por família menor em troca de melhor qualidade de vida". Essa reportagem enfatiza a vasectomia como importante método contraceptivo e incentiva os homens para que participem do planejamento familiar optando por esse tipo de intervenção cirúrgica.

O incentivo à vasectomia como um método contraceptivo necessário para o planejamento da família aparece em muitos outros veículos de informação produzidos pela IURD, bem como no relato de muitos casais frequentadores da igreja. Não foi possível ainda realizar um exercício de quantificação deste dado, mas é certamente possível pensar em suas implicações. De alguma forma, ele ajuda no desenho desse modelo de família em que a quantidade de filhos deve diminuir

---

<sup>46</sup> Ver [www.revistaplenitude.com.br](http://www.revistaplenitude.com.br)

<sup>47</sup> Meu método de busca dessas reportagens foi seguir as palavras-chave para busca no site, o que evidentemente não significa que não existam mais reportagens.

para apenas um, tornando perfeitamente aceitável, inclusive, a escolha por um modelo familiar sem filhos. Este modelo parece se espalhar mais claramente na formação do corpo sacerdotal da IURD: a maioria dos bispos e pastores ordenados têm apenas um filho, e entre os mais jovens, é comum encontrar o relato de casais que afirmam optar por não ter filhos. Num discurso proferido para a abertura das atividades da AMC (Associação de Mulheres Cristã da IURD), Edir Macedo afirma que a igreja financia cirurgias de vasectomia para todos os pastores e líderes<sup>48</sup>. A mulher aparece nesse contexto como a principal gerenciadora desses métodos e, conseqüentemente, da família.

Machado (1996) aborda o tema da família analisando as relações de gênero dentro de duas vertentes religiosas, o pentecostalismo e o movimento de renovação carismática da Igreja Católica. Para ela, na constituição de famílias, tanto no movimento pentecostal como na renovação carismática católica, a mulher assume um lugar de destaque na esfera privada, pois uma vez convertida, caberá a ela a *missão* de preservar os laços familiares. No caso específico do pentecostalismo, a autora acredita que suas práticas constituem um importante instrumento para garantir às mulheres que seus maridos "uma vez convertidos abandonem o consumo da bebida alcoólica, as visitas às prostitutas e o vício do cigarro, canalizando o dinheiro para a família e suas demandas" (Machado, 1996: 122). O capítulo intitulado "Sexualidade e Reprodução" apresenta a IURD como a principal agência religiosa a incentivar o uso de métodos de contracepção (no texto da autora, que data de 1994, o aborto não aparece na lista de métodos contraceptivos

---

<sup>48</sup>Ver

<http://escandalosdoreino.blogspot.com/2010/10/ora-crivella-ou-o-aborto-e-o-grande.html>

incentivados pela IURD). Ela diz "dentre as mulheres entrevistadas, as filiadas à Igreja Universal do Reino de Deus foram as que mais destacaram as orientações recebidas na igreja sobre métodos contraceptivos" (*ibidem*: 167). A autora destaca também que, no que diz respeito a métodos contraceptivos, a IURD também é a instituição que mais incentiva a participação masculina por meio do uso de métodos cirúrgicos.

As práticas teológicas pentecostais fortalecem o papel da mulher no modelo nuclear de família, abrindo espaço para uma redefinição dos gêneros. Pode-se pensar, contudo, que o modelo de estrutura familiar das igrejas pentecostais traz novos elementos em relação ao modelo, muito criticado nos escritos feministas, estabelecendo uma relação de submissão mútua, pois muito embora a esposa continue submetida ao jugo do esposo, este também passa a ser subjugado à família, direcionando seus esforços financeiros e físicos para a manutenção da estrutura do lar, que aparece sempre representada pela mulher. Parece-nos que, no caso da IURD, esse processo pode ser demonstrado por meio de incentivos a cuidados estéticos com o corpo e da visibilidade profissional da mulher, marcada pela noção de empreendedorismo. Visibilidade esta que aparece diretamente relacionada ao seu papel de mantenedora do lar, como se a valorização da estética e da atividade empreendedora atestassem sua posição de submissão ao companheiro e à família. A profissionalização e o empreendedorismo da mulher emergem, não mais como uma característica de oposição ao bem-estar da família, mas sim como extensão das atividades da mulher no seio familiar.

Na segunda metade da década de 1990, Edir Macedo publicou três livros que compunham uma série, cujos títulos eram: *Perfil do homem de Deus* (1994), *Perfil da mulher de Deus* (1997) e *Perfil da família de Deus* (1999). É interessante

notar nas três obras a centralidade da mulher, mesmo naquela em que o homem aparece como objeto central, em *Perfil do homem de Deus*, mais da metade do conteúdo do livro é dedicado ao "perfil da mulher sábia", ressaltando sempre o papel da mulher na família, relacionando a "mulher sábia" à prosperidade familiar. Esse empoderamento da mulher tem o casamento como um rito necessário de passagem.

No ano de 2007, a Unipro (editora da IURD), lançou três títulos destinados às mulheres: trata-se de *Melhor que comprar sapatos*, escrito por Cristiane Cardoso (uma das filhas de Edir Macedo), *O desafio de criar filhos*, escrito por Sylvania Jane Crivella (esposa do senador Marcelo Crivella), e *Finas joias* de Ester Bezerra, esposa de Edir Macedo. Os três livros apresentam um formato muito semelhante: os capítulos são divididos em pequenas leituras devocionais. O livro de Cristiane é o mais vendido dentre eles e está dividido em duas partes. A primeira, intitulada "De dentro para fora", discute diversos assuntos relacionados à estética e ao corpo da mulher. A segunda, intitulada "De solteira à vida de casada", traz inúmeras discussões sobre mercado de trabalho, atividades empreendedoras, dicas para se conservar o casamento e versículos que ressaltam uma atitude de submissão para com o esposo. Pode-se dizer que essas três publicações dão início a uma nova fase na literatura produzida pela IURD para consumo de seus membros, pois mulheres que ocupam posição de destaque passam a escrever textos devocionais cujas receptoras centrais são as próprias mulheres.

Durante o ano de 2008, a editora da IURD lançou a série *Eu e o tempo*, com três livros escritos por mulheres: o primeiro deles intitula-se *Tempo de pausa*, também escrito por Sylvania Jane Crivella; o segundo e o terceiro intitulam-se, respectivamente, *Qualidade de vida* e *Marcas*, escritos por

Nádia Suhett. Em todos esses livros nota-se a presença constante de prescrições concernentes ao tempo, ao cuidado com o corpo, às técnicas contraceptivas, e até mesmo ao momento da decisão de ter filhos.

Em 2010, três outros livros foram lançados sobre relacionamentos, sexualidade e família. Logo no início do ano, Unipro lançou *Sexo com o Diabo: dormindo com o inimigo*. Trata-se da breve biografia de Maria de Fátima da Cruz Carvalho, que nascida em São Tomé e Príncipe, conta sobre sua conversão e sobre a libertação espiritual que ela e sua família viveram após sua conversão na IURD. O testemunho de Maria foi publicado em pequenos capítulos no blogue de Edir Macedo, que sempre alertava para o importante papel espiritual que a mulher exerce na família. Nesse mesmo ano, Nanda Bezerra lançou *40 segredos que toda a solteira deveria saber*, que pode ser considerado o primeiro livro dedicado a mulheres solteiras. Em grande parte dos tópicos apresentados nesse livro, a condição de não estar casada é tratada como um estado permanente e não como algo transitório e passageiro, nele, assuntos como beleza, cuidados com o corpo, profissão e constituição de família são tratados de forma que o casamento ainda aparece como eixo central. O casamento é um marco que deve ser buscado pela mulher, porém, ele deve ser sempre mediado pela espera em Deus.

Há um caminho argumentativo semelhante entre todos esses livros: o casamento é apresentado como foco para a vida da mulher, é a partir dele que o destino da mulher será determinado. Tal traço é semelhante ao pensamento comum sobre mulheres e casamento, presentes em tantas outras redes sociais. Parece-me, porém, que a diferença persiste no fato de se produzir, com o casamento, um distanciamento em relação à maternidade.

Outro livro lançado em português em 2010, desta vez pela editora Zelo, que também é ligada a IURD, intitula-se *A mulher total*. Originalmente lançado nos Estados Unidos no ano de 1973, o livro reúne dicas de sexo e convívio conjugal para mulheres cristãs casadas e tornou-se *best seller* no ano de 1974. Marabel Morgan, autora do livro, que se autodenominava cristã, apresenta seu texto como uma das mais importantes obras sobre o tema da sexualidade hétero. Este título chegou a vender 10 milhões de cópias nas décadas de 1970 e 80. O pedido para a tradução e publicação deste livro em português se deu por parte de Cristiane Cardoso, que afirmou utilizá-lo nas palestras que ministrava para mulheres iurdianas nos Estados Unidos. O livro foi escrito numa espécie de crítica ao crescimento dos ideais feministas que, segundo Morgan, tomavam boa parte da sociedade estadunidense. Sem focar muito em filhos e em relações geracionais de família, a autora discute o papel da mulher no núcleo familiar, tendo em foco a relação entre marido e esposa. Reunindo dicas sobre intercurso sexual e cuidados estéticos, a obra pretende evocar o modelo de mulher vivido na década de 1950, performatizado pela imagem de feminilidade e docilidade das *pinups*. A expressão *pinup* (ou *pin-up*) é utilizada para classificar algumas mulheres nas décadas de 1940 e 50, nos Estados Unidos, reconhecidas como símbolos sexuais. Exaltadas por expressarem o ideal da feminilidade, as *pinups*, sempre eram fotografadas com seus vestidos rodados e coloridos e com gestos e expressões reconhecidamente dóceis. Símbolos de docilidade, as *pinups* também são consideradas um importante símbolo sexual, o que neste caso também serve como metáfora para o aprendizado de uma sensualidade totalmente voltada à conjugalidade.

Dando continuidade à linha argumentativa de Morgan, em 2011 houve o lançamento de um título considerado bastante

significativo para essa análise, *A mulher V: moderna à moda antiga*. Trata-se do segundo livro escrito por Cristiane Cardoso, com estrutura textual e ilustrações muito semelhantes aos utilizados por Morgan. Apesar de conservar um tom devocional – com espaço para que cada leitora escreva em seu próprio livro suas apreciações ao final de cada capítulo –, *A Mulher V* inicia-se com uma importante afirmação: a autora classifica sua obra como um manifesto que desafia os conceitos e valores da mulher atual, em oposição a tudo que pensou e conquistou o movimento feminista. Com capítulos que visam uma espécie de "resgate ao feminino", é possível encontrar no livro frases que reforçam seu papel didático em ensinar a mulher a ser mulher. Os capítulos de *A mulher V* fazem alusão a um trecho do livro de Provérbios, na Bíblia: a letra V refere-se à palavra *virtuosa*, que no texto bíblico é utilizado como uma licença poética de Salomão ao descrever a mulher. O livro de Cris Cardoso (como a autora é chamada pelas leitoras e seguidoras do seu blogue) nos permite pensar que dentro dessa lógica, a categoria mulher emerge esvaziada, em termos, de sua dimensão natural. O texto sugere um processo no qual *ser mulher* é algo que se aprende, por isso a importância de se produzir dispositivos de acesso e inculcação desse gênero. Este aprendizado se dá através do corpo, e portanto, é essencial compor um conjunto de aulas com técnicas para se modificar a postura, controlar o peso, as roupas e o cuidado de si. A docilidade do corpo é o caminho para se apreender a *ser mulher*, e assim garantir que a família prospere.

Esses livros podem ser considerados de ampla circulação. O portal Arca Universal apresenta uma espécie de *ranking* dos livros mais vendidos produzidos pelas editoras ligadas à igreja, desde o início de 2011, e *Melhor que comprar sapatos* e *A mulher Vestão* entre os mais vendidos. Esses dois livros foram traduzidos para 12 línguas. Eles dividem o *ranking*

com outros dois livros que são *Casamento Blindado* e *Nada a Perder*. Não há aqui qualquer investigação acerca do método utilizado pelo site para chegar a esse dado, ainda assim, esse dado nos parece relevante para pensar a circulação e a posição que a literatura aqui citada ocupa dentro dessa lógica.

Além da circulação de textos específicos sobre este assunto, semanalmente, ocorre em todos os templos duas importantes reuniões: a Terapia do Amor (aos sábados) e a Terapia da Família (aos domingos). Nesses dois eventos, assuntos como estrutura familiar, vida profissional, estética corporal etc., são abordados pelos dirigentes (no caso da sede da IURD na cidade de São Paulo, já acompanhei algumas reuniões dirigidas pelo próprio Edir Macedo) ou por fiéis que apresentam seus testemunhos. Além desses encontros, portais e comunidades da Internet funcionam como importantes circuladores de todo o material aqui apresentado.

Dentre as muitas formas de mídia exclusivas para mulheres, destaco o programa televisivo *Coisas de Mulher*, exibido pela *Record News* (uma das quatro apresentadoras do programa, Vivi Freitas, é filha do bispo Edir Macedo; o programa chegou a ser apresentado por Cristiane Cardoso), e o *Portal Arca Universal*, que contém todos os sites da IURD na Internet apresenta ainda três sessões específicas para mulheres.

## **1.5. Planejamento familiar e fé racional**

Para Macedo (2010), a fé racional seria uma fé inteligente e consciente, que diz respeito ao intelecto, à mente e à razão. Para além de uma definição precisa do que se pensa por consciência e por racionalidade, no livro *Fé racional*, o conceito do título é concebido em oposição à fé emocional. Tal relação

nos remete à oposição clássica do pensamento filosófico moderno que apresenta sentidos antagônicos para essas categorias. O argumento defendido por Macedo é que a oposição entre fé racional e fé emocional tem princípios geradores baseados na lógica das oposições. O princípio gerador da *fé racional* é *Espírito Santo de Deus*, enquanto o princípio gerador da *fé emocional* é a *Alma*, que tem na humanidade sua fonte geradora. Assim, ser emocional está entre as características gerais do ser humano, sua conversão e transformação de vida ocorre na medida em que consegue acessar os princípios da fé racional (*ibidem*).

A fé inteligente envolve não somente a meditação e a prática da Palavra de Deus, mas também cobrar respostas e o cumprimento de suas Promessas, está relacionada ao raciocínio e à capacidade de julgar, avaliar, pesar, enfim, conferir a finalidade da própria fé. (*Macedo, 2010: 54*)

A fé racional baseia-se em uma relação entre meios e fins, ou seja, os agentes elegem um fim que seria o objetivo da fé. As práticas são incorporadas como estratégias e disposições, meios para se atingir esse fim. Em outro trecho, Macedo relaciona finalidade à disciplina:

A maior e mais significativa diferença entre fé racional e a emotiva está na disciplina. Enquanto a fé racional se submete à disciplina do Reino de Deus, a fé emotiva, por sua própria natureza rebelde, não se adapta às regras. Por conta disso, a fé emotiva não dá acesso às mesmas conquistas que a fé racional. (*Ibidem*)

O modo como Macedo organiza o quadro de distinções entre fé emocional e fé racional nos remete às definições que Weber (2004) estabelece ao analisar os modelos de ação social: ação racional (referente a fins) e ação afetiva (ou ação racional referente a valores). Segundo Weber, as diferenças entre os tipos ideais de ação se explicam pelo fato de a ação racional referente a fins consistir na elaboração constante de uma orientação planejada, tendo como objetivo atingir uma finalidade. A ação racional referente a valores, por sua vez, é uma ação que segue mandamentos ou que ocorre em acordo com algumas exigências que o agente acredita serem dirigidas a ele. No caso de Weber, seus modelos de ação dizem respeito, como já disse, à construção de um quadro tipológico de agentes. De todo modo, não cabe aqui classificar as ações interpretadas pelos agentes sob o prisma da fé racional, como ação racional com referência a valores ou a fins. Porém, é interessante notar que Macedo mobiliza suas concepções sobre fé racional para justificar seus argumentos em relação ao aborto e ao planejamento dos filhos, estabelecendo em seu argumento uma relação entre valores e fins. Tal característica pode ser apreendida, também, no jogo de descrições acerca da diferença entre os dois tipos de fé. "O sacrifício é a principal característica da fé racional" (Macedo, 2010: 62). Isso porque o sacrifício é interpretado como uma ação que tende a fortalecer o espírito (que diz respeito à razão) e disciplinar o corpo (que diz respeito à emoção).

A junção de fé e razão parece configurar um processo de individuação da experiência de conversão, consistindo na interiorização de uma visão de mundo, uma espécie de "tomada de consciência" revelada na ideia de uma fé racional interpretada como sinônimo de ação e razão (Gomes, 2009).

Para tornar-se racional ou cheio do *Espírito* é preciso entregar-se ao desenvolvimento prático de uma ascese para a

vida e para o trabalho, tendo a disciplina e o sacrifício como características principais. Tal suposto emerge como mola propulsora das práticas rituais da IURD e dos sentidos atribuídos à prosperidade, pois, o fruto da fé racional seria a vida abundante em recursos materiais e espirituais. É de acordo com essa lógica que se faz a relação entre planejamento familiar, legalização do aborto e prosperidade.

### Marketing do aborto

O aborto, que já foi descriminalizado nos países ricos e de cultura elevada, continua sendo tratado como crime por governos que temem o catolicismo. O raciocínio é lógico. Quanto mais gente nasce nesses países, maior a chance da ignorância cultural e espiritual continuar. E desta forma, o domínio católico vai se perpetuando. É incrível como até mesmo líderes evangélicos são dominados pelo marketing católico. Se analisarmos espiritualmente, veremos que a chance de uma criança que não é desejada, crescer revoltada e ir para o inferno é muito grande. Minha esposa esteve em uma comunidade muito carente em São Paulo no trabalho social da AMC e chegou em casa desesperada com o que viu. Mulheres com pouco mais de 20 anos, com 7 filhos e muitas ainda estavam grávidas. Qual o futuro dessas crianças? Os que são contra a descriminalização do aborto deveriam ir lá e pegar uma delas para criar.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Ver [www.bispomacedo.com.br/?s=aborto](http://www.bispomacedo.com.br/?s=aborto)

Apesar de a Igreja Católica aparecer em grande parte dos discursos sobre o aborto, a Igreja Católica é um agente importante no modo como a IURD se pensa como religião, numa espécie de exercício de oposição à Igreja Católica. Segundo Birman, a maneira de operar da IURD é católica, "isto é, buscando alianças e mediadores religiosos para reforçar um projeto de integração social e política de seus adeptos" (Birman, 2001: 60). Porém, seria reducionismo considerar o posicionamento de Edir Macedo em relação à legalização do aborto como uma simples oposição à Igreja Católica, ou mesmo, como estratégia proselitista. O que pretendo demonstrar é que tal posicionamento precisa ser apreendido à luz das escolhas teológicas e de um conjunto de práticas rituais, cultivadas pela IURD.

Seguindo essa lógica, controlar o nascimento consiste numa ação que visa controlar a ignorância, categoria que aparece novamente no argumento, fazendo referência ao catolicismo. O controle do nascimento (e o aborto como dispositivo legítimo desse controle) também tem a finalidade de diminuir a pobreza. Isso porque a prosperidade não pode ser lida apenas na chave do compromisso pessoal: nesse jogo dialético e lógico, ela deve se instaurar como estilo de vida para a prosperidade crescer, é preciso circundar suas causas e produzir dispositivos que garantam a extinção da pobreza. Assim, o aborto torna-se um instrumento plausível na construção de um modelo de família que está centralizado no casal.

Da análise desses discursos sobre o aborto não se pode dissociar, portanto, o planejamento familiar. Não basta a análise dos argumentos teológicos e, conseqüentemente, de alguns dogmas corporificados pelos fiéis a partir de uma disciplina que enfoca o casamento e o cuidado de si. Estas "falas" aparecem atreladas a um movimento mais amplo que fornece os quadros

para o entendimento sobre a fé, o corpo, a vida, engendradas num esforço de generalização e de indexação de sentidos a uma mesma categoria, a saber, a prosperidade. Trata-se, portanto, da existência de um conjunto de práticas que abrange todas as instâncias do cotidiano. Tais ações configuram um senso prático que imprime um modelo para a família e o casamento, tendo a mulher como importante gerenciadora dessas instâncias.

**CAPÍTULO 2 - O CORPO DAS PRÁTICAS:  
MEMÓRIA, RITO E RAZÃO  
PEDAGÓGICA**



No capítulo anterior, procurei relacionar, de um lado, a posição assumida pelo bispo Edir Macedo e por outros líderes da IURD na controvérsia do aborto, e de outro lado, uma determinada fundamentação teológica e um conjunto de práticas que mobilizam alguns procedimentos para se atingir a vida em abundância. Observei ainda que a partir da análise desses discursos sobre o aborto é possível a aproximação de alguns princípios e práticas corporificados pelos fiéis com base numa disciplina que enfoca a sexualidade e o cuidado de si.

Os discursos dos agentes apresentados até aqui parecem estar atrelados ao desenvolvimento de um movimento mais amplo da IURD, que é o de fornecer os quadros para o entendimento sobre a fé, o corpo e a vida: entendimento este engendrado num esforço de generalização e de indexação de sentidos a uma mesma categoria, a saber, a prosperidade. Trata-se, portanto, da existência de um conjunto de ações práticas e simbólicas, de grande complexidade, que abrangem todas as instâncias do cotidiano.

O presente capítulo tem por objetivo caracterizar algumas dessas práticas a partir da descrição de algumas disposições discursivas que conformam a narrativa da conquista. Nela, a relação ritual entre sacrifício e desafio se espalha para o cotidiano a partir da produção de prescrições relativas ao corpo da mulher.

## **2.1. A IURD e sua memória social**

Nas décadas de 1980 e 90 houve um grande esforço de análise por parte dos estudos de religião acerca do que costuma ser denominado de campo pentecostal. Essa vertente de estudos certamente ampliou os horizontes de discussões sobre os fenômenos religiosos no Brasil. Grande parte da produção dos anos 1990 concentrou sua análise no chamado pentecostalismo autônomo, pentecostalismo da terceira onda ou

neopentecostalismo, no qual a IURD sempre ocupou uma posição de grande visibilidade (Freston,1993; Gomes, 2004; Scheliga, 2010).

A posição da IURD no campo religioso sempre foi de agente produtora de debates acirrados, a começar por sua fundação. Edir Macedo Bezerra e Romildo Ribeiro Soares e Roberto Augusto Lopes, provenientes da Igreja Nova Vida, fundaram em 1977 uma denominação que teve dois nomes: primeiro chamou-se Cruzada do Caminho Eterno e em seguida chamou-se Igreja da Bênção. Três anos depois, por discordâncias com Macedo, R.R. Soares sairia para criar sua própria igreja (Igreja Internacional da Graça de Deus – IIGD), este episódio é narrado por Macedo no segundo volume de *Nada a perder* (2013)<sup>50</sup>. No entanto, é importante notar que esse *status* da IURD como protagonista de inúmeras polêmicas consolidou-se ao longo do tempo, havendo os meios de comunicação desempenhado um papel relevante nesse processo.

Com efeito, na segunda metade da década de 1980, a IURD ganhou certa evidência com a transmissão de seus cultos via rádio e televisão, além da realização de ritos públicos em estádios de futebol, segundo Gomes (2004), em 1987 ocorreu uma das primeiras concentrações promovidas pela igreja em um estádio de futebol (Maracanã, Rio de Janeiro). Anos depois, em 1992, um evento semelhante reuniu no mesmo local cerca de 230 mil pessoas. Desde então, noticiários de grandes emissoras de televisão e da mídia impressa passaram a publicar matérias sobre a IURD, explorando, sobretudo, seu método de arrecadação de dinheiro. Em 1990 foi ao ar pela (extinta) Rede Manchete o Programa *Documento Especial*, que exibiu uma série intitulada *Seitas evangélicas: Igreja Universal*. O programa mostrou em quatro capítulos imagens dos cultos,

---

<sup>50</sup> Mariano (1999), Gomes (2004) e Scheliga (2010) trazem informações mais detalhadas sobre o histórico de fundação da IURD.

entrevistas com fiéis, com pastores, etc. Foi a primeira vez que uma emissora de televisão exibiu uma série de programas sobre uma instituição religiosa classificada como evangélica. Outro exemplo que posso citar a esse respeito é uma reportagem exibida pela Rede Globo em 1995 que mostra os bispos da IURD carregando e dividindo sacos de dinheiro.<sup>51</sup>

Pode-se dizer que o imaginário difundido pelos meios de comunicação que relacionavam a IURD às práticas de charlatanismo aliadas a estratégias empresariais de divulgação de imagem e arrecadação de dinheiro, era recorrente também no campo dos estudos sobre religião, de modo que é possível afirmar que as pesquisas produzidas no decorrer da década de 1990 também contribuíram para o estabelecimento desse *status* da IURD enquanto agência produtora de controvérsia. Giumbelli (2004) apresenta uma análise detalhada acerca do campo de pesquisas sobre religião, desenvolvendo de forma específica um quadro sobre as pesquisas acerca da IURD realizadas desde o início da década de 1990. Um dos fatos mais citados pelos autores e que contribuiu para esse *status* ocorreu em 1995: trata-se daquilo que ficou conhecido como "o chute na santa". A IURD já estava envolvida num forte debate, seja por opor-se à Rede Globo, seja pelas críticas recebidas de outras denominações cristãs. Em outubro de 1995, o bispo Sergio von Helder, durante a apresentação do programa televisivo *Despertar da fé* em que fazia uma prédica cujo tema era idolatria, deu um pontapé na imagem de Nossa Senhora Aparecida, que tinha sido levada ao cenário do programa como exemplo de falsa divindade<sup>52</sup>.

---

<sup>51</sup>Ver

[www.youtube.com/watch?v=7merR5hTNoY](http://www.youtube.com/watch?v=7merR5hTNoY)  
[www.youtube.com/watch?v=ao9oPyLkBy4](http://www.youtube.com/watch?v=ao9oPyLkBy4)

<sup>52</sup> Ver mais em Mariano (1999), Almeida (2009) e Scheliga (2010).

Da mesma maneira que alguns acontecimentos ocorridos nas últimas décadas emergem como fundamentais para se pensar sobre a IURD, nos últimos anos, com a comemoração de célebres aniversários (25 anos, 30 anos e 35 anos), começou a surgir, por parte de agentes ligados à própria IURD, a necessidade da narrativa sobre si, da reflexão sobre as próprias origens, sobre as motivações para criação da igreja. Por certo, este movimento brotou de uma necessidade coletiva de se pensar a própria história, de produzir e legitimar uma narrativa para justificar posições na hierarquia eclesiástica, associações, dissociações e relações de ascendência. Hoje a IURD possui seus descendentes, sua própria geração de membros nascidos em famílias que já pertenciam à igreja por pelo menos duas gerações. Esse movimento de produção de memória vem sendo liderado por Edir Macedo e outros líderes, e ajudou a construir uma nova categoria de distinção no quadro de posições sociais que configura a igreja, a saber, o membro fundador<sup>53</sup>.

Gomes (2004) observa essa produção na estratégia de construção das grandes catedrais. Pensando acerca do modo como as noções nativas de memória e autenticidade são performatizadas por meio desses empreendimentos arquitetônicos com os quais se constrói uma memória que remete à consolidação da IURD como religião, Gomes analisa a circulação constante de um conjunto de categorias – "perseguição, revolta, sacrifício e conquista" – que, associadas, dão sentido às crenças e práticas religiosas da IURD, configurando o que a autora denomina de *circuito da conquista*. Na produção narrativa desse mito de origem, a igreja fundamenta sua identidade na medida em que mobiliza os elementos que lhes servem como sinais de autenticidade e permanência. Neste processo de constituição, a narrativa da

---

<sup>53</sup> Segundo Edir Macedo (2012), apenas 25 pessoas possuem a carteirinha de membro fundador.

conquista, presente no discurso oficial da igreja, foi extremamente relevante e atuou como princípio norteador para a elaboração e implementação da "era das catedrais" (*ibidem*: 19).

Esse mesmo jogo de categorias, "perseguição, revolta, sacrifício e conquista", servem de eixo narrativo para as duas biografias publicadas sobre a vida de Edir Macedo, *O bispo: a história revelada de Edir Macedo* (2007), escrita pelos jornalistas Douglas Tavolaro e Christina Lemos; e *Nada a perder* (2012), escrita pelo próprio Edir Macedo. Nesse primeiro texto, o estilo de apresentação narrativa obedece, em alguns casos, o modelo de entrevista. Dentro do jogo de perguntas e respostas, Macedo fala sobre sua posição favorável ao aborto, ao divórcio em caso de adultério, da importância do uso de métodos contraceptivos. E se mostra contrário a outras questões, tais como a união homoafetiva, legalização das drogas e sexo antes do casamento (ver mais em Scheliga, 2010: 158-162).

Tais obras narram a história da IURD, que aparece sempre imbricada na história de Macedo a partir de dois eventos: o primeiro citado serve como fundamento estrutural da narrativa:

Começo da tarde do dia 24 de maio de 1992, mais precisamente uma e meia da tarde. Como esquecer essa data e horário? [...] Desde que o trabalho começou a crescer, entramos na mira. O Clero Romano mandava e desmandava no Brasil, mais do que nos dias de hoje. [...] Andei de carro alguns quarteirões do estacionamento da Igreja e, na rua São Benedito, ouvimos um barulho estranho. A imagem permanece estática na minha mente: dezenas de viaturas da polícia correndo em nossa direção. [...] Eram cinco delegados e 13 agentes civis e federais. [...] Logo recebi voz de prisão e fui arrastado em direção a uma das viaturas. [...] O carro de polícia saiu em arrancada, comigo detido

## Cap. 2 – O corpo das práticas

entre dois agentes armados. [...] Cheguei quase no início da noite à delegacia de Vila Leopoldina, na zona oeste de São Paulo. [...] Este era o endereço onde viveria 11 dias de castigo. (Macedo, 2012: 10-11, 14)

Os trechos apresentados acima narram o exato momento da prisão de Edir Macedo, as acusações eram de estelionato, curandeirismo, charlatanismo; depois, vieram acusações de ligação com narcotráfico e sonegação de impostos.

Esse evento emerge sempre interpretado sob a noção de "perseguição", tornando-se fundamental no processo de se conferir à IURD sua autenticidade como religião. Isso porque a prisão de Macedo passa a estabelecer uma relação direta com a biografia de alguns apóstolos, narradas no Novo Testamento, tendo o apóstolo Paulo como principal representante. Isso porque, nas narrativas dos primeiros anos da religião cristã, a perseguição era interpretada com um sinal de autenticidade do verdadeiro cristão.

Eu me via como os apóstolos, porque estava vivendo a mesma situação deles nos tempos antigos. Era um privilégio. Sofrer como os homens de Deus sofreram por um Senhor que eu abracei com todo o meu entendimento. (Ibidem)

O próprio Edir Macedo fez um balanço sobre o sentido de sua prisão para a história da IURD. Ele reconhece que, devido à atitude de transformar um momento de adversidade em oportunidade, o fato de ter sido detido trouxe vários benefícios para a igreja:

Naquele momento eu vi que era preciso

## Cap. 2 – O corpo das práticas

transformar o problema em oportunidade.  
Deus não fez o rei Davi.  
Golias, o gigante, e a afronta contra o povo de  
Israel é que fizeram. (Ibidem: 44)

Novamente, Macedo utiliza uma figura bíblica, desta vez do Antigo Testamento, para conceber sua história. Nesse exercício a noção de autenticidade é operada pela comparação dos membros da IURD com o povo de Israel. A figura do gigante corrupto emerge em outras passagens do livro, para se referir à Igreja Católica e à Rede Globo, que emergem sempre descritas como instituições perseguidoras por excelência da IURD. Scheliga (2010) discorre detalhadamente acerca dos debates sobre pluralismo e autenticidade religiosa que envolviam a IURD na década de 1990. Seu texto traz um interessante quadro de acontecimentos que produzem o cenário da "guerra santa". Nesse contexto, IURD, Igreja Católica e Rede Globo aparecem como agentes centrais.

Voltando a narrativa, ainda no mesmo capítulo, Macedo registra sua resposta ao juiz que expediu seu mandato de prisão. Poucas semanas após a emissão do *habeas corpus* que o tirou da prisão, Macedo compareceu ao fórum para responder sobre as acusações. A indagação apresentada pelo juiz é descrita por Macedo como abusiva, visto que não tinha qualquer relação com os crimes pelo qual respondia, algo que serviu para testificar que tudo se tratava de uma intensa "perseguição".

Ele queria saber se havia diminuído o povo da Igreja Universal depois da minha prisão. Fui seco. Disse que não, pelo contrário, se multiplicou. Os templos, de fato, começaram a abarrotar de gente, muitas curiosas com o noticiário e outras em apoio à luta da Igreja. (Macedo, 2012: 26)

Assim, a descrição que configura o primeiro evento emblemático na narrativa que a IURD tece sobre si retoma o percurso prático que constitui o *circuito da conquista* (Gomes, 2004). Nele, a perseguição se torna fundamental: ela por si só não garante a conquista, nem mesmo pode atestar a autenticidade religiosa do perseguido, porém, relacionada às estratégias representadas pelas noções de "revolta, sacrifício e conquista", opera de modo a constituir um processo que conferiu ao perseguido a legitimidade em seu campo de relações.

Ainda bem jovem Macedo tornou-se universitário, matriculando-se no curso de matemática na Universidade Federal Fluminense, curso que abandonou sem concluir anos depois, quando decidiu dedicar-se à vida eclesial (Macedo, 2012). Antes de narrar acerca de sua conversão, Macedo conta que sua família era muito religiosa e de tradição católica, mas que devido à bronquite crônica de sua irmã mais velha, Elcy, toda a família passou a frequentar um centro espírita Santo Antônio de Pádua, em São Cristóvão, no Rio. A cura da irmã tardava a chegar, até que, numa noite, durante uma crise, ela ouviu um programa da Igreja Nova Vida no rádio e passou a atribuir a melhora da sua condição respiratória a esse evento. Após a melhora completa de seus sintomas de Elcy, Macedo decide acompanhar sua irmã até a igreja, onde meses depois se converte. Foi na igreja que Elcy conheceu e logo depois casou-se com R. R. Soares.

O outro evento que também passou a ser reconhecido como cerne na fundação da IURD é o nascimento de Viviane Freitas, segunda filha de Macedo e sua esposa Ester Bezerra, em 1975. Nesse período, Edir Macedo ainda frequentava a igreja Nova Vida, onde havia se convertido em 1963, aos 18 anos de idade, quando trabalhava como funcionário público na Loteria Federal. Viviane nasceu com uma fissura labial, uma fenda palatina, conhecida genericamente como lábio leporino.

Nas palavras de Macedo, o nascimento de Viviane marcou um importante período de transição em sua vida. Fazia algum tempo que queria deixar de trabalhar como funcionário público para atuar como pastor, porém, na Igreja Nova Vida, não havia encontrado abertura para realizar seu desejo. Juntamente com seu cunhado, R.R. Soares, Macedo passou a atuar numa pequena missão dirigida por outro pastor, embora ali também tenha encontrado resistência para seu reconhecimento como sacerdote, o que o impedia de deixar o emprego.

Macedo diz:

[...] em vez de buscar consolo nos meus entes queridos ou mesmo na igreja, parti pra cima do problema com uma ira incontrolável.

Decidi orar. Mas não foi uma oração comum. Fechei as mãos e, com raiva, esmurrei a cama inúmeras vezes.

– Meu Deus, agora ninguém vai me parar. Não tem família, nem esposa, nem tem futuro, nem tem sentimento, não tem nada. Ninguém vai me parar! Ninguém, ninguém! Chega, chega!

ALI FOI GERADA A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS.

(Macedo, 2012: 122, grifos meus)

Assim, categorias como "raiva", "ira" e "revolta" passam a ser mobilizadas no discurso para descrever a indignação de um casal temente a Deus que concebe uma "filha doente", enquanto outros casais recebem uma "filha perfeita". A relação entre servir a Deus e perfeição física é acionada na medida em que deficiência e outras diferenças consideradas como anomalias corporais são tidas como sinais do distanciamento da divindade. Macedo, que nasceu com má formação nos dedos da mão direita, o que o deixou com a mobilidade reduzida, ao descrever sua deficiência e o preconceito que enfrentou na escola e no

trabalho, remete sempre ao fato de ter nascido num momento em que seus pais viviam na ignorância (pois frequentavam a Igreja Católica) e no pecado. A noção de superação, normalmente verificada em narrativas sobre deficiência, emerge nesse caso atrelada à noção de desafio. Esse seria o único caminho para que uma falha passasse a ser compreendida de acordo com a lógica da conquista (Mafra *et al.*, 2012).

O nascimento de Viviane gerou meu grito de independência. Se ela não tivesse nascido doente, a Igreja Universal não existiria. Minha revolta estaria adormecida de tal forma, talvez, que voltaria a me tornar um simples frequentador da Nova Vida. Eu sofri e posso pregar sobre sofrimento. A Igreja Universal não prega o que aprendeu na escola ou em uma faculdade, mas pelas lições práticas do Espírito Santo na vida.

Naquele momento, o desafio consistia em deixar a carreira de funcionário público para dedicar-se à de pastor. Sem o reconhecimento das duas outras igrejas que havia ajudado a fundar, *Morada do Caminho Eterno* e *Casa da Bênção*, com o apoio de R.R. Soares, começou a realizar cultos evangélicos num coreto de praça no bairro do Méier, no Rio de Janeiro. Com a participação constante de algumas pessoas, e incentivado por alguns vizinhos da praça que frequentavam os cultos, Macedo alugou um pequeno galpão onde funcionava uma antiga funerária no bairro da Abolição. Nesse local, a Igreja Universal foi fundada, tendo como responsável oficial R.R. Soares, e como vice, Edir Macedo.

Alguns anos depois, as divergências entre Macedo e R.R. Soares dividiram a liderança da IURD (composta, em 1980, três anos após a fundação, por 15 pastores). Em assembleia, optaram por manter Macedo na liderança, algo que fez com que R.R.

Soares rompesse com a IURD e se dedicasse exclusivamente aos trabalhos com a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), que havia sido fundada por ele na cidade de São Paulo no mesmo ano em que a IURD foi fundada no Rio.

\*\*\*

É interessante notar que os dois eventos citados como marcos da memória de fundação da IURD possuem características distintas e dizem respeito a fases diferentes da trajetória da igreja. O nascimento sofrido de Viviane torna-se uma alegoria do nascimento sofrido da IURD, uma igreja que nasceu pequena, cheia de deficiências, sobrevivendo num coreto de praça e numa funerária desativada, dirigida por um evangelista sem qualquer legitimidade teológica, que havia sido "rejeitado" (essa categoria é recorrente também) por outras três igrejas. Nas palavras de Edir Macedo, Viviane, " hoje é casada e vive com um homem de Deus. É uma mulher realizada, alegre, cheia de sonhos e, o mais importante, como eu, dedica a vida ao Evangelho" (Macedo, 2012: 130). De modo análogo, a IURD, que,

fruto do casamento com Espírito Santo [...] era minúscula, cheia de dificuldades, [...] hoje, com 35 anos está em centenas de países, têm milhares de pastores, milhões de obreiros e membros fiéis. Uma igreja pulsando em fé e vida, ganhando almas para o Reino de Deus. (Ibidem: 218)

Se a narrativa da origem traz um sentido de "eleição"<sup>54</sup> ou escolha por parte de Deus em relação a Edir Macedo e a fundação da IURD, a narrativa da prisão confere autenticidade ao mito de nascimento, que se deu sob o estigma – um sinal diacrítico – que transfigura sua imagem e a torna religião legítima. Por meio da alegoria com a narrativa bíblica dos apóstolos perseguidos no início da era cristã, Edir Macedo conquista o reconhecimento social para o seu chamado divino, reconhecimento este que é transferido para a missão por ele fundada.

Retomando a ideia desenvolvida por Gomes (2004) sobre a produção por parte das práticas rituais da IURD associadas a um Israel mítico<sup>55</sup>, é possível perceber uma relação metonímica semelhante estabelecida entre as narrativas que compõem o Antigo Testamento (quando um acontecimento na vida de um profeta era incorporado na memória coletiva como história de todo o povo de Israel) e a construção da memória social da IURD. Os eventos da vida de Macedo passam a dar conta das memórias que legitimam a origem religiosa da igreja.

## 2.2. O sacrifício ritual e a performance da

---

<sup>54</sup> Com a utilização dessa categoria, pretendo recuperar seu sentido teológico, muitíssimo empregado em exegeses bíblicas e prédicas em igrejas da tradição evangélica em referência ao povo de Israel como povo eleito de Deus. Tais leituras costumam estender a esfera de oferecimento das promessas descritas no Antigo Testamento tomando como povo eleito ou escolhido todo aquele que, no caso do calvinismo, estiver predestinado, ou, no caso das igrejas proselitistas, se converterem a Jesus.

<sup>55</sup> Algo que parece se fortalecer ainda mais com a construção e a inauguração do Templo de Salomão, no bairro do Brás, em São Paulo em 2014. Ver: [www.otemplodesalomao.com/](http://www.otemplodesalomao.com/)

## **prosperidade**

A IURD organiza seu calendário eclesiástico anual com base em alguns eventos temáticos. Durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de etnografar vários deles<sup>56</sup>. Tais eventos transformam-se em campanhas que passam a ser executadas em todos os templos espalhados pelo país. Nos últimos anos, com o advento da expansão da IURD para outros países, esses eventos dispõem o calendário anual de igrejas internacionais.

Dentre os eventos que ordenam as práticas eclesiásticas da IURD, está a Fogueira Santa. Trata-se de um evento estruturado em uma série de programações que atualmente costuma ter a duração de 30 dias. Conhecido como uma importante campanha de oração, o nome tradicional da Fogueira Santa é "Fogueira Santa de Israel". Tecendo uma analogia com a prática dos sacrifícios descritos no Antigo Testamento (quando os animais trazidos para o sacrifício eram queimados no Templo de Salomão), a ideia central da Fogueira Santa consiste em estabelecer um calendário de sacrifícios acerca de algumas proposições da vida dos fiéis.

O circuito de atividades da Fogueira Santa sempre tem uma forte relação com o espaço topográfico do Antigo Testamento, concentrado mais especificamente nos arredores de Jerusalém, com preferência para planícies elevadas. Seguindo a descrição bíblica, o povo judeu se dividia em dois reinos, um ao norte e outro ao sul em Israel. Os vilarejos do Norte ocupavam os vales, enquanto os vilarejos do Sul, as planícies. Havia uma crença de que Deus habitava montanhas e montes, e isso fazia com esses espaços fossem considerados sagrados. A história do reinado de Davi e Salomão diz respeito ao reino do Sul, que relacionava a localização geográfica com o poder divino. Com a

---

<sup>56</sup> São eles, Dia D (Dia de Decisão), Consagração de Jejum de Daniel, Dia de Revolta, Fogueira Santa do Monte Moriã, Jejum de Neemias.

unificação dos reinos (século VI a.C.), a crença um pouco mais monoteísta do reino do Sul tornou-se crença oficial da nação, o que fez com que algumas tradições e os reinados de Davi e Salomão se tornassem importantes marcos de identidade nacional. Essa tradição tornou-se referência na história judaico-cristã. Atualmente, igrejas do movimento católico carismático e igrejas evangélicas são expoentes dessa tradição, que vê em Jerusalém e em seus montes vizinhos espaços sagrados. No calendário anual de oração da IURD, cada período de oração da Fogueira Santa corresponde a um determinado monte descrito no Antigo Testamento e, portanto, constituído como sagrado. Logo, o circuito de atividades que integram o evento pode ser compreendido dentro de um conjunto de práticas que conformam a criação de um Israel mítico, um espaço simbólico constituído e rememorado na relação com o espaço geográfico, seguindo sempre as narrativas do Antigo Testamento. Gomes (2004: 88) apresenta uma lista detalhada da relação que a Fogueira Santa promovida pela IURD estabelece com os espaços geográficos de Israel. A conquista desses espaços não se dá apenas no campo simbólico: o incentivo de viagens e o apoio para que a liderança chegue até esses espaços nos permite deduzir que a conquista geográfica também é importante, o corpo que pisa num espaço sagrado também se sacraliza. A produção desse espaço mítico é determinada, de um lado, pelo valor outorgado ao Antigo Testamento, e de outro, pela realização de atividades como viagens e peregrinações a Israel, além da fabricação de objetos. Pastores e bispos ensinavam a centralidade desse Israel mítico no modo como a IURD se organiza e se reconhece como religião.

A Fogueira Santa compreende, portanto, uma estrutura organizada de atividades coletivas e tarefas individuais fundamentadas numa relação de confiança que segue firmada entre o crente e a divindade. Nessa espécie de contrato, o primeiro se apresenta como sujeito portador de um desejo,

enquanto o segundo, apresenta as garantias para a realização deste desejo<sup>57</sup>, fundamentando um acordo de reciprocidade (como já citado no capítulo 1).

O desejo considerado legítimo é aquele que pode ser reconhecido como direito para a vida em abundância. Partindo desta premissa, mais do que desejar, é preciso, primeiramente, educar o desejo, para somente depois desprender-se em sacrifício. Essa educação se dá em estágios complementares que vão dos cultos e das chamadas reuniões de poder e vigílias especiais, até os cursos e reuniões em grupos etários. Trata-se de uma educação voltada para o direito à prosperidade.

O acesso ao direito de prosperidade está diretamente relacionado ao sacrifício. O sacrifício torna-se o centro das práticas, motivado pela realização de desafios, instituindo um circuito de atividades e objetos em prol do benefício a ser alcançado. Este mesmo circuito movido pela lógica do desafio termina com uma performance narrativa da gratidão, nela a trajetória de vida é mobilizada, tendo como cimo o compromisso de sacrifício frente ao desafio e a mudança de vida a ser conquistada (Scheliga, 2010).

Como é comum em outras igrejas da tradição evangélica, na IURD as explicações sobre a vida nesse mundo emergem sob a metáfora da guerra. "Viver no mundo é viver em constante batalha". Nas incursões etnográficas realizadas durante o período de pesquisa empírica, essa frase estava sempre presente na prédica de um dos pastores dirigentes da Terapia do Amor, quando comparava a vida sentimental a uma guerra. De acordo com esse pastor, vitorioso era aquele que, em meio à batalha, conseguia conquistar um relacionamento feliz. A metáfora da

---

<sup>57</sup> Entre os anos de 2010 e 2012, que correspondem ao tempo da pesquisa empírica, ocorreram três campanhas anuais. No último ano, houve a Fogueira da Vida Sentimental (acima citada), a Fogueira dos Revoltados e a Fogueira do Monte Moriá.

guerra também é constantemente operada no circuito de rituais da Fogueira Santa, que consiste num processo marcado por três tempos rituais, a saber, *revolta-sacrifício-conquista*. Essa temporalidade ritual permite que se retome a noção de circuito da conquista de Gomes (2004:4) Trata-se da atuação conjunta dos ideais de conquista ou superação formulados e praticados com base na noção de perseguição,

O primeiro conjunto de práticas corresponde ao tempo da revolta. Nele, os fiéis são convidados a dizer palavras de indignação frente à sua situação de vida e o distanciamento do seu desejo maior. A conquista do desejo corresponde à sublimação do estado de guerra. Numa das vigílias de que participei em 2011 por ocasião do início da Fogueira Santa de Gideão (programação que contou com a participação musical das *Sisterhood*, que, como demonstrarei a seguir, é um dos grupos etários da IURD, formado por mulheres de 15 a 30 anos), no momento das orações individuais, uma música começou a tocar de forma intensa no templo e algumas palavras de ordem passaram a ser exibidas no telão. Essas palavras eram repetidas por aqueles que se encontravam em oração:

Em tempo de guerra, o que fazer?  
Os tímidos se escondem,  
Os fracos desistem,  
só os revoltados fazem a diferença.<sup>58</sup>

O tempo ritual da revolta seria o momento da rejeição de um estado de imobilidade e marasmo frente a uma disposição para a ação.

O segundo tempo ritual diz respeito ao sacrifício que se apresenta por meio da realização de um desafio. Este pode ser

---

<sup>58</sup> Etnografia realizada em junho de 2011, no Cenáculo da Avenida São João Dias, Bairro de Santo Amaro, São Paulo.

considerado o eixo central das práticas rituais da IURD, citado como um dos pilares para a vida do crente. O tema do sacrifício ocupa um capítulo no livro de doutrinas da igreja escrito por Edir Macedo<sup>59</sup>, portanto, alcançar a vida próspera exige sacrifícios. Baseando-se em exemplos bíblicos, todos contidos no Antigo Testamento, a entrega de bens materiais são incorporadas ao rito de modo a produzir mediação entre o sacrificante e o receptor do sacrifício. Compreende-se como bem material não apenas o dinheiro em espécie, mas uma rede de objetos com valor material, tais como casa, carro, ações financeiras, etc. Enfim, tudo aquilo que pudesse assegurar, por meio da transação ritual, que o sacrificante, no rito, entregue-se a si mesmo. Segundo essa lógica, o verdadeiro sacrificante doa seu bem mais precioso e, quanto maior for a doação, maior será a conquista. Segundo Scheliga, há três tipos de contribuições na prática ritual da IURD: o dízimo, a "doação" e a "oferta". O dízimo corresponde à lógica da obrigação: todo o membro da igreja deve ofertar seu dízimo, que corresponde a uma porcentagem do total recebido naquele mês. A "doação" e as "ofertas", ao contrário do dízimo, pertencem à lógica do voluntariado e do desafio. Logo, "é através da doação a um terceiro que se fortalece a relação de reciprocidade entre o doador e Deus" (Scheliga, 2010: 18).

O sentido do desafio nas práticas rituais da IURD consiste na aproximação com o sagrado. Ofertar um bem de valor social reconhecido corresponde, metaforicamente, à sujeição do corpo do ofertante. Isso garante, gradualmente, sua relação com o sagrado. Assim, dinheiro, casa, carro ou qualquer outro objeto adentram no mundo sagrado pela mediação do sacrifício, que é performatizado no rito, constituindo um processo que confere ao sacrificante – e, conseqüentemente, aos

---

<sup>59</sup> Descrito por Macedo como "o caminho mais rápido para alcançar ao objetivo de todo crente: a "vida em abundância"." (*apud* Gomes, 2004: 81).

bens relacionados à sua vida –, uma natureza sagrada (Mauss, 2001 *apud* Gomes, 2004).

O terceiro e último tempo ritual é marcado pela celebração da conquista. Esse tempo se constitui como o ponto final da narrativa que começou a ser produzida no primeiro tempo ritual. Nele é preciso recuperar a insatisfação e as dificuldades da vida anterior à imersão nesse processo ritual que constitui uma espécie de memória biográfica ritual. Os tópicos acessados nessa narrativa são sempre: fracasso profissional e financeiro, desavenças familiares e doenças crônicas. O rito de revolta serviu para mostrar publicamente a insatisfação com a condição de vida e a busca por uma transformação. O desafio emerge, assim, como ponto-chave do circuito, pois o acesso ao sagrado ocorre mediante o reconhecimento (subscrito na primeira fase ritual), mas sim na doação de algo que funcione como metáfora da doação de si mesmo. É o tamanho da doação, relacionada à dedicação ao rito, que garante o triunfo junto ao sagrado. O rito termina com a narrativa do que mudou, de modo que o fracasso profissional se transforma em êxito, a família passa a viver bem e as doenças (que segundo essa lógica pode ser fruto de possessão de demônios) é substituída por vigor físico. Tais narrativas se multiplicam nos cultos, nas reuniões de oração, nos programas de televisão e rádio. Apresento a seguir alguns trechos de um depoimento de uma frequentadora assídua da IURD, com base nos quais exemplifico a lógica desse rito.

Sra. Deusa é obreira da IURD no Brás e membro da igreja há 15 anos. Sua biografia parece ser muito conhecida, nas reuniões de mulheres e nas campanhas para Fogueira Santa, porque, além dos testemunhos proferidos nos cultos, ela concedeu uma entrevista ao próprio Edir Macedo, exibida na TV

## Cap. 2 – O corpo das práticas

IURD, em junho de 2011<sup>60</sup>. Nordestina, nascida no interior do Piauí, Sra. Deusa veio para São Paulo trabalhar como doméstica na casa de uma família, após problemas de convivência foi despejada, e ainda muito jovem, passou a viver nas ruas no bairro da Liberdade. Hoje, Sra. Deusa é proprietária de uma rede de salões para cuidados estéticos no bairro do Morumbi, região considerada nobre na cidade de São Paulo. É possível perceber, no modo como estrutura sua narrativa com base na lembrança dos momentos vividos, a forte presença dos elementos citados acima, a saber, os tempos rituais *revolta-sacrifício-conquista*:

Deusa: eu já estava na rua há muito tempo e cheirava mal. O senhor sabe como é morador de rua, ele não toma banho, não come, só come resto de comida...

Bispo Edir Macedo: quanto tempo a senhora ficou morando na rua?

Deusa: quase dois anos... mas, assim, dois anos de angústia, de olhar para a rua, de olhar para o viaduto, e me sentir presa, angustiada e sentir...

Bispo Edir Macedo: então a senhora sentiu-se revoltada?

Deusa: sim, eu senti revolta...Um dia, o Senhor sabe que mendigo anda muito, ele sobe e desce de cobertor nas costas... um dia, fui pra aqueles lado do Brás, e o que me chamou atenção foi, na parede da igreja, o coração com a pombinha branca no meio. Tomei coragem, toda suja, toda fedida, eu falei com a moça que estava na porta da igreja, ela me levou pra dentro da igreja, me levou até o altar e falou bem baixinho: "esse aqui é o nosso pastor".

---

<sup>60</sup>Ver

[www.bispomacedo.com.br/?s=de+mendiga+a+esteticista](http://www.bispomacedo.com.br/?s=de+mendiga+a+esteticista)  
(acessado em 23/06/2011).

Eu olhei pra ele e falei: Moço, o senhor pode me dar uma ajuda? Aí... olha só que homem especial, Bispo! Ele veio com um papel que era um envelope, né? e me deu aquele papel.

Bispo Edir Macedo: [muitos risos] então, em vez de te dar ajuda ele te deu um envelope? [risos]

Deusa: eu olhei pra ele e falei: ué, eu vim pedir ajuda e o senhor me dá um envelope? o que eu vou fazer com ele?

Olha só a resposta dele, ele não falou muito, ele falou assim: "A senhora vai trabalhar" Olha que palavra especial: "VAI TRABALHAR E FAZER UM SACRIFÍCIO". [ênfase da narradora]

Eu fui até a praça da Liberdade e, no dia seguinte, fui num barzinho e arranjei um trabalho. O dono do bar me deu balde, vassoura, eu limpei tudo e no final do dia, ele me pagou.

Eu comecei a trabalhar lá. A palavra do bispo: "VAI TRABALHAR E FAZER UM SACRIFÍCIO", foi a palavra SACRIFÍCIO que me levantou!

Eu passei a juntar todo o dinheiro que eu ganhava dentro do envelope. Às vezes, Bispo, eu tinha vontade de comprar um lanche, mas aquela palavra "SACRIFÍCIO" me segurou...

Um dia fui na igreja, não tinha culto, eu falei: olha pastor eu trouxe aqui meu sacrifício e vou deixar na mão do senhor, vou confiar no senhor.

Ele disse: "esse sacrifício que você não vai entregar pra mim, vai entregar no culto, nas mãos de Deus, você vai ver como sua vida vai mudar... E foi isso mesmo, Bispo, dali pra frente, minha vida começou a mudar... Eu saí das ruas, fui morar num quartinho no bar, tive a oportunidade de me matricular numa escola para cabeleireiros. Olha que especial, saí da lama, da rua e fui cuidar da beleza do homem e da mulher. Com o tempo,

## Cap. 2 – O corpo das práticas

comprei um terreno no Morumbi e construí aquele prédio que vocês conhecem.... Tudo porque o pastor usou comigo a palavra certa: "TRABALHO E SACRIFÍCIO".

Na narrativa de Deusa, é possível compreender que o ritual do sacrifício remete a uma eticidade do próprio sacrifício mediante a sua relação com o trabalho no cotidiano dos fiéis. A relação com o sacrifício agregou ao trabalho uma noção de vocação.

Weber (2004:59) analisa a concepção de mundo e a ética do trabalho de algumas denominações religiosas de tradição calvinista, colocando-as como importantes agentes na formação da ética do trabalho e da relação com o dinheiro na modernidade. Segundo o autor, tais agentes deslocam a ideia de vocação, que permanecia reservada à função sacerdotal ou monástica, para o mundo moderno do trabalho. Para Weber a categoria *beruf* utilizada por Lutero para falar de trabalho na edição alemã da Bíblia diz respeito a uma derivação da palavra latina *arvus*, que aproxima o cultivo da terra da noção de vocação vivida nos mosteiros. As traduções francesa e inglesa da Bíblia apresentam o termo da mesma forma, de modo que se tornou comum uma exegese bíblica que fala do trabalho como vocação divina. Arelado à concepção de vocação, o trabalho torna-se uma missão intramundana, um dever absoluto. Como imperativo categórico da racionalidade moderna, o trabalho deve ser organizado, metódico, sistemático e persistente, um instrumento ascético voltado para o cumprimento do dever, que consiste sempre em agradar a Deus (*ibidem*: 130-131).

Quando quis Deus que o homem se aplicasse a cultivar a terra, na pessoa do homem condenou Deus a ociosidade e a indolência. Portanto, nada é mais contrária à ordem da natureza que consumir a

## Cap. 2 – O corpo das práticas

vida comendo, bebendo e dormindo... (Calvino, 1996: 125)

Em *As Institutas da Religião Cristã* (1536), Calvino recomenda aos protestantes aquilo que ele denominou de cinco princípios éticos fundamentais para os cristãos. Dentre esses, três parecem essenciais à análise: trabalho, poupança e frugalidade.

O Senhor não nos prescreveu um ômer ou qualquer outra medida para o alimento que temos cada dia, mas ele nos recomendou a frugalidade, e proibiu que o homem exceda por causa da sua abundância. Por isso, aqueles que têm riquezas, seja por herança ou por conquista de sua própria indústria e labor, devem lembrar que o excedente não deve ser usado para intemperança ou luxúria, mas para aliviar as necessidades dos irmãos. (Calvino, 2009, III.7.5-6; III.10.4-5)

Esse conjunto de práticas sociais e de normas morais resultou na produção de uma disciplina para o trabalho, com regras que incentivavam a privação do prazer e estimulam a poupança. Esse processo marcado pela proibição do ócio, a disciplinarização do horário de trabalho e do gasto com o salário contribuiu para a formação da noção econômica de renda excedente e a implementação dessa renda como capital.

No caso da IURD, o modelo do sacrifício ritual incorpora ao rito uma troca permeada por alguns sentidos econômicos. Isso porque o desafio consiste na capacidade de poupar, e o exercício da poupança não se baseia no valor excedente, mas, ao contrário, o poupador disciplinado poupa, inclusive, em condição de escassez. Desenvolver o controle financeiro para poupar é, portanto, crucial. Todavia,

diferentemente da lógica das religiões ascéticas descritas por Weber, na IURD, a frugalidade vai além da noção da sacralização do trabalho frente ao sacrifício, pois não aparece mais como princípio cristão. O dinheiro deve ser usufruído na terra, uma vez que é justificado como promessa de vida em abundância (Lima, 2007a). Vale ressaltar, porém, que a relação de troca que o sacrifício estabelece não é interpretada como transação econômica, ou seja, o bem doado não apresenta seu valor de troca enquanto dinheiro, mas sim enquanto corpo do doador.

O sacrifício instaura um acordo entre duas partes, a saber, o sacrificante e Deus. A igreja torna-se mediadora e mantenedora dessa relação, pois é no espaço religioso que as regras do acordo são produzidas e reafirmadas (*ibidem*). Porém, as noções de sacrifício, desafio e entrega atravessam as demais dimensões da vida do ofertante, que passa a ter com o divino uma relação de troca de atributos pessoais:

As bases de nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; o que é dEle (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria e tudo de bom) passa a nos pertencer. Passamos a ser participantes de tudo o que é de Deus. (Macedo, 2005: 68)

Voltando ao testemunho de Deusa, é interessante notar que sua narrativa amarra alguns pontos considerados essenciais ao projeto pedagógico vivido pelos fiéis da IURD, cujo foco é a prosperidade. O primeiro deles diz respeito à correlação estabelecida entre prosperidade e cuidado de si. No início de sua fala, sua situação como mendiga parece se afirmar na descrição de seu corpo: o odor, a sujeira, as roupas rasgadas emergem como marcadores de sua condição de pecadora e de seu

distanciamento de Deus. Depois de ofertar seu primeiro sacrifício, ainda como empregada de um bar, sua primeira iniciativa foi matricular-se em cursos de formação de cabeleireiros e esteticista. Assim, a transformação de sua vida ocorreu de tal forma que os cuidados estéticos com o corpo se tornaram foco do seu trabalho, conseqüentemente, ato de sacrifício.

A relação entre o corpo e o ato do sacrifício que se traduz como ação empreendedora pode ser percebida no alto índice de frequentadoras da IURD que possuem formação em áreas relacionadas à estética. Numa reunião de mulheres da AMC, etnografada em 2010, havia pouco mais de 300 mulheres. No acesso à ficha de apresentação das participantes, pude perceber que pelo menos um terço das presentes trabalhavam como cabeleireiras ou esteticista, e grande parte delas possuíam seu próprio negócio. No relato de Deusa, outro ponto importante consiste em sua condição e seu regime de trabalho, que passa de desempregada para empregada e, de empregada para empregadora. O trabalho é a ação condicionante de quem se apresenta em sacrifício, porém, é preciso considerar que existe um quadro de posições valorativas de trabalho. Quem sacrifica deve sacrificar-se visando melhorar sua posição nesse quadro. Sem analisar muito o lugar que a carreira eclesiástica ocupa nesse quadro (algo que discutirei mais adiante), é certo que empresários e empreendedores ocupam o topo dessas disposições. Há uma produção intensa de dispositivos que conformam uma pedagogia voltada para o estímulo e o êxito do empreendedor autônomo incentivado por valores morais como "vitória", "mudança de vida", "prosperidade" (Lima, 2005: 23). Nesse sentido, a conquista de Deusa, não está no fato de ter deixado de ser moradora de rua, nem tampouco de ter conseguido se empregar como funcionária de um bar: tais acontecimentos são mobilizados na narrativa como meios para se atingir a conquista. O desafio da entrega em sacrifício do bem

poupado se assemelha ao desafio de se começar o próprio empreendimento. A conquista se traduz, portanto, na celebração do êxito do próprio negócio.

Segundo Scheliga (2010: 247), as narrativas sobre enriquecimento individual remetem a uma disposição objetiva para agir, que se manifesta na realização de "sacrifícios" e "desafios". A narrativa da conquista (ou o testemunho), não opera apenas como ponto de finalização de um determinado *circuito* de práticas: ela opera também como organizadora do tempo que corresponde à espera da realização do desejo, ou do intervalo da dádiva, que tem uma natureza incerta. Pierre Bourdieu discorre sobre a importância de se avaliar também o intervalo entre o que é oferecido, a dádiva, e a retribuição. Nas palavras de Bourdieu, esse intervalo de tempo que segue incerto faz emergir no agente da dádiva um sentimento de risco em relação à resposta de seu ato. Tal sentimento preserva a crença na gratuidade da reciprocidade, o que, com o passar do tempo, produz um *habitus* capaz de transformar o interesse (motivador da troca) num ato reconhecidamente desinteressado (Bourdieu, 1996 *apud* Scheliga, 2010).

Vale ressaltar que o modo como a IURD constrói, a partir da experiência do sacrifício, sua concepção de prosperidade, transcende a esfera financeira ao prescrever princípios de forte conteúdo moral. Apesar de o dinheiro ser um importante mediador-ritual por vincular, no desprendimento e na entrega, a fé ao ideal de um "viver em abundância", há outros dispositivos facilitadores da relação que se estabelece entre o fiel e Deus<sup>61</sup>: destes, o corpo emerge como dispositivo central.

O entendimento do corpo como mediador ritual da prosperidade se dá mediante o espraiamento da dimensão do rito, que passa da efervescência coletiva das reuniões da igreja

---

<sup>61</sup> Scheliga (2010) apresenta uma descrição densa de objetos que são usados como "pontos de contato" entre o fiel e Deus.

para as práticas e para o cuidado de si no cotidiano. Para que o corpo se torne mediador ritual da prosperidade, ele precisa ser educado. Isso se dá mediante um conjunto de disciplinas que conformam um *habitus*, o qual passa a naturalizar a prosperidade, primeiro como disposição prática engendrada no corpo, e depois, como fruto do êxito financeiro.

### 2.3. Corpo e divisão sexual do rito

O domínio sobre o corpo se dá a partir do estabelecimento de divisão sexual do rito que, ao distinguir funções para homens e para mulheres, distingue também suas posições.

Gomes (2004: 123-124) analisa a segmentação congregacional da IURD. Nela, seus frequentadores podem ser divididos numa tipologia composta por quatro tipos ideais de posições dispostas de forma hierárquica. No primeiro segmento encontram-se os membros convertidos, os obreiros, os pastores e os bispos, todos denominados de "servos de Deus". Este segmento é considerado diferenciado por concentrar toda a organização eclesiástica da IURD. O segundo segmento é composto por pessoas batizadas nas águas e no Espírito Santo<sup>62</sup>, bem como aqueles que ainda se encontram em processo de conversão (ou seja, aqueles que, embora ainda não eram batizados com o Espírito Santo, já se identificavam como iurdianos por frequentarem assiduamente a igreja). O terceiro e último segmento compreende dois tipos: os frequentadores esporádicos, que procuram a igreja em busca da bênção imediata, e aqueles sem qualquer vínculo, denominados de pessoas "do mundo", que acessam as reuniões da igreja através

---

<sup>62</sup> De acordo com a doutrina pentecostal, esses seriam os quesitos básicos da conversão.

de alguns meios de difusão do Evangelho mobilizados pela IURD.

O pertencimento aos primeiros segmentos da tipologia congregacional faz com que o fiel se sujeite a um conjunto de regras e doutrinas, o que torna a relação de pertencimento com a IURD familiar a qualquer outra denominação evangélica. A distinção consiste no fato de ela permitir (da mesma forma que a Igreja Católica) que haja em sua estrutura eclesiástica praticantes e não praticantes (Freston, 2008; Mafra *et al.*, 2012).

O primeiro segmento, a saber, das disposições hierárquicas que organizam a igreja, se fundamenta numa espécie de divisão do trabalho eclesiástico, constituído por três posições distintas, obreiros, pastores e bispos, que se estruturam a partir de dois espaços sagrados, o átrio e o altar. Tais espaços configuram uma espécie de divisão geográfica dentro dos templos. O átrio corresponde à nave, ou ao serviço de apoio aos frequentadores – serviço realizado pelos muitos obreiros e obreiras – e o altar corresponde ao púlpito e ao sacerdócio, cujo serviço é realizado por pastores e bispos.

Dentro desse esquema organizacional, mulheres atuam apenas no átrio, o sacerdócio feminino só é reconhecido mediante ao casamento com um sacerdote. O casamento serve como sinal de comprovação do "chamado" de Deus para servir no altar. Logo, a divisão do trabalho eclesiástico se baseia numa divisão sexual do trabalho.

O serviço no átrio funciona como uma espécie de "rito de passagem" para servir no altar. Todos os fiéis, homens e mulheres que desejam desenvolver uma carreira eclesiástica devem servir no átrio. O ingresso ao altar tem como condição a incorporação de uma série de disposições e a avaliação minuciosa desse processo se dá pelo êxito obtido com os serviços prestados no átrio.

No altar, a divisão do serviço se dá entre pastores e suas respectivas esposas, e, da mesma forma, entre bispos e suas

## Cap. 2 – O corpo das práticas

respectivas esposas. O reconhecimento de bispo ocorre apenas após uma avaliação meticulosa da atuação do casal no ministério pastoral e um parecer sistemático de sua esposa. Quando o homem é ordenado e reconhecido pelo título de bispo, a esposa recebe e passa a ser reconhecida pelo título de *Dona*. O casamento é a única maneira de ascensão feminina na divisão do trabalho eclesial: sem um marido atuante no altar, a mulher só pode aspirar o posto de obreira. O casamento com um pastor se torna, portanto, condição para a mulher atuar no altar, de modo que, com o divórcio, ela perde sua posição no altar e volta a servir no átrio.

No livro *Escolhida para o altar*, Tânia Rubim, casada com um bispo da IURD, conta a história de uma jovem que sempre se sentiu chamada para o altar e por isso se casou com um pastor:

Lembro-me do caso de um casal, com 10 anos de união, que servia a Deus no Altar. A esposa sempre tinha sido uma mulher de Deus, esforçada, amava as almas, ajudava o seu marido em tudo, e ele também era muito trabalhador. Tudo indicava que os dois eram felizes; ela se sentia ditosa e realizada. Certo dia, o marido disse a ela que nunca a amou e que não queria mais servir a Deus no Altar. Ele então abandonou a ambos, deixando o coração dela em sofrimento, sem o amor dele. O pior de tudo é que ele a tirou do lugar mais precioso para ela, e que ela tanto amava, o ALTAR. (Rubim, 2011: 56)

No rito, os agentes organizam os espaços de atuação reservados para a mulher e para o homem. Tais espaços se dão a partir da associação de esquemas classificatórios que têm no corpo um instrumento de diferenciação.

Ao falar sobre os modos de produção dessa diferenciação que acaba por se naturalizar na forma de *habitus*, Bourdieu (2009: 127) afirma que os sentidos atribuídos ao corpo se revestem dos sentidos forjados na relação de oposição e diferenciação estabelecida na divisão sexual do trabalho, no caso da IURD, essa divisão se dá por meio da disposição hierárquica entre os espaços sagrados: átrio e altar. Estes acabam por se tornar espaços de diferenciação entre os sexos.

A noção de crença segundo Bourdieu (*ibidem*: 112) indica que, em vez de um "estado de alma" referente a um acordo ou a um conjunto de dogmas, trata-se de um "estado de corpo", algo que também pode ser compreendido pela noção bourdieusiana de *hexis* corporal. Trata-se da incorporação do mito que o transforma e uma disposição permanente, naturalizada, uma pedagogia implícita ao corpo. A crença, nesse sentido, conforma um senso prático que consiste na "necessidade social tornada natureza, convertida em esquemas motores e em automatismos corporais" (*ibidem*: 113). A diferenciação entre masculino e feminino se dá por meio da construção de um sistema de oposições que naturaliza no corpo determinadas posturas corporais, as quais produzem um senso das capacidades exclusivas ao homem e das capacidades exclusivas da mulher.

Enquanto o homem "é viril, vai direto ao objetivo", a mulher bem-educada "é aquela que não comete qualquer inconveniência, nem com sua cabeça, nem com suas mãos, nem com seus pés" (*ibidem*: 115). Assim, o conjunto de categorias modeladoras do corpo da mulher seriam "discrição", "leveza", "emoção". Sua dimensão de ação estaria no privado, ao passo que o homem, dotado de atributos como "retórica", "coragem", "razão", teria sua dimensão de ação voltada para o público, para a interação social (*ibidem*: 116). Um trecho do livro *A mulher V: moderna à moda antiga*, escrito por Cristiane Cardoso, que comentarei melhor adiante, parece ilustrar bem essa questão:

Os homens são diferentes de nós, eles foram feitos para se concentrar e conquistar. Nós lutamos para fazer as mesmas coisas que eles fazem e ainda ser mãe, esposa e rainha do lar. Mas nós não somos eles, e não podemos querer fazer os dois papéis sem que nos prejudiquemos. (Cardoso, 2011: 109)

Em *Fé racional*, Macedo crítica o ministério feminino, dando como justificativa de sua posição a diferença natural que dispõe a divisão sexual das funções de trabalho:

São por causa desses carnais que também nascem aquelas "profetisas": normalmente, mulheres que não são nada em casa, mal-amadas, mas que têm encontrado na igreja ocasião para atrair a atenção. Muitos pastores deixam de ouvir a voz do Espírito Santo para se inclinarem à voz dessas mulheres, que muitas vezes vivem em pecado. São, portanto, profetas do inferno. (Macedo, 2010: 97)

Esse mesmo processo de diferenciação sexual orienta as práticas no contexto da IURD. A divisão sexual operada no rito, por meio da diferenciação dos espaços sagrados (átrio e altar), se desdobra numa diferenciação de disciplinas para o mundo da vida, configurando o que Bourdieu denomina *razão pedagógica*, ou o domínio prático das regras de polidez. Segundo Bourdieu *"O artifício da razão pedagógica reside precisamente no fato de extorquir o essencial sob aparência de exigir o insignificante, como o respeito às formas e as formas de respeito que constituem a manifestação mais visível e ao mesmo tempo mais 'natural' da submissão à ordem estabelecida"* (Bourdieu, 2009: 114). Assim, a IURD torna-se um espaço por excelência da

objetivação dos esquemas geradores e, indexando por meio das práticas, disposições organizadoras do mundo da vida.

### 2.3.1. Corpo feminino e razão pedagógica

Como demonstrei no tópico anterior, há na IURD uma *razão pedagógica* voltada para o domínio de regras e para a realização de desafios capazes de inculcar um *estilo de vida* voltado para a prosperidade. Os modelos dessa pedagogia emergem como disposições para o trabalho e para o serviço eclesialístico a partir de um exercício de diferenciação sexual.

É interessante notar que, mesmo com o fato de as mulheres estarem impossibilitadas de ocupar uma posição no altar (que ocorre graças à mediação do casamento), há na IURD uma produção constante de dispositivos de educação do corpo da mulher, fato que pode ser observado no quadro de produção de livros temáticos e etários. Há apenas um título publicado para homens, ao passo que, para as mulheres, há hoje 18 títulos. Macedo, ao falar sobre *fé racional*, refere-se à mulher como naturalmente emocional, tendo mais dificuldade para desenvolver os princípios da fé inteligente, o que exigiria alguns cuidados extras para moldar (Macedo, 2010). O jogo de oposições entre racional e emocional retoma a naturalização da diferença. Apesar de a mulher ser considerada mais emocional, ela ainda assim emerge como a principal agenciadora da prosperidade. Certamente porque o campo de manutenção e de engendramento dessas regras está em seu campo de ação, a saber, a casa, seu corpo, as relações familiares.

No primeiro capítulo deste livro, descrevi rapidamente alguns dispositivos pedagógicos cujo centro é a discussão de questões referentes ao planejamento familiar, cuidados estéticos, casamento, etc., conformando um conjunto de atividades, publicações, *sites*, voltados para as mulheres frequentadoras da IURD.

As primeiras programações e livros de interesse étário, começaram a ser produzidos na segunda metade da década de 1990. No caso dos livros, os primeiros foram escritos por Edir Macedo, visando discutir o que se denominou de perfil segundo o coração de Deus (ver capítulo um).

Ao final da primeira década do século XXI, começou a proliferar um quadro específico de atividades para mulheres divulgadas por meio de livros, programas televisivos e blogues. Esse quadro tematizava as diferenças entre o feminino e o masculino, as regulações para o casamento e a constituição da família. Apesar desses assuntos serem, em tese, familiares aos títulos publicados na década de 1990, os livros produzidos nos últimos anos são fruto da eclosão de um *corpus* autorizado para se abordar essa temática; *corpus* este constituído por mulheres que ocupam uma posição de destaque dentre as posições que constituem a IURD. Todas elas obtiveram o título de *Dona*, são casadas com bispos considerados importantes e juntos constituíram uma trajetória em meio ao campo de práticas que configuram a IURD e que as legitimam como detentoras de domínios específicos considerados centrais. A posição social legítima das autoras se performatiza na circulação e generalização de seus livros e blogues, que passam a ser amplamente utilizados como referências essenciais em atividades específicas, cujo foco é o relacionamento, a sexualidade e os cuidados com o corpo.

São elas, Ester Bezerra<sup>63</sup> (esposa de Edir Macedo), Silvia Jane Crivella<sup>64</sup> (esposa de Marcelo Crivella), Viviane Freitas<sup>65</sup> (filha caçula de Macedo e D. Ester, casada com bispo Julio Freitas), Nanda Bezerra<sup>66</sup> (sobrinha de Macedo, também casada

---

<sup>63</sup> Ver <http://fonteajorrar.blogspot.co.uk/>

<sup>64</sup> Ver <http://sylviacrivella.wordpress.com/>

<sup>65</sup> Ver <http://vivifreitas.me/>

<sup>66</sup> Ver <http://nandabezerra.com/>

## Cap. 2 – O corpo das práticas

com bispo), Tânia Rubim<sup>67</sup> (de nacionalidade portuguesa, converteu-se à IURD em Portugal, casou-se com bispo e vive nos Estados Unidos); Marelis Brum<sup>68</sup> (também casada com bispo); Flávia Barcelos<sup>69</sup> (casada com bispo, vive na IURD em Londres); Márcia Paulo<sup>70</sup> (casada com bispo, atua na IURD em África do Sul); Raphaela Castro<sup>71</sup> (também casada com bispo, vive nos Estados Unidos), por fim, Cristiane Cardoso<sup>72</sup> (filha mais velha de Macedo e D. Ester, casada com bispo Renato Cardoso, idealizadora do programa *Godllywood*, que tratarei a seguir).

Além de serem casadas com bispos, outro fator comum a quase todas elas (exceto Ester, Silvia Jane e Cristiane) é o fato de viverem fora do Brasil, atuando em comunidades da IURD em outros países. Apesar da distância geográfica, os seguidores em terra brasileira não deixam de seguir os blogs nem de incorporar os conteúdos dos livros em temas e palestras ou cursos. Em conversas informais com algumas fiéis sobre os blogs e os livros, foi possível perceber que os nomes das mulheres citadas acima eram referidos sem qualquer ressalva geográfica. Foi possível notar ainda que muitas frequentadoras não sabiam que as autoras as *Donas* de suas bibliografias diárias não viviam no Brasil.

Vale ressaltar também outro aspecto interessante da trajetória de vida das *Donas*, em especial, das destacadas acima. O único caso de conversão (de primeira geração) é o de Rubim, nascida em Portugal. As demais, todas brasileiras, pertencem a famílias com alguma tradição evangélica, no caso das mais

---

<sup>67</sup> Ver <http://taniarubim.com/>

<sup>68</sup> Ver <http://marelisbrum.com/>

<sup>69</sup> Ver <http://flavia-barcelos.blogspot.co.uk/>

<sup>70</sup> Ver <http://marciapaulo-botswana.blogspot.co.uk/>

<sup>71</sup> Ver <http://filmesamoreoutrascoisas.blogspot.co.uk/>

<sup>72</sup> Ver [www.cristianecardoso.com/pt](http://www.cristianecardoso.com/pt)

velhas, ou a famílias da primeira geração de membros da IURD. A linhagem dessas mulheres adquire, portanto, uma importância tal que as coloca em posição de maior "valor de troca", se pensarmos numa espécie de mercado de bens matrimoniais (discorrerei a esse respeito no capítulo seguinte).

Cristiane Cardoso é certamente o principal exemplo: ocupa posição central nesse *corpus* autorizado a discorrer sobre mulher. Filha mais velha de Edir Macedo e Ester, Cristiane se descreve como alguém que sempre foi muito tímida, que vivia à sombra de sua irmã, Viviane, e que, por causa de sua deficiência, era sempre notada e elogiada por sua superação (Cardoso, 2010 *apud* Macedo, 2012). Em 1984, quando tinha dez anos, mudou-se com seus pais e a irmã mais nova para Nova Iorque, a fim de trabalharem como missionários na fundação do primeiro templo da Igreja Universal fora do território nacional. De volta ao Brasil ainda adolescente, aos dezessete anos, Cristiane casou-se com Renato Cardoso, um jovem pastor, e no mesmo ano foram enviados para o sul dos Estados Unidos, onde fundaram um novo trabalho da IURD, de lá se mudaram para a África do Sul e depois para a Europa, retornando aos EUA em 2009, para a cidade de Houston.

Mesmo estando fora do Brasil, sempre existiu certo protagonismo da parte de Cristiane e de seu marido, o bispo Renato Cardoso. Ainda no final da década de 1990 é possível encontrar alguns textos dele direcionados para o público jovem da igreja, todos reunidos no livro *O jovem segundo o coração de Deus*, lançado em 1998. No caso de Cristiane, nesse período suas aparições públicas ocorriam por meio de um programa de televisão exibido apenas em canais de veiculação internacional e de pequenos textos timidamente publicados no jornal *Folha Universal*. Em 2003, Cristiane passou a dirigir em Londres um programa de rádio intitulado *Free Wonam* na *Radio Liberty*. No ano de 2004, começou a escrever semanalmente no jornal e passou a assinar a coluna *Mulher*, que, a partir de 2009, se

transformou no caderno *Folha Mulher*. Em 2007, ela criou um blogue, o qual recebeu o título do seu primeiro livro, lançado nesse mesmo ano: *Melhor que comprar sapatos*. Além disso, tornou-se apresentadora principal e editora-chefe do programa *Coisas de Mulher*, que foi exibido pela Record Internacional entre os anos de 2007 e 2011. Em 2010, ano de formação do projeto *Godllywood*, Cristiane, ainda nos Estados Unidos, encontrava-se no centro das produções voltadas para o público feminino na IURD, nos âmbitos nacional e internacional.

Em suas palavras, Cristiane sempre descreve que sua superação se identifica com seu casamento, que a transformou em mulher de fato, fazendo-a descobrir sua beleza, cuidar de si e a se assegurar como mulher (Cardoso, 2008). A descrição de sua trajetória se torna importante para justificar a emergência de um conjunto de práticas cuja preocupação é ensinar a mulher a *ser mulher*.

Para se compreender melhor o modo como esse aprendizado ocorre e a maneira como o domínio da sexualidade e o planejamento familiar emergem enquanto planos organizadores desse processo seria necessário captar como determinadas disposições são sistematicamente objetivadas, reproduzidas e praticadas por meio de treinamentos específicos que dizem respeito a dispositivos para a educação de sentidos necessários para a apreensão do *ser mulher*. Todo esse processo parece estar muito bem performatizado no programa disciplinar cujo nome é *Godllywood*.

### **2.3.2. O feminino como performance do sacrifício no cotidiano: o desafio Godllywood**

Em *Plano de poder: Deus, os cristãos e a política* (2008), os autores Edir Macedo e Carlos Oliveira apresentam como objetivo do livro esquadrihar algumas noções de teoria clássica de política com o intuito de educar a igreja em nome de

um importante projeto divino. Esse livro possui algumas peculiaridades em relação aos demais livros. A primeira delas diz respeito à edição: o livro foi produzido por uma editora que pertence a empresários ligados à IURD e que produz livros que não circulam como livros religiosos, mas como livros das áreas de administração, economia e de autoajuda. Outra peculiaridade está na apresentação dos autores: Edir Macedo é apresentado como "respeitado orador, conferencista e escritor" e Carlos Oliveira como Administrador de Empresas.

No texto, Deus aparece como tendo intenções de um bem-sucedido estadista de formar uma grande nação. Para isso, no livro de gênesis, cria um ambiente para se viver, cria o ser humano e imediatamente institui "o conceito de planejamento familiar, algo fundamental para o criacionismo, que consiste em dar o máximo possível de qualidade de vida em família que é a base da vida social" (*ibidem*: 9).

Deus tem um grande projeto de nação elaborado por ele mesmo e que é nossa responsabilidade apresentá-lo e colocá-lo em prática. Na Bíblia, em Genesis, Deus dá uma aula de planejamento, organização e execução de sua ideia. Ele esclarece sua intenção estadista e a formação de uma grande nação. A proposta de uma sociedade politicamente organizada tem por objetivo essencial trazer bem-estar aos seus cidadãos. O ambiente, a cidade e o Estado são pensados visando sempre ao bem-estar das pessoas. (Macedo & Oliveira, 2008: 15)

O texto continua apresentando uma citação de Aristóteles, em *Política*, dizendo que "o fim da política não é viver, mas viver bem" (*ibidem*). Para o argumento que permeia todo o livro, tal finalidade pode ser considerada um sinônimo para a vida em abundância. O livro prossegue com algumas

noções ligadas a práticas que, de acordo com os autores, resultariam na formação de uma nação abençoada ou próspera.

Com o intuito de produzir uma espécie de laboratório para essa nação, em 2010 foi lançado na rede da IURD internacional (uma espécie de associação que reúne igrejas fora do Brasil) o projeto *Godllywood*<sup>73</sup>. Trata-se de uma adaptação do nome *Hollywood*. Para Cristiane Cardoso, idealizadora do projeto, a analogia criada com o nome tem por finalidade negar o modelo de vida hollywoodiano, marcado pela prática da promiscuidade feminina. A ideia em *Godllywood* é promover princípios para uma nova ideia de vida, cujo modelo de atitude é interpretado como legítimo por ser um modelo forjado por Deus. É interessante notar que este projeto é voltado apenas para mulheres: não há, por meio dele, nenhuma regra ou conteúdo para gerenciar a participação de homens, tratando-se de um programa voltado exclusivamente para a formação de mulheres. O gerenciamento do corpo da mulher se desdobra de modo a gerenciar outros corpos, na medida em que a mulher é interpretada como centro da vida familiar.

Ao justificar, nas páginas do seu primeiro blogue, o caminho percorrido para a criação do projeto, ela diz o seguinte:

Esses grupos foram criados por mulheres para mulheres, como todos sabemos, quem pode compreender melhor a mulher do que nós mesmas? Nós sabemos exatamente por que fazemos o que fazemos. Nós estivemos lá, fizemos o que foi feito e sentimos o que se sentiu também. Através de nossas muitas experiências do passado, aprendemos muito mais do que as escolas, ou mesmo as reuniões na igreja puderam nos ensinar. Alguns podem estar mal informados sobre esses grupos: de que eles são apenas clubes sociais, de

---

<sup>73</sup> Ver [www.godllywood.com/](http://www.godllywood.com/)

## Cap. 2 – O corpo das práticas

mulheres que só pensam em se arrumar e que se acham melhores que outros. Outros pensam que a adesão seria uma carga extra em seus horários ocupados, que não valeria a pena tirar seu tempo ou energia para isso. Mas estão errados.<sup>74</sup>

A estrutura disciplinar do *Godllywood* consiste basicamente em três programas etários. São eles: *pré-sisterhood* (para meninas de 4 a 13 anos), *sisterhood* (para mulheres de 15 a 30 anos) e *Mulher V* (que compreende a fase adulta, atendendo mulheres casadas ou com mais de 30 anos de idade). O objetivo geral do projeto consiste em "resgatar a essência feminina colocada por Deus em cada mulher".<sup>75</sup>

Pouco tempo antes de *Godllywood* se constituir como programa disciplinador, ainda em 2009, Cristiane começou a fazer reuniões com adolescentes na igreja em que trabalhava com seu marido, na cidade do Texas, Estados Unidos. O grupo era composto por meninas entre 14 e 17 anos. Dessa experiência, surgiu a ampliação do projeto e a implementação do *Godllywood*.

Nas palavras de Cristiane em entrevista concedida à *Folha Universal*:

[...] surgiu quando eu estava em trabalho missionário no Texas, buscando inspiração para ajudar o maior número possível de jovens. Eu percebi que as adolescentes engravidavam muito cedo. Por isso, comecei a fazer reunião com elas,

---

<sup>74</sup>Ver

<http://melhordoquecomprsapatos.blogspot.com/p/godllywood.html>  
(acessado em 20/01/2011).

<sup>75</sup>Ver

[https://www.arcauniversal.com/iurd/noticias/entenda\\_o\\_que\\_e\\_o\\_sisterhood-2926.html](https://www.arcauniversal.com/iurd/noticias/entenda_o_que_e_o_sisterhood-2926.html) (acessado em 20/01/2011).

época em que surgiu o Sisterhood. Em princípio, o grupo era para atender somente a necessidade local dos Estados Unidos, mas em 1 mês tivemos tantos testemunhos que chamou a atenção do meu pai. Ele decidiu expandir esse trabalho para os outros países, indicando esposas que teriam o perfil para participar deste projeto, que tem como meta fazer das jovens, mulheres de Deus, e também ganhar almas por meio delas.<sup>76</sup>

E, segundo relato de Cristiane em seu próprio blogue:

Hoje, somos mais de 1.000 membros em todo o mundo e continuamos crescendo. A Sisterhood tem crescido tanto, que tivemos que fechar as inscrições em alguns lugares por falta de disponibilidade de ‘Bigsisters...’<sup>77</sup>

As atividades das três fases são de responsabilidade das *Bigsisters*. Papel exercido por *Donas*, que fazem um pequeno curso preparatório para implantar o grupo, bem como para selecionar anualmente novas candidatas. No blogue de Cristiane há um mapa do mundo com o logotipo do projeto. Em apenas dois anos, o projeto já se estendeu para 70 países.

Há algumas normas para a participação no projeto. Tais prescrições seguem as especificidades com relação à idade das participantes. O recrutamento de meninas para participar do *pré-sisterhood*, por exemplo, tem como único quesito que os pais

---

<sup>76</sup>Ver

[https://www.arcauniversal.com/iurd/noticias/entenda\\_o\\_que\\_e\\_o\\_sisterhood-2926.html](https://www.arcauniversal.com/iurd/noticias/entenda_o_que_e_o_sisterhood-2926.html) (acessado em 10/01/2011).

<sup>77</sup> Ver <https://melhordoquecomprarsapatos.blogspot.com/2010/11/pedi-e-vos-sera-dado-dia-viii>

sejam membros da IURD. Meninas cujos pai e mãe atuam como obreiros, ou ainda, cujo pai é pastor ou bispo, têm preferência no momento do recrutamento. No caso do Brasil, o projeto está organizado apenas em capitais ou cidades consideradas de grande porte.

A disposição de atividades dos grupos etários que compõem o *Godllywood* se organiza por meio da circulação da ideia de desafio<sup>78</sup>. Os desafios são temáticos e sistematizados num calendário semanal com atividades diárias. Ao final de cada desafio, as participantes são estimuladas a narrar o êxito conquistado com a realização da tarefa. Essa narrativa se dá, sobretudo, por meio da página do projeto, no *Facebook*<sup>79</sup>, de modo a oferecer à participante uma agenda semanal de atividades diárias, envolvendo privações como: não ingerir açúcar; ir para o trabalho, ou para a escola, de saia; ler algumas páginas de um livro por dia; dedicar-se a ajudar alguém; dedicar-se a uma pessoa idosa; não consumir carne vermelha; não consumir fritura; não comprar roupas ou sapatos durante um período; poupar o dinheiro para empregá-lo em outra finalidade, etc.

A ideia dos desafios, que se estende pela variação etária das mulheres participantes, é a de naturalizar no corpo o conceito da mulher virtuosa. Para isso, as características que devem ser perseguidas são aquelas descritas no livro de Cristiane Cardoso. Como citado brevemente no início deste texto, a *Mulher V* faz alusão a um trecho do livro de Provérbios, na Bíblia; a letra V faz referência à palavra *virtuosa* que, no

---

<sup>78</sup> Ver a página do Desafio Godllywood na página de Cristiane Cardoso [www.cristianecardoso.com/pt/portfolio/desafio-godllywood/](http://www.cristianecardoso.com/pt/portfolio/desafio-godllywood/)

<sup>79</sup> No ano de 2012, a página de Cristiane Cardoso "Desafio *Godllywood*" no *Facebook* contava com mais de 200 mil assinantes, em 2016 já passa de 2 milhões.

## Cap. 2 – O corpo das práticas

texto bíblico, é utilizado como uma licença poética de Salomão ao descrever a mulher.

O retrato da mulher virtuosa engloba várias coisas, como:

- Ter uma aparência agradável, cuidar de si mesma para agradar ao marido. A mulher jamais deve andar largada, quando ela se arruma, ela transparece o amor que tem por si e pela família.
- Ter um caráter piedoso. Ter prazer de ajudar no que seja, sem esperar receber algo de volta.
- Ser eficiente na administração do lar, que inclui tarefas domésticas e a administração do dinheiro da família.
- Dar assistência espiritual ao marido. Ter sempre uma palavra de ânimo e fé.
- Ter disposição e interesse para ajudar as pessoas na igreja.
- Ter determinação e coragem para lutar contra as adversidades.
- Ter equilíbrio, cuidar das coisas da igreja, e das coisas do lar. [...] Ela cuida da saúde do marido, prepara refeições saudáveis usando a criatividade, pois está sempre querendo fazer algo novo para surpreendê-lo (Cardoso, 2011: 120)

Os desafios são vistos, portanto, como medidas para a formação disciplinar. Isso porque a disciplina está entre os atributos fundamentais da *mulher V*:

[...] a mulher V é disciplinada. O que é a disciplina senão uma maneira de lidar com a vida de maneira mais organizada?

[...] ao mesmo tempo em que controla as finanças do casal, a mulher V também fica de olho em novas oportunidades de aumentar seus ganhos. Ela poderia usar seu lucro para comprar roupas para si

ou para a sua família, mas ela decide investir o seu dinheiro para aumentar os ganhos da sua família. (Ibidem: 114)

Nesse aprendizado, o corpo é o principal instrumento a ser disciplinado. Logo, é essencial compor um conjunto de aulas com técnicas para se modificar a postura, controlar o peso, as roupas e o cuidado de si. A docilidade do corpo é o caminho para se aprender a *ser mulher*, e assim garantir que a família prospere.

Na dinâmica de vivenciar os atributos substanciais dos gêneros, a criação do projeto *Godllywood* acabou por suscitar a constituição de outros dois projetos, *Intellimen* e *The Love School*. Criado em 2013 com o intuito de reunir homens de faixa etária variada, o *Intellimen* (que aglutina as palavras inglesas *intelligence* e *men*) foi idealizado pelo bispo Renato Cardoso e tem uma linguagem muito similar à do *Godllywood*, estruturando suas ações na produção de desafios semanais. O *The Love School*, como descreveremos melhor no capítulo 3, é um projeto voltado para a formação emocional e sexual de casais heterossexuais; além de cursos e de livros, tem como eixo fundamental de ação um programa de televisão que é diariamente exibido na TV IURD e apresentado aos sábados na Rede Record. Essa tríade de projetos dirigidos pelo casal Cardoso acaba por posicioná-los como instrumentalizadores de um poder pastoral voltado para a formação de um saber sexual que é pautado na diferenciação substancial dos gêneros.

### **2.3.3. Godllywood: descrevendo a dinâmica dos grupos etários**

As reuniões presenciais dos grupos são de acesso seletivo. As participantes precisam ser membros da IURD há algum tempo, preferencialmente, da segunda geração de

membros da igreja, ou seja, é recomendado que os pais sejam membros da comunidade. Em muitas comunidades, os convites são feitos nominalmente, e a pessoa precisa passar por alguns testes de conhecimento bíblico para conseguir sua vaga no grupo. No caso das *sisterhood* e da mulher V, exige-se, além da conversão, que a mulher tenha sido batizada, nas águas e no Espírito Santo.

Segundo as informações disponíveis no *site*, até o ano de 2012 no Brasil já havia filiais do grupo em todas as capitais nacionais, e nos anos seguintes em cidades médias com certa centralidade regional. Para os cursos presenciais, as inscrições iniciam-se sempre no mês de janeiro. Na cidade de São Paulo, a primeira seleção ocorreu no Cenáculo (Antigo Templo Maior), na Avenida João Dias, em Santo Amaro. No início de 2012, o grupo passou a atuar também no Cenáculo do bairro do Brás. Porém, com a inauguração do Templo de Salomão em 31 de julho de 2014, a sede do projeto em São Paulo mudou para a Avenida Celso Garcia.

Para os cursos presenciais a divulgação da seleção de novas turmas é realizada apenas nos eventos internos à igreja. Os anúncios são feitos dos púlpitos e por meio de panfletos de circulação interna. É possível encontrar também em alguns blogs de frequentadoras da IURD. Cito a seguir um anúncio para a seleção de *sisterhood* na cidade de São Paulo:

Admite-se *sisterhood*:

O objetivo é formar moças que se guardam para o casamento, que sabem como cuidar de uma casa e ainda assim, seguirem uma carreira, que não seguirão as tendências ruins e sexy da moda, mas as tendências de Deus. A *Sisterhood* é dividida em várias classes, e para entrar, tem que cumprir algumas tarefas que demonstrem o quanto você quer participar da *Sisterhood*, e assim, ser aprovada ou não.

## Cap. 2 – O corpo das práticas

03/02/2010 - 1º dia de participação na Sisterhood. Preenchimento das fichas e orientações para a entrevista pré-pledge com a missionária Luciene na Av. João Dias, 1800 - Santo Amaro - São Paulo / SP.<sup>80</sup>

As atividades têm início no mês de março. Além de cursos e programações específicas, as frequentadoras, chamadas no grupo de iniciantes precisam executar tarefas como participação em obras sociais, visitas a asilos, presídios e hospitais. Todas as tarefas configuram um conjunto de desafios. Elas precisam também cuidar dos afazeres no próprio lar, como preparo de refeições para família e organização de ambientes; leitura de livros cristãos e mensagens do blogue da equipe. Outro item muitíssimo valorizado nas tarefas é o cuidado com a aparência, o que inclui maquiagens e cortes de cabelos. Há ainda aulas de conhecimentos gerais, línguas e orientação vocacional.

Como já explicamos, os desafios conformam um calendário semanal e são pensados tendo como recorte a faixa etária das participantes. Por exemplo, no quadro mensal dos desafios semanais das *pré-sisterhood* estão atividades como:

Semana 1 - Encha seus pais de carinho, com muitos beijinhos. PROVA: Tire bastante fotos com eles, mostrando seu carinho através das poses e mostre à sua Big Sis no próximo domingo.

Semana 2 - Prepare o café da manhã para toda família todos os dias essa semana. PROVA: Tire fotos da mesa que você preparou e mostre à sua Big Sis no próximo domingo.

---

<sup>80</sup>Ver

<https://fe-inabalavel.blogspot.com/2010/02/sisterhood>  
(acessado em 15/03/2011).

## Cap. 2 – O corpo das práticas

Semana 3 - Essa semana, você vai lavar e secar as louças para a mamãe todos os dias. PROVA: Peça alguém para tirar fotos de você lavando as louças e mostre à sua Big Sis no próximo domingo.

Semana 4 - Acorde mais cedo todos os dias essa semana e medite na Bíblia. PROVA: Prepare num diário para a Palavra de Deus um resumo de cada dia que você leu e mostre para sua Big Sis no próximo domingo.<sup>81</sup>

As tarefas, dispostas na linguagem do desafio, devem ser controladas pela *Bigsister*, que todos os domingos acompanha a evolução das tarefas por meio das "provas" apresentadas pelas participantes. Para além dos desafios semanais, as *pre-sisterhood*, nas reuniões dominicais, estudam as lições referentes ao grupo. As lições são fundamentadas num material didático desenvolvido especialmente para o grupo, e trazem histórias vividas por Cristiane Cardoso e as demais *Donas* citadas no início desta sessão. Todas ganham vida como personagens de um *gibi* de situações.

Certamente, dos três grupos que compõem o projeto *Godllywood*, o que recebe maior atenção – e que, conseqüentemente, possui um quadro maior de regras – é o grupo das *sisterhood*. Composto por mulheres entre 15 e 30 anos de idade, o grupo visa preparar suas integrantes para o casamento e para as chamadas responsabilidades da vida adulta.

As regras de participação no grupo são descritas no "Código *Sisterhood*", que tem como regra principal:

ser atraente no falar e no comportamento; ser discreta na aparência; ser um exemplo positivo dentro de casa; ser corajosa e humilde para aceitar

---

<sup>81</sup> Ver <https://www.godllywood.com/br/rush/pre-sisterhood-rush/> (acessado em 15/03/2011).

## Cap. 2 – O corpo das práticas

correção e estar disposta a mudar; e construir uma fé sólida em Deus.<sup>82</sup>

Dentro do grupo, as candidatas passam por alguns estágios e, ao final de cada ano, cada uma é premiada com alguma forma de certificação. Para as premiações são realizadas grandes festas em que os participantes (*sisterhood* e seus convidados) devem trajar roupas de gala. Elas são presenteadas com um objeto que funciona como marcador da fase vencida e são apresentadas ao objeto que receberão caso sejam aprovadas no programa no ano seguinte.

O possível fracasso no programa é encarado como fraqueza espiritual. Assim, concluir o primeiro ano no programa é considerado uma vitória espiritual, um sinal de bênção, como relatou Rebeca, 15 anos, participante do grupo na cidade de São Paulo:

Quando olho para trás e lembro-me de como eu era, fico chocada. Eu tinha fé e boa intenção no meu coração, mas me faltava a instrução e a disciplina. Hoje me sinto diferente e abençoada.<sup>83</sup>

Categorias como "desafio" e "sacrifício" são fundamentais nesse processo. Utilizadas como moderadoras e motivadoras das práticas, tais categorias são acionadas para se explicar a implementação de novas atividades, estabelecendo conexão com as características de mulher descritas em alguns trechos do Antigo Testamento. Todo esse programa disciplinar faz parte de um projeto descrito pelos seus idealizadores como "projeto maior", ou a formação de uma nação próspera, que

---

<sup>82</sup>Ver <https://www.godllywood.com> (acessado em 10/01/2011).

<sup>83</sup>Ver <https://www.exercitouniversal.com.br/2011/03/sisterhood> (acessado em 10/01/2011).

dentro dessa chave interpretativa também se traduz como "nação abençoada", "orientada para Deus".

### 2.3.4. O desafio *Godllywood* e a universalização do sacrifício

As *sisterhood* e a *Mulher V* compartilham a mesma lista de desafios sob o título de "desafio *Godllywood*". Ao propor a execução, durante o prazo de uma semana, de algumas atividades cotidianas, o desafio amplia a temporalidade do ritual, transferindo a ação que permanecera reservada ao espaço sagrado – entendido como espaço de culto – ao corpo, que, por meio da realização de pequenos sacrifícios cotidianos, passa a incorporar o sagrado como estilo de vida.

O desafio *Godllywood* também marca uma importante transformação na natureza do projeto. Por serem divulgados ostensivamente pelo perfil do grupo no *Twitter* e no *Facebook*, os desafios deixaram de ser cumpridos pelo grupo restrito, selecionado para as tarefas presenciais do programa, e passaram a alcançar um contingente maior de pessoas (ver, no anexo A, a tabela com as 26 tarefas do desafio).

No início de 2011, quase não se podia observar vestígios da formação dos grupos que compõem *Godllywood* fora do Brasil e dos Estados Unidos. Porém, desde que a divulgação do desafio começou nas redes sociais, ao final de 2011, o programa começou a crescer em várias partes do mundo. Mesmo estando presente, atualmente, em 60 países, os grupos e as atividades disciplinares do *Godllywood* têm crescido sobretudo em países do continente africano, tais como África do Sul, Moçambique, Angola, Namíbia. Produz-se assim um senso prático acerca do cuidado de si e dos sentidos para o feminino que ultrapassa as fronteiras dos países (a página do *Godllywood*, tem tradução hoje para 7 línguas).

Num dos portais da IURD é possível acompanhar vários relatos acerca do programa *sisterhood* na África. Os trabalhos

## Cap. 2 – O corpo das práticas

das *Bigsister* (função desempenhada por brasileiras, esposas de pastores) é narrado sempre obedecendo à lógica de "desafio" e "sacrifício". Há sempre um tom de desafio quando se pensa no modelo global de atividades e em como esse modelo pode ser pensado dentro das condições (sempre narradas como precárias) dos povos africanos.

Numa reportagem, cujo título era "*Sisterhood* estimula a criatividade", a *Bigsister* da África do Sul narra seu constrangimento ao descobrir que a aula de organização de guarda-roupas não poderia ser ministrada com êxito, pois suas alunas afirmaram não ter guarda-roupas em suas casas:

Sem deixar de estimular a fé e a organização do ambiente, como solução, a orientadora ensinou as garotas a criarem um armário, usando caixas de papelão e um cabo de vassoura [...] Além do armazenador de roupas, as jovens também construíram uma mesa, tendo como suporte latões e pedaços de madeira. E apesar da simplicidade dos materiais, o bom gosto para a decoração deu um toque especial de praticidade, requinte e sofisticação aos objetos.<sup>84</sup>

Com o advento do uso da Internet como fonte central de promoção e espraiamento das atividades promovidas pelo *Godllywood*, a Internet emerge como principal estratégia de divulgação e universalização das práticas. As reuniões passam a ser transmitidas por vídeos pelo canal do programa no *site YouTube*. As provas das realizações das tarefas são partilhadas pelas participantes de várias partes do Brasil e do mundo,

---

<sup>84</sup> Ver

<https://www.exercitouniversal.com.br/2011/02/sisterhood-estimula-criatividade.html>

tornando possível observar, por meio dos discursos publicados e das fotos, a generalização de uma performance do feminino.

### **2.3.5. O ser mulher como mediador ritual da prosperidade**

O que foi demonstrado aqui ajuda a elucidar uma hipótese acerca da posição mediadora que a mulher ocupa no rito e no cotidiano. A análise da função de mediação da mulher no que diz respeito à família e aos rituais religiosos já foi objeto de alguns estudos. Birman (1996) realiza uma comparação entre igrejas pentecostais e religiões afro, tendo como objetivo entender o papel mediador das mulheres nos rituais de possessão, muito frequentes em ambos os universos. A autora começa seu texto ressaltando a crescente visibilidade da IURD, sua apropriação de determinados ritos classificados como pertencentes à Umbanda e a presença maciça de mulheres em todos os rituais. Sua proposta é entender como mulheres frequentadoras da IURD criam o que ela denomina "campo de continuidades" entre "crentes" e "não-crentes". Tais mulheres, segundo Birman, serviriam de mediadoras entre o religioso e o antirreligioso no seio da família, que a autora denomina "unidade que agrupa pessoas de diferentes inserções religiosas" (*ibidem*: 206). Nos pressupostos de Birman, a mulher seria, portanto, um canal de mediação entre a família e as instituições religiosas, sendo responsável inclusive pelo que a autora denomina "trabalho sincrético". Isso porque a mulher seria o agente circulador de rituais diversos.

Outro trabalho que cito a esse respeito é o de Rohden (1997b), que também se utiliza do método comparativo para fazer sua análise. O objetivo da autora é comparar as diferenças entre teólogas de tradição católicas e teólogas de tradição protestante. Segundo Rohden, a dinâmica das práticas desenvolvidas pelas teólogas católicas tem como suposto uma ideia de diferença, ou seja, elas acreditam que são diferentes dos

homens e que não devem desejar o sacerdócio. Por sua vez, a dinâmica das práticas das teólogas protestantes tem como suposto um referencial de igualdade, ou seja, elas acreditam que são iguais aos homens e que podem exercer da mesma maneira o sacerdócio. No texto de Rohden, a função mediadora da mulher aparece numa esfera discursiva estabelecida entre uma prática teológica mais eclesiástica e uma prática teológica totalmente vinculada ao movimento feminista.

Rosado Nunes (2001) também utiliza a ideia de mediação feminina para fazer uma leitura sociológica sobre a produção textual das teólogas feministas. A autora apresenta um levantamento da posição das mulheres no que ela denomina de "Estudos de Teologia Feminista". Para Rosado Nunes, o crescimento do pentecostalismo e a superioridade numérica da participação de mulheres engendraram inúmeras modificações exegéticas na produção teológica feminina e, até mesmo, na masculina. Assim, embora para Rosado Nunes a função de mediação da mulher não apareça como suposto chave, ainda assim verifica-se esse papel mediador como suscitador de novas correntes teológicas.

Certamente, a noção de mediação aqui apresentada dialoga com as análises acima descritas. Porém, o caso da IURD nos transporta para uma esfera de mediação que ultrapassa a noção de mediação como função. Como vimos nesse texto, produzir dispositivos para a apreensão do *tornar-se mulher* emerge como chave organizadora do cotidiano. Assim, mais do que pensar a mulher como uma mediadora de esferas como a da família e a da igreja, os sentidos de mediação apreendidos na prática das mulheres na IURD permite-nos pensar *o corpo da mulher e a conjugalidade* como mediadores para operações de sentido, ou até mesmo, como um importante eixo organizador dos sentidos do mundo empregados por esses agentes.

Dentro dessa lógica da prática, os discursos sobre o aborto emergem como parte de um código de sentidos no qual a

## Cap. 2 – O corpo das práticas

regulação da sexualidade e da natalidade tornam-se marcadores necessários para a apreensão de um novo modelo de vida. Algo muito presente, como veremos a seguir, nas prescrições para o casamento.

# **CAPÍTULO 3 - CONJUGALIDADE E DIVISÃO SEXUAL COMO EIXOS NA PEDAGOGIA DA PROSPERIDADE**



Em julho de 2012, o portal Arca Universal, considerado até aquele momento o principal veículo de circulação de notícias e eventos relacionados à IURD, publicou um texto de autoria do bispo Edir Macedo cujo título era *O Homem de Deus, quanto à idade e à raça*, trazendo a seguinte afirmação:

Quanto à idade

O rapaz que deseja fazer a Obra de Deus não deve se casar com uma moça que tenha idade superior à dele, salvo algumas exceções, como por exemplo aquele que é suficientemente maduro e experiente na vida para não se deixar influenciar por ela. Mesmo assim, a diferença não deve ultrapassar dois anos.

Muitas pessoas não gostam quando fazemos estas colocações; entretanto, temos visto que quando a mulher tem idade superior à do seu marido, ela, que por natureza já tem o instinto de ser "mandona", acaba por se colocar no lugar da mãe do marido.

Quanto à raça

[...] Não haveria nenhum problema para o homem de Deus se casar com uma mulher de raça diferente da dele, não fossem os problemas da discriminação que seus filhos poderão enfrentar nas sociedades racistas deste mundo louco.

Infelizmente, os pais não terão como evitar que aconteçam rejeições ou críticas por parte dos coleguinhas nas escolas nos países onde eles poderão estar pregando o Evangelho.

Recomendação geral

[...] O homem de Deus não pode simplesmente dizer: "Ela tem o Espírito de Deus e eu também. Nós nos amamos e vamos nos casar". Não! Não deve ser apenas isto! Ele tem o futuro totalmente

### Cap. 3 - Conjugalidade e divisão sexual

comprometido com uma missão de extrema importância, e não pode ser limitado. É preciso que haja uma avaliação esmerada quanto aos passos no presente.<sup>85</sup>

O texto, extraído do livro *O homem segundo o coração de Deus*, de autoria de Edir Macedo, foi publicado no ano de 1997, como parte de uma série já citada nos capítulos 1 e 2 que compõem este trabalho. Os outros três livros eram direcionados à mulher (o primeiro), à família (o segundo), e ao jovem (o terceiro). Essa série inaugura a primeira produção bibliográfica da igreja voltada para divisões etárias e de gênero, produção esta que hoje ultrapassa 18 títulos.

Porém, a divulgação, em 2012, de alguns dos trechos acima apresentados, mobilizou importantes portais de notícias da Internet, bem como as principais redes sociais, que classificavam as afirmações de Edir Macedo como preconceituosas e machistas:

Discurso religioso disfarçando o racismo e o machismo

Ana Montenegro (coletivo feminista): Em diversas ocasiões o líder da Universal trouxe a público suas ideias machistas, homofóbicas e racistas e, no texto divulgado no dia 13/07/2012 através do portal "Arca Universal", não foi diferente. Em meio a afirmações marcadas por preconceitos, o pastor consegue transitar pelo machismo e pelo racismo, sem pudores, tendo como fundamento apenas suas opiniões pessoais e, em nenhum momento, amparando-se em trechos da Bíblia (o livro que

---

<sup>85</sup>Ver

[www.arcauniversal.com/comportamento/reflexao/noticias/homem-de-deus-quanto-a-idade-e-a-raca-----13420html](http://www.arcauniversal.com/comportamento/reflexao/noticias/homem-de-deus-quanto-a-idade-e-a-raca-----13420html) (consultado em 13/07/2012).

### Cap. 3 - Conjugalidade e divisão sexual

alicerça a conduta dos cristãos, dos seguidores da religião protestante).<sup>86</sup>

Edir Macedo, racismo e misoginia. Cadê os ministros da igualdade racial e das mulheres?

Reinaldo Azevedo (Revista Veja): Nunca subestimem o empresário Edir Macedo, dono da Rede Record e da Igreja Universal do Reino de Deus. Ele sempre pode se superar. Este homem de Deus já pisoteou o Eclesiastes para defender o aborto em livro e vídeo. [...] Os "progressistas" ficaram calados porque o empresário é hoje um dos principais aliados do lulo-petismo.

Na sexta-feira, Macedo publicou num site ligado à sua igreja um texto intitulado "Homem de Deus quanto à idade e à raça". Trata-se de mais uma peça grotesca produzida por este teólogo de meia-pataca. Misoginia — repúdio às mulheres — e evidente discriminação racial se juntam num texto asqueroso. Até agora, não vi nenhuma reação da Secretaria das Mulheres, comandada por Eleonora Menicucci, parceira de Macedo na defesa intransigente do aborto. Até agora, não vi nenhuma reação da Secretaria da Igualdade Racial, que, não obstante, foi torrar a paciência de Alexandre Pires — um negro! — por suposto racismo num vídeo que é apenas galhofeiro.<sup>87</sup>

---

<sup>86</sup>Ver

[https://pcb.org.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4361:o-discurso-religioso-mascarando-o-racismo-e-o-machismo&catid=3:coletivo-ana-montenegro](https://pcb.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4361:o-discurso-religioso-mascarando-o-racismo-e-o-machismo&catid=3:coletivo-ana-montenegro) (acessado em 14/07/2012).

<sup>87</sup>Ver

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/edir-macedo-racismo-e-misoginia-cade-os-ministros-da-igualdade-racial-e-das-mulheres/>

(acessado em 19/07/2012).

O jogo de interações discursivas remete, outra vez, à noção de controvérsia pública envolvendo a temática dos direitos reprodutivos e a produção de um modelo de família. Novamente, o posicionamento de Edir Macedo introduz no debate elementos que passam a ser lidos por outros agentes a partir de categorias como preconceito e misoginia. Seguindo um exercício semelhante ao produzido no capítulo primeiro, e me reportando novamente à análise de controvérsia sugerida por Lemieux (2007), que sugere que os argumentos apresentados no espaço de interação virtual (estabelecido como espaço de interação discursiva) remetem a disposições do universo da *práxis* dos agentes. Assim, apresento este trecho sem a intenção de mapear as direções dessa controvérsia. O que pretendo, no entanto, é compreender esse discurso à luz de uma *razão pedagógica* que tem no casamento a aliança por excelência para a conquista da vida em abundância.

### 3.1. A matemática do relacionamento

Exatamente como na matemática que  $1+1=2$  e  $1-1=0$ . Quando você casa com alguém que é um + na sua vida, ambos dobram seus valores individuais na hora do casamento, vocês passam a valer mais e a conquistar muito mais coisas juntos do que se estivessem sozinhos. Mas o contrário também é verdade. Quando você se casa com uma pessoa que é um sinal de menos, ou seja, que tem um valor negativo, então um anula o outro na hora do casamento. Nossa proposta é: se você é solteiro, como pode identificar e escolher alguém que vai acrescentar na sua vida e não reduzi-lo a zero? Lembre-se: no dia do seu casamento você tanto

### Cap. 3 - Conjugalidade e divisão sexual

pode dobrar o seu valor como pode se tornar um zero.<sup>88</sup>

Durante muito tempo, o casamento funcionou como fruto de um acordo entre famílias, que na negociação de seus filhos, trocavam bens como linhagem e propriedade. Porém, com o passar do tempo, o casamento como fruto de uma escolha individual passou a ser defendido como um importante pilar da modernidade (ver Bourdieu, 2004b e 2006; Foucault, 2007).

Segundo a *razão pedagógica* aqui descrita, o casamento deve ser o quesito principal na vida dos indivíduos. Indivíduo é uma categoria que emerge sempre atrelada à ideia de sujeito, que possui uma autonomia limitada pelas relações de reciprocidade que contrai, ora com o divino, ora com outra pessoa, e a igreja se apresenta como mediadora no agenciamento dessas duas dimensões relacionais. A lógica dessas relações se dá com base num exercício matemático de diferenciação operado por meio das sentenças matemáticas de soma (+) e subtração (-). No momento em que o sujeito estabelece um acordo com Deus, ele passa a ser socialmente reconhecido (no campo de disposições ao qual está submetido, nesse caso, a igreja) pelo sinal de mais (+), passa a realizar tarefas referentes a desafios que garantem a manutenção e o acréscimo dos atributos sociais que precisa agregar. No caso da IURD, o primeiro item da lista é o casamento, de modo que a união conjugal reconhecida pela comunidade congregacional (segundo sua lógica de valores) agrega valor aos sujeitos que contraem a aliança, ao passo que o casamento visto como ruim, torna negativo o valor social do casal.

---

<sup>88</sup> Ver

<https://www.youtube.com/watch?v=t-4a4u9xemg>

Desde o final da década de 1990, a IURD passou a realizar uma reunião que, nas palavras de um de seus dirigentes proferidas no Cenáculo de Santo Amaro, é reconhecida como reunião de libertação e de conquista da vida sentimental. Trata-se da Terapia do Amor, que até o ano de 2010, ocorria aos sábados no calendário semanal<sup>89</sup>. A reunião é aberta para o grande público, ou seja, seus participantes podem pertencer a qualquer um dos segmentos congregacionais da igreja (ver capítulo 2). A Terapia do Amor consiste num ritual que mantém a retórica da libertação espiritual, pois a causa dos males no relacionamento conjugal ou afetivo (esse é o modo como se referem a relações de namoro e noivado) é entendida na chave da possessão demoníaca, negatizando os valores sociais do sujeito e, assim, tornando-o reconhecido pelo sinal de menos (–). A função terapêutica do ritual consiste em restaurar o sujeito que busca um relacionamento conjugal saudável por intermédio da lógica da libertação espiritual. Assim, primeiro seu valor social muda, passa de negativo para positivo: isso transforma seu valor social na medida em que define sua conduta e sua teia de opções no mercado de trocas matrimoniais.

A estrutura ritual da Terapia do Amor<sup>90</sup> se organiza pela distribuição de rosas de cores variadas por parte de obreiros e obreiras que se posicionam na entrada da igreja. As rosas servem para classificar os participantes da reunião: para aqueles que já são casados, a cor da rosa deve ser branca; para os

---

<sup>89</sup> A partir do final de 2014 as palestras com Cristiane Cardoso e Renato passaram a ocorrer às quintas feiras, nas dependências do Templo de Salomão, na cidade de São Paulo, e em 2016 passaram a ser transmitidas ao vivo pela Univer (Univer pra crer), que é o canal a cabo da IURD.

<sup>90</sup> Refiro-me especificamente às reuniões que acompanhei no Cenáculo de Santo Amaro. Apesar de a Igreja Universal manter uma regularidade no calendário e na temática das reuniões, o formato dos cultos sempre muda, acompanhando o estilo do pastor e dos participantes.

solteiros que buscam alguém para conhecer melhor, para conversar, porém sem contrair qualquer compromisso de namoro, a cor da flor deve ser rosa; para os que foram até a igreja porque estão buscando uma parceira ou parceiro para namorar e para se casar, a rosa deve ser de cor vermelha. Após todos os participantes estarem devidamente sentados e com suas flores classificatórias em mãos, começa a programação. A Terapia do Amor é sempre dirigida por um pastor ou bispo, no caso do templo da Avenida João Dias, as responsabilidades litúrgicas se dividem entre Bispo Adilson que no ano 2012 passou a apresentar também alguns programas diários do *The Love School*, que eram exibidos apenas no canal IURD TV. A participação litúrgica das mulheres se restringe a atuação das obreiras, no espaço do templo compreendido como átrio. As obreiras (e obreiros também) trabalham assessorando o dirigente do culto no contato com os fiéis participantes, distribuindo objetos que servem para intermediar a relação do fiel com Deus. Há um uso regular de músicas no ritual, de alguma forma as músicas são usadas sem qualquer preocupação classificatória no que diz respeito à sua procedência, profana ou sagrada. Numa mesma reunião é possível ouvir canções consideradas românticas, de cantoras como Laura Pausini ou Whitney Houston, e música de artistas que pertencem ao quadro de cantores da *Line Records* (a gravadora da Igreja Universal), tais como Robinson Monteiro e Priscila Alcântara. Além disso, é comum também alguns momentos serem intermediados por músicas instrumentais de trilha sonora de filmes, tais como *Cinema Paradiso* (1988), *Forrest Gump* (1994), *Tubarão* (1975) e *O fabuloso destino de Amélie Poulain* (2001). As músicas se alternam entre períodos de contrição, restauração e apresentação de pequenos desafios. Num dos rituais, cada pessoa que ofertasse algum valor em dinheiro recebia uma réplica em cera da arca da aliança descrita na Bíblia. A ideia desse símbolo era

afirmar uma aliança com Deus, que seria fiel no preparo e no envio da pessoa amada.

Muitas reuniões são acompanhadas por um período de libertação, no qual pessoas que se sentiam infelizes em seu relacionamento, ou que não conseguiam se relacionar, se aproximavam do altar com a ajuda de obreiros, e lá passavam por um ritual de despossessão demoníaca. Após a libertação, há vários momentos de estímulo para que as pessoas olhem para os presentes, localizem as pessoas pelas cores das flores e se aproximem de alguém que deseja conhecer melhor. Até o ano de 2011, havia uma sala próxima à saída do templo onde alguns casais eram incentivados a se conhecer. O ambiente era enfeitado com sofá e corações vermelhos, algo que alude ao cenário de programas de auditório. Ao final, casais se dirigem ao altar para testemunhar sobre o relacionamento (o testemunho segue a lógica *perseguição-revolta-desafio-conquista*), o dirigente faz apelo para que aqueles que desejam se casar, que formalizem publicamente tal desejo, com isso alguns casais são premiados com alianças de ouro, vestido de noiva, dia da noiva, dia do noivo, pequenas viagens de lua de mel, etc. A Terapia do Amor produz assim um ambiente facilitador para o encontro entre pessoas do sexo oposto. Sua função consiste em generalizar alguns códigos essenciais, tais como libertação espiritual e busca pela vida abundante, mostrando a centralidade do relacionamento conjugal e a importância de considerar-se bem casado. Outra função importante da Terapia do Amor é que ela performatiza – por meio da classificação pela cor das flores e pelo incentivo à circulação e a busca por parceiros no próprio rito – as disposições e as possibilidades que conformam uma espécie de mercado de trocas matrimoniais.

O ambiente de arranjo matrimonial constituído pela Terapia do Amor nos remete à descrição de Bourdieu (2006) sobre o baile dos solteiros no Béarn, região sul da França. Com o crescimento da migração de mulheres para a capital francesa

nos anos de 1960, a dinâmica das alianças matrimoniais se alterou por completo, fazendo com que homens que não migraram para os grandes centros permanecessem solteiros. O baile de Natal tornou-se, assim, o único meio de interação social desses homens com possíveis pretendentes, performatizando, a partir das regras e da disposição da dança, a lógica do mercado de bens matrimoniais (*ibidem*).

Bourdieu aciona o conceito de *hexis corporal* para analisar a posição dos camponeses solteiros. A *hexis corporal* do camponês se transforma na imagem social a ele atribuída, ou seja, a percepção social do camponês como alguém que é desajeitado, malvestido e rude com as mulheres acaba por introjetar nele os estereótipos atribuídos à sua imagem. Isso faz com que ele adquira uma consciência infeliz de seu corpo e que fique ainda mais inclinado a performatizar sua introversão e sua timidez, escolhendo não dançar (*Ibidem*).

Na Terapia do Amor, com a performance da libertação espiritual que concede ao liberto seu primeiro ponto positivo social, inicia-se uma série de atividades que ajudam na internalização das disposições necessárias para se adquirir competências e vantagens na circulação no mercado de bens matrimoniais. Tais disposições variam de acordo com o nível de comprometimento para com os princípios pedagógicos e, conseqüentemente, com o modo como deseja usar as disposições. Seguindo essa lógica, quem se integra no primeiro segmento congregacional da igreja, que reúne obreiros, pastores, donas e bispos, deve se envolver de modo a adquirir competências que garantam ainda mais seu valor positivo e sua legitimidade diante da igreja.

### **3.2. A pedagogia da prosperidade e a escola do amor**

### Cap. 3 - Conjugalidade e divisão sexual

Sabe o que mais me chamou atenção na Ester? É que ela falava pouco, discreta. Porque eu não gosto de mulher... pode ser a mulher mais linda do mundo, mas mulher que fala muito, aff, eu não consigo aguentar [...]. Ester me chamou atenção por isso, além da beleza dela, poxa, eu achei ela espiritual, sempre aí na igreja, observei o pedigree dela (risos) fui ver a ficha da família dela, os pais bem casados, aí eu falei, bom isso aí vai dar certo... E eu observei também que ela era uma boa filha, eu pensei: se ela é uma boa filha, vai ser uma boa esposa, como eu também era um bom filho, então, eu seria um bom esposo... tudo isso foi somando...<sup>91</sup>

No final de 2011 estreou no canal TV IURD e na TV Record o programa *The Love School*, ou *Escola do Amor*. O programa apresentado por Cristiane Cardoso e pelo seu marido, o bispo Renato Cardoso, nasce da visibilidade alcançada por Cristiane depois do sucesso de vendas e de circulação de seus dois livros no Brasil e em outros 7 países. O casal, que morava no Texas, Estados Unidos, onde o bispo Renato dirigia a sede da Igreja Universal nos EUA, transferiu-se para o Brasil e passou a coordenar, primeiro em âmbito nacional, e depois expandindo para outros países um projeto disciplinar para casamentos e relacionamentos como um todo. O programa *Escola do Amor* tornou-se a grande referência desse projeto.

Exibido diariamente na TV IURD e aos sábados na TV Record, *The Love School* faz alusão direta a uma sala de aula. Os apresentadores Cris e Renato (que se afastam de seus títulos eclesiásticos de *Bispo* e *Dona*) mostram-se sob o título de

---

<sup>91</sup>Macedo em entrevista ao programa *The Love School*:  
<https://www.youtube.com/watch?v=jYXhyv6UcMA&feature=watch-vrec>

professores, chamando de alunos todos os participantes do programa e os telespectadores. Cada aula – como são chamados os episódios diários – trata de um tema diferente, e a cada dia os fiéis da igreja, tanto os convidados quanto os que se voluntariam a participar, contribuem com suas experiências de vida. Horas antes do programa-aula ser exibido ao vivo, uma chamada com a temática tratada no dia é divulgada pelo *Facebook* e pelo *Twitter*. Rapidamente, a chamada passa a ser "curtida", comentada e compartilhada por milhares de telespectadores-alunos. Até mesmo durante a exibição do programa-aula essa interação por meio da rede social continua: há participação de pessoas de diversas partes do mundo que comentam as proposições discutidas naquele dia e propõem resoluções de maneira intensa e quase instantânea. Nas mensagens enviadas é possível perceber que as apreciações sobre o programa são feitas por uma rede de frequentadores da IURD, composta, em sua maioria, por brasileiros que residem dentro e fora do país.

Em sua performance como programa televisivo, o *The Love School* constitui uma narrativa que se repete cotidianamente. Seguindo a mesma dinâmica das escolas, cada quadro específico do programa é chamado de disciplina. Os apresentadores-professores anunciam o tema geral da aula e apresentam o casal convidado. Depois, exibe-se uma reportagem que traz um fórum de perguntas para as pessoas nas ruas: as respostas dos entrevistados dão o mote para a colocação da pauta, a fim de que o casal convidado para aquele dia partilhe sua experiência de vida. Esse momento é seguido por um quadro denominado *Laboratório*: nele, um outro casal convidado começa a falar sobre seus conflitos relacionais, numa tentativa de demonstrar o modo como reagem aos acontecimentos no cotidiano. O depoimento do casal é gravado e, sempre que consideram necessário, os apresentadores-professores Cris e Renato pausam a imagem e comentam os pontos do conflito propondo maneiras para se amenizar as situações. Cada

programa diário tem a duração de 50 minutos. O programa-aula é exibido aos sábados na TV Record e apresenta algumas características distintas em relação ao exibido diariamente na emissora da igreja. A principal delas diz respeito aos casais convidados para o programa: aos sábados, os convidados são na maioria das vezes pessoas consideradas "celebridades", com alguma relação com a TV Record e sem relação direta com a IURD. Dentre os participantes convidados, o ex-jogador de basquete Oscar Schmidt e o apresentador Edu Guedes – e suas respectivas esposas – já participaram algumas vezes.

O modelo escolar performatizado no *The Love School* vem de um desdobramento de cursos e atividades reguladoras que remetem a um modelo de família voltado para a figura do casal. O movimento que produziu o *The Love School* vem promovendo também, por meio do espraiamento das temáticas tratadas na televisão, novas atividades disciplinares e práticas, de modo a constituir um completo programa de gerenciamento das relações entre os casais ou famílias da IURD, tendo Cristiane e Renato Cardoso como os gerenciadores autorizados por excelência para desempenhar tal papel.

Além dos programas televisivos transmitidos diariamente, a partir do *The Love School* Renato e Cristiane desenvolveram, desde o ano de 2013, um calendário de projetos e atividades são elas: 1) as chamadas aulas presenciais (iniciadas em 2012), 2) aulas extras (iniciadas em 2013, tais aulas funcionam por meio de *chat* de postagens no *Facebook*), 3) *The love walk* (Caminhada do amor), 4) minuto do casamento, 5) curso Casamento Blindado, 6) curso de sexo, 7) Vivendo sob medida, 8) Cruzeiro *The Love School*, 9) Bolsa Blindada, 10) Projeto Raabe. Os dois últimos por serem programas exclusivos para mulheres também aparecerem relacionados aos quadros de atividades do *Godllywood*.

Como citado acima, as aulas presenciais começaram no ano de 2012. Cris, Renato e equipe viajam para alguma capital

no país e ministram uma aula na igreja ou em outro ambiente público (às vezes as aulas entram como atividade promovida pela Terapia do Amor). As aulas presenciais são sempre muito numerosas, com a participação de milhares de pessoas (na cidade de Fortaleza, por exemplo, a aula presencial teve a participação de "15 mil alunos"). A dinâmica das aulas presenciais segue um pouco a dinâmica do programa: um tema é escolhido e o casal desenvolve ao vivo, os quadros apresentados na televisão.

Outra atividade importante são as aulas extras oferecidas ao vivo semanalmente, as quais podem ser acompanhadas pela página do *The Love School* no *Facebook*. O modelo das aulas extras difere do apresentado no programa: o objetivo das aulas é estabelecer uma interação mais direta com os alunos. Assim, nos 60 minutos de transmissão, os professores (Cris e Renato) leem as perguntas enviadas pelo *chat* do *Facebook* e tentam responder o maior número delas. Na página do *Facebook* é possível conferir a quantidade de pessoas que acessa a mesma página naquele momento: os números sempre ultrapassam 200 mil pessoas.

*The Love Walk* também é uma das atividades que integram o programa. Trata-se de uma caminhada pensada especificamente para casais. Também iniciada no ano de 2012, a caminhada possui uma característica distinta dos demais ajuntamentos em espaços públicos propostos pela IURD. Por chamadas constantes pelo programa de televisão, os casais são estimulados a comparecerem, na mesma hora e horário, a um parque específico da cidade (no caso de São Paulo, o parque escolhido foi o Ibirapuera). O casal deve portar os itens de um *kit* que é vendido pela Internet<sup>92</sup>. A ideia da caminhada é

---

<sup>92</sup> Os itens do *kit* são: camisetas, CD (com músicas e uma mensagem de Cris e Renato) e uma folha com um questionário de 20 perguntas que deve ser respondido pelo casal durante a caminhada.

promover um momento para que os casais conversem sobre si. Esse momento é direcionado pelo questionário: os casais que desejarem podem procurar o quiosque dos organizadores e entregar o questionário, ou até mesmo enviá-lo pela Internet<sup>93</sup>. Essa atividade revela uma outra ação muito forte na razão pedagógica da IURD, que é a necessidade de produzir um senso prático de identidade e pertencimento, bem como de tornar essa identidade pública. Isso se dá no corpo, pela produção intensa e pela proliferação de uniformes<sup>94</sup> (O programa *Godllywood*, descrito no capítulo 2, serve como importante modelo para se pensar acerca dessa questão). As práticas disciplinares vão, aos poucos, dando formas aos corpos, porém, essa forma deve ser reconhecida e divulgada, por meio de roupas e emblemas que consigam, na sutileza dos detalhes (fitas, cores, desenhos) dar conta do pertencimento.

O Minuto do Casamento são pequenos *flashes* com a duração de um minuto, que vão ao ar pela Rede Record, de segunda a sexta-feira, às 11h59 da manhã. Nele, Cristiane e Renato fazem uma pequena reflexão sobre algum tema relacionado a relacionamento.

Certamente uma produção importante no programa *The Love School* é o oferecimento do curso "Casamento Blindado: seu casamento à prova de divórcio". O início do curso foi modesto: era voltado para a comunidade da IURD no Texas nos EUA. Porém, com o crescimento do *The Love School* e com a

---

<sup>93</sup> O exercício continua com incentivos para que as experiências e fotografias sejam compartilhadas no *Facebook*. A primeira caminhada foi no feriado de 01 de maio de 2012. No dia seguinte, havia cerca de 4 mil comentários postados e fotos com casais em parques de vários lugares, no Brasil e em outros países (para mais detalhes da relação estabelecida com a Internet na divulgação dos desafios, ver Teixeira, 2014).

<sup>94</sup> Scheliga (2010) aborda esse assunto ao ilustrar em seu trabalho o uniforme dos obreiros e dos evangelistas.

dedicação exclusiva de Cristiane e Renato ao projeto, o curso passou a ser difundido entre todos os membros da IURD.

O curso tem a duração de 7 aulas, carga horária de 14 horas e pode ser acompanhado presencialmente ou virtualmente. Por ser oferecido apenas na cidade de São Paulo, primeiro no prédio administrativo da IURD, localizado no bairro de Santo Amaro, e depois nas dependências do Templo de Salomão, a apresentação do curso pela Internet visa alcançar casais de outras regiões. Assim, 350 vagas são presenciais, e outras 500 são oferecidas para pessoas que vivem fora da cidade de São Paulo, que desejam acompanhar as palestras via Internet. A primeira edição do curso foi em dezembro de 2011. Em junho de 2012, chegou à quarta edição. Segundo os idealizadores do projeto, qualquer pessoa pode cursar *The Love School*, mesmo no caso de estar desacompanhada de seu parceiro ou parceira, pois também aceita a participação de pessoas solteiras ou que não frequentam a igreja.

Seguindo o modelo escolar do *The Love School*, cada aula de "Casamento Blindado" é organizada com: um período de exposição da temática desenvolvida no dia; um momento para a realização de pequenos exercícios de escrita e fala; o compartilhamento dos resultados obtidos nestes exercícios; espaço para a discussão; e o aprendizado da tarefa que deve ser feita em casa e trazida para o curso na aula seguinte. Cada aula tem a duração de 50 minutos e é ministrada conjuntamente por Cris e Renato. Da mesma forma como ocorre no programa de televisão, o bispo Renato é responsável pela exposição da problemática da aula, enquanto Cristiane se responsabiliza por explorar os assuntos mais direcionados ao público feminino, narrando sempre experiências que viveu em seu casamento, ou algumas histórias confidenciais por leitoras do seu blogue. Tal distribuição de tarefas reforça a noção de que a posição de autoridade de fala da mulher no exercício do sacerdócio condiciona-se à sua disposição de gênero: a mulher está apta

apenas a falar para outras mulheres. Tal fato, no contexto geral das igrejas brasileiras classificadas como evangélicas, é bastante significativo, visto que grande parte do corpo de fiéis de uma igreja é composto por mulheres.

O conjunto de práticas desenvolvidas nas aulas do curso "Casamento Blindado" acabam por reunir um quadro de ferramentas que instrumentalizam o relacionamento conjugal sob a lógica de uma empresa. Cada aula é pensada de modo a produzir plena homologia entre o gerenciamento de uma empresa e o cuidado diário com o casamento. Assim, apresenta-se sempre uma situação de crise conjugal que é rapidamente relacionada a uma situação de crise de relacionamentos pessoais dentro de uma empresa. Logo depois, desenvolvem-se algumas possibilidades de resolução da crise, indagando-se acerca das possibilidades de sua resolução dentro da empresa, a opção escolhida no âmbito profissional deve ser escolhida como forma de resolução dos problemas dentro de um relacionamento.

A comparação do casamento como uma empresa, baseia-se no fato de a empresa – da mesma forma que o casamento – funcionar sempre com base em dois princípios: objetivos e resultados. Como a empresa, "o casamento também tem objetivos e existe para produzir resultados" (C. Cardoso & R. Cardoso, 2012: 60). O curso passa, então, a explorar as características necessárias para a resolução de uma crise numa empresa, indicando-se dez passos que o casal deve inculcar em sua relação para transformar seu casamento (*ibidem*: 70-80).

Assim, os exercícios que compõem o curso "Casamento Blindado" visam suscitar a compreensão do casal (que segundo esse contexto é formado por um homem e uma mulher) acerca de uma concepção ontológica do *ser homem* e do *ser mulher*. Porém, apesar da naturalização da diferença dos gêneros, é necessário que cada entidade seja domesticada e aprimorada, num processo educacional que visa o cuidado de si e o cuidado

### Cap. 3 - Conjugalidade e divisão sexual

do outro. Ou seja, aquilo que na conjugalidade se torna parte de si.

Sempre ouvi falar que nós mulheres somos complicadas, que não sabemos o que queremos, que, para nos agradar, o homem tem que praticamente deixar de ser homem, mas agora você pode entender o porquê desse mito. Tudo bem, somos um pouco complicadas (ok, bastante), mas isso é devido a nossa insegurança, que já explicamos de onde veio. Está em nosso DNA. No entanto, não é por isso que somos difíceis de agradar. O problema é que somos muito diferentes dos homens. O que para um homem não é tão importante, para a mulher é muito e vice-versa. É fácil dizer que a mulher não sabe o que quer. A questão é: não seria isso razão para cuidados maiores em vez de críticas? (C. Cardoso & R. Cardoso, 2012: 102)

Como resultado do curso, em julho de 2012, Cristiane e Renato lançaram o livro com o mesmo título do curso. A ideia foi sistematizar os temas tratados nas 7 aulas. *Casamento blindado* possui 22 capítulos e inaugura uma nova categoria literária entre os livros produzidos pelo corpo sacerdotal da IURD. Em vez de ser classificado como devocional<sup>95</sup>, o livro passa a ser classificado entre os títulos de autoajuda. Há atualmente uma tendência em se classificar os livros de natureza confessional na categoria de autoajuda, o que permite aumentar a visibilidade do livro, sua circulação e a variedade de leitores. *Casamento blindado* é um interessante exemplo deste

---

<sup>95</sup> Os livros devocionais recebem esse título por serem livros voltados para a discussão de questões bíblicas ou mensagens do Evangelho.

movimento, pois as apresentações do livro não foram escritas por pessoas ligadas à IURD, mas por figuras consideradas públicas (o prefácio foi escrito por Oscar Schmidt, ex-jogador de basquete, e as apresentações na contracapa são do ator Rodrigo Faro, do ex-nadador Fernando Scherer e do ator Bemvindo Sequeira). Foi de acordo com essa lógica que *Casamento blindado* foi lançado nas livrarias de todas as capitais nacionais. Na página do curso no *Facebook* é possível encontrar fotos dos lançamentos. Essa estratégia de universalizar os leitores pode ser observada claramente no lançamento do livro na cidade de São Paulo, que ocorreu na Livraria Cultura, uma das principais livrarias da cidade. Nela havia algumas pessoas consideradas "celebridades" ligadas à Record. O lançamento do livro em São Paulo foi divulgado também no programa *Hoje em Dia*, também da Rede Record.

Como fruto do curso e do livro com o mesmo título, a saber, *Casamento Blindado*, iniciou-se ao final de 2014, as palestras semanais para relacionamento amoroso e educação sentimental, ambas ministradas por Cristiane e Renato Cardoso, no salão principal do Templo de Salomão, com capacidade para 15 mil participantes. As palestras emergem como mais uma tecnologia pedagógica que mobiliza a ideia de "autoajuda" e se destina a um público que não diz respeito apenas aos fiéis da IURD, mas a mulheres e homens interessados em especializar-se em relacionamento conjugal.

### 3.3. Fé conjugal e razão pedagógica

Bispo Renato Cardoso: o senhor sempre fala que a base do sucesso, e a base do sucesso do seu trabalho e do ministério da igreja tá no casamento

do senhor e da Dona Ester. O que o senhor tem a dizer sobre isso? Casamento como base do sucesso para qualquer pessoa?

Bispo Edir Macedo: só quem usa o raciocínio, só quem é inteligente, pensa assim, porque se nós temos um casamento sólido, nós temos condições de construir qualquer coisa. O casamento é a base de uma sociedade é o fundamento de uma casa. Se você está bem com sua esposa, você está bem consigo, e tem forças para ir lá fora e conquistar.... Você sabe que o homem sempre foi o provedor, o conquistador, o caçador, era ele quem supria as necessidades da mulher. Então, se eu estivesse bem com minha mulher, eu teria condições de caçar, de vencer, sem ter maiores problemas.<sup>96</sup>

Nas aulas do Casamento Blindado aprende-se a diferença entre fé racional e fé emocional (ver capítulo 1). Desenvolver os princípios da fé racional se apresenta como condição indispensável para o êxito no casamento. A escolha de alguém para se casar não pode basear-se em ideais com *amor* ou *destino*:

Edir Macedo: Eu vou te dizer quem o que foi que fez meu casamento durar. Vou te dizer o que me faz feliz ao lado da Ester por 40 anos. Destino? Eu mando o destino para o diabo que o carregue! Quem fez meu casamento prosperar fui eu, eu fiz! Eu fiz um acordo com Deus, de me dedicar a Ele. Nesse acordo eu tenho o direito de cuidar do que Ele quer e de ser honrado por isso.<sup>97</sup>

---

<sup>96</sup> Ver [www.youtube.com/watch?v=jYXhyv6UcMA&feature=watch-vrec](http://www.youtube.com/watch?v=jYXhyv6UcMA&feature=watch-vrec)

<sup>97</sup> Ver [www.youtube.com/watch?v=jYXhyv6UcMA&feature=watch-vrec](http://www.youtube.com/watch?v=jYXhyv6UcMA&feature=watch-vrec)

### Cap. 3 - Conjugalidade e divisão sexual

Ao falar sobre um casamento que seja a prova de divórcio, as ideias são mobilizadas de modo a se constituir uma espécie de jogo de oposições. Nele, o diagnóstico do que é ruim emerge por meio da constatação do que é considerado bom e aceitável.

Casamento blindado (positivo)	Casamento que termina em divórcio (negativo)
Razão	Emoção
Amor	Paixão
Inteligência	Insegurança
Homem líder/mulher submissa	Mulher líder/homem submisso
Mulher gerenciadora/homem apoiador	Mulher gerenciadora/homem distante
Boa frequência de intercurso sexual	Intercurso sexual esporádico
Mora separado do parentesco estendido	Mora junto do parentesco estendido
Ambos cuidam da aparência	Ninguém cuida da aparência ou apenas um cuida
Com interesses profissionais semelhantes	Com interesses profissionais díspares

A partir desse quadro geral de oposições desdobram-se inúmeras variáveis que poderiam colocar o casal do lado negativo do polo. Dentre elas destaca-se bastante a diferença de idade entre homens e mulheres. Emergem, assim, as implicações de um relacionamento em que a mulher é mais velha que o homem. Tal relação colocaria em risco o princípio de posição de liderança do homem, que aparece descrita como parte de suas características naturais (C. Cardoso & R. Cardoso, 2012).

Em uma das aulas do curso presencial, Renato relatou:

Antes de me casar com Cristiane, eu namorava uma moça que era cinco anos mais velha que eu, eu era louco por ela, mas fui aconselhado a me distanciar dela, não porque ela não era temente a Deus, mas porque sua idade e seu temperamento colocavam em risco minha natureza e minha liderança, o que atrapalharia meus objetivos profissionais. Numa atitude de fé racional terminei tudo com ela. Meses depois comecei a namorar Cristiane, não porque estava apaixonado, mas porque via nela alguém que me ajudaria a chegar aonde eu queria chegar. Estamos juntos há vinte anos, somos muito felizes, eu não me arrependo de minha escolha racional, de minha escolha de fé.<sup>98</sup>

Existe um grupo seletivo de agentes que inculcou os princípios dessa razão pedagógica durante o processo de pertencimento direto à IURD: pastores, bispos e donas são, com certeza, os principais agentes desse grupo. Obreiros e obreiras que desejam mudar sua posição de serviço na divisão do espaço sagrado também passam a introjetar mais claramente tais princípios. Numa escola que visa formar agentes para determinadas carreiras, um plano assim precisa ser seguido e corporificado pelos agentes.

O fato é que o modo de organização dessa escola e as relações de universalização dessa razão pedagógica têm produzido um espraiamento dessa dinâmica para outras dimensões de relação social. Espraiamento este – vale notar – que, sem ocorrer necessariamente atrelado a uma ordem ou a uma carreira eclesial, produz uma ética que pensa que "o casamento é a base de toda a sociedade" (Macedo, 2008: 11).

---

<sup>98</sup> Trecho transcrito da terceira aula do curso "Casamento Blindado" de 24 de fevereiro 2012.

### 3.3.1 Conjugalidade para o cuidado de si

O cuidado de si é um tema amplamente tratado por Michel Foucault. Na tentativa de pensar os processos de objetificação e de subjetivação, bem como a produção de "regimes de verdade" que configuram o indivíduo moderno, Foucault desenvolve um estudo acerca dos prazeres sexuais e a esfera íntima no período da antiguidade, mais especificamente, na Grécia antiga, no Império Romano e na institucionalização do Cristianismo. Tanto no terceiro volume de *História da sexualidade*, quanto em *A hermenêutica do sujeito*, ele retoma a noção grega de *epimeléia heautoû*, que, cunhada no contexto helenístico, correspondia a uma espécie de labor, ou conjunto de obrigações, deveres e técnicas que incitavam o cuidado pessoal a uma espécie de autoconhecimento.

Segundo Foucault (2007), nos dois primeiros séculos de nossa era houve um reforço por parte de algumas escolas filosóficas na elaboração de códigos de conduta para a vida privada. Na Grécia antiga, o cuidado de si surge como um conjunto de técnicas baseadas no pensamento e na prática médica, configurando uma espécie de cultura de si. Cultura marcada pelo aumento das formas de observação e do domínio do corpo, o que produziu o crescimento do cuidado médico e da medicina como guardiões das técnicas que remetem ao zelo e do corpo sadio. Aos corpos é atribuído um sentido de vulnerabilidade, de incompletude e, até mesmo, de doença, de modo que é necessário desenvolver modos para o conhecimento de si (Foucault, 2007). É em meio a cultura do cuidado de si que se forjaram as primeiras reflexões sobre os prazeres e sobre a moral, o que levou à produção de processos de subjetivação atrelados ao corpo e à noção do eu.

Esse conjunto de técnicas voltado para o cuidado de si permitiu que a noção de cuidado fosse estendida para a relação com o outro. Isso transformou o casamento numa importante instituição para a produção de disciplinas e de sentidos para o convívio, constituindo o que Foucault denomina de conjugalidade. Nela, o homem passa a se comprometer com sua esposa, preocupando-se em realizar algumas funções cotidianas, tendo como objetivo central garantir a harmonia entre o casal. O casamento torna-se naturalizado: de contrato socioeconômico, ele passa a ser defendido como uma necessidade intrínseca ao homem. A emergência da conjugalidade produziu, assim, a conjugalização da relação entre homem e mulher, estendendo as regras do casamento às mais diversas instâncias da vida, inclusive a sexual: o prazer sexual passou a ser legítimo somente dentro de uma relação conjugal.

O texto de Foucault nos permite enxergar uma produção constante de dispositivos de regulação para o cuidado do corpo; para o papel do casal no casamento; para o papel da mulher na esfera privada e seu afastamento dos papéis públicos; e para as relações sexuais dentro e fora das fronteiras instituídas pela conjugalidade. Tais práticas nos remetem ao conjunto de atividades desenvolvidas pela IURD, centralizadas numa noção específica de conjugalidade e na formulação de uma ética para o cuidado do corpo e da família que visam estabelecer formas gerais para o convívio no mundo.

## Considerações finais

O objetivo central desta pesquisa consistiu em analisar um conjunto de práticas rituais que acabam por se tornar estruturas organizadoras do cotidiano, ao mesmo tempo que orientam posicionamentos adotados na esfera de debates que conformam os saberes e as posições na esfera pública, pensada aqui como espaço de interações discursivas que se configura na medida em que um modelo prático torna-se eixo de um debate público entre discordantes, configurando, nesses termos, uma controvérsia (Lemieux, 2007)<sup>99</sup>. Tendo como ponto de partida o posicionamento de alguns líderes da IURD acerca da legalização do aborto, passo a examinar um conjunto de práticas referentes à internalização de um *habitus* de prosperidade, a partir de um conjunto de dispositivos desenvolvidos por uma *razão pedagógica* que é operada por meio de noção de sacrifícios cotidianos, os quais acabam por disciplinar ações para o cuidado de si e a conjugalidade.

Tendo como ponto de partida o posicionamento de alguns líderes da Igreja Universal IURD acerca da legalização do aborto, passo a examinar um conjunto de práticas referentes à internalização de um *habitus* de prosperidade, a partir de um conjunto de dispositivos desenvolvidos por uma *razão pedagógica* que é operada por meio de noção de sacrifícios cotidianos, os quais acabam por disciplinar ações para o cuidado de si e a conjugalidade.

---

<sup>99</sup> É importante ressaltar que, para o autor, o universo da prática é grande aliciador de questões que passam a conformar uma arena de debates. O poder de uma controvérsia consiste na capacidade que os argumentadores adquirem ao longo do jogo de discordâncias para englobar novos agentes. Quando se universaliza, a controvérsia chega a modificar as regras da prática, cristalizando-se legitimada pela esfera do direito.

## Considerações finais

Com o intuito de caracterizar as disposições da controvérsia em questão, estruturei o trabalho de modo a descrever um conjunto de práticas e crenças que regimentam os discursos, tendo como foco específico um dos lados da controvérsia, a saber, Edir Macedo e a IURD. Na primeira parte do texto, procurei fazer um exercício analítico de contextualização das posições discursivas na controvérsia, descrevendo o modo como, para garantir e defender seus princípios de laicidade, o Estado Nacional organiza um código penal que apresenta o aborto como crime desde a sua primeira versão, ainda no século XIX. O outro ponto dessa interação, representado por associações organizadas em meio à sociedade civil, emerge no texto na figura dos modelos de produção da Constituinte e a formulação da Carta Constitucional de 1988. Os evangélicos passam a organizar sua representação política também nesse período num processo protagonizado pela Igreja Assembleia de Deus que, aos poucos, passa a dividir espaço com a Igreja Universal.

O posicionamento favorável de Edir Macedo à legalização do aborto é descrito de modo a explicitar que não se trata de uma fala isolada, mas de um argumento que tem por base um estilo de vida. Os argumentos favoráveis à legalização do aborto passam a fazer parte da fala de outros líderes da IURD, conformando um interessante quadro de posições favoráveis ao aborto que parecem definir-se por uma mesma questão: o uso do aborto como método contraceptivo poderia ajudar no controle de natalidade e, conseqüentemente, no controle da pobreza.

Assim, o aborto se positiva por garantir a não-existência de alguém, ao nascer obteria um valor social negativo por não ter sido planejado ou desejado pelos pais. Outra questão é que o aborto deixa de ser visto como uma atitude individual, praticado por uma mulher egoísta que prefere a si em detrimento de uma criança, e passa a ser visto como uma ação de caráter coletivo.

## Considerações finais

Sua função é de prevenir a criminalidade, ajudar na erradicação da pobreza, e contribuir para a manutenção de famílias estruturadas.

Outra categoria recorrente nas falas sobre a legalização do aborto é "direito". Há uma lógica segundo a qual a mulher deve ter o direito de abortar porque a ela deve ser concedido o direito ao domínio do próprio corpo. É interessante notar que essa fala emerge em meio a práticas que pensam o feminino numa relação de dependência em relação ao masculino, e dotada de características que se distanciariam em muito do sentido de direito evocado pelas associações de defesa do direito da mulher. Qual seria, portanto, o sentido do direito nesse regime específico de práticas? O direito universal reconhecido em sua dimensão bíblica e social é o direito à prosperidade. Assim, o aborto pode ser admitido como direito porque se justifica, como já afirmei acima, enquanto ação coletiva de prevenção de determinados problemas sociais. A pobreza é sempre descrita como a causa de muitos problemas, criminalidade, injustiça social, seriam problemas atribuídos a ela.

Partindo daí, foi necessário entender melhor não apenas os sentidos atribuídos à prosperidade, mas também o modo como tais sentidos se engendram no cotidiano dos fiéis da IURD. Passei então a analisar o modo como a IURD pensa sua história e os modos de incorporação dessa história por meio de rituais estruturados naquilo que foi denominado *circuito da conquista*. As concepções de sacrifício e desafio alimentam um conjunto de práticas rituais que remetem à prosperidade por meio da afirmação de uma relação de reciprocidade estabelecida entre o fiel e Deus. Para além dos momentos de efervescência, esse acordo deve se afirmar cotidianamente por meio de pequenos sacrifícios diários movidos pela prescrição de pequenos desafios. Essa rotinização da prática do sacrifício descola o espaço sagrado do culto, que, sem se limitar ao templo (por exemplo, a Fogueira Santa, que ocorre no Cenáculo), passa

## Considerações finais

agora a ser o corpo. A prosperidade só se concretiza quando o corpo também se torna espaço sagrado, ou espaço de sacrifício. Nesse sentido, é preciso produzir mecanismos para a disciplina desse corpo, para que ele se torne, cada vez mais, mediador ritual do acordo de reciprocidade, estabelecido entre o fiel e Deus.

Assim, alguns princípios práticos são negociados de modo a conformar uma *razão pedagógica* cujo foco consiste na produção de corpos prósperos. Passo então a descrever as disposições que conformam o desafio *Godllywood*, programa que, idealizado por Cristiane Cardoso, tem por fundamento a construção de uma "sociedade bem aventurada e abundante"<sup>100</sup>. Ao se pretender como protótipo de nação, o programa *Godllywood* traz como foco de sua pedagogia o corpo feminino e a circulação constante de sentidos que configuram um estilo de vida representado pelo ideal do "ser mulher". O aprendizado do feminino deve começar desde a infância e, assim, um dos grupos etários recebe como participantes meninas a partir dos 7 anos de idade. Os sentidos do "ser mulher" emergem pela naturalização de imagens de ternura e docilidade do corpo, sempre performatizada nas fotografias em que todas as mulheres aparecem com vestidos coloridos e rodados, com a mão no queixo em alusão às *pinups* da década de 1950.

O projeto *Godllywood* começou com um caráter bastante seletivo. Os grupos são organizados apenas em igrejas consideradas numerosas e importantes, ou em cidades de médio e grande porte. O processo seletivo ocorre anualmente, e as meninas passam por provas e avaliação tanto de conhecimento bíblico quanto de capacidades para serem disciplinadas. Apesar de os grupos terem se espalhado rapidamente (em menos de dois anos o programa *Godllywood* foi organizado em igrejas em 60 países), havia limitações que dificultavam sua expansão. Foi aí

---

<sup>100</sup> Ver [www.facebook.com/?ref=tn\\_tnmn#!/cbcardoso](http://www.facebook.com/?ref=tn_tnmn#!/cbcardoso)

## Considerações finais

que a Internet passou a ser incorporada como instrumento pedagógico por excelência.

Nos três grupos etários que compõem *Godllywood* as disposições de internalização desta *razão pedagógica* se dão por meio da prescrição semanal de desafios. Esses desafios tinham que ser semanalmente conferidos pelas dirigentes dos grupos, as *Bigsisters*, por meio da apresentação de provas. Com o uso da Internet e de *sites* como *Facebook* e *Twitter*, os desafios semanais passaram a ser acompanhados por um número muito maior de pessoas, que tiram fotos como provas do desafio. Abaixo, apresento o desafio primeiro, que tinha como tema, o acesso a *sites* de redes sociais na Internet.

1. Você vai abrir uma conta no Twitter (se já não a tem), seguir o grupo @godllywood e postar o seguinte: "@godllywood eu faço o #DESAFIOGODLLYWOOD"
2. Você vai curtir a nossa página do Facebook (facebook.com/godllywood) e postar sua foto lá com a mesma frase "eu faço o #DESAFIOGODLLYWOOD"<sup>101</sup>

Na última parte do texto, desenvolvi outras disposições dessa *razão pedagógica*. Ali, descrevi dois conjuntos de atividades: o primeiro, visto como facilitador para o casamento, ou até como um performatizador do mercado de bens matrimoniais; o segundo, com atividades voltadas para a racionalização da escolha do cônjuge e o gerenciamento da relação conjugal. No primeiro caso, descrevo a organização ritual da Terapia do Amor. Mais especificamente, o modo como as partes que compõem sua estrutura ritual se organizam de modo a promover um ambiente propício para a realização de

---

<sup>101</sup> Ver demais desafios no Anexo A.

## Considerações finais

acordos de casamento. A lógica ordenadora do *circuito da conquista* emerge como eixo organizador do ritual, de modo que a libertação espiritual é quesito necessário para se acessar a prosperidade conjugal.

No segundo caso, o conjunto de atividades descritas são oferecidas num pacote que tem como eixo central o programa televisivo *The Love School*. O programa, dirigido por Cristiane Cardoso e Renato Cardoso, faz alusão a uma escola e chama os telespectadores de alunos. Tem-se ali acesso a um conjunto de atividades que são consideradas pela lógica da escola com atividades extras ou de reforço. O curso "Casamento Blindado: seu casamento à prova de divórcio" está classificado entre as atividades de reforço, porém, desempenha um papel central nas disposições dessa *razão pedagógica* ao basear seus ensinamentos nos princípios da *fé racional*. Acessando tais princípios, a escolha do parceiro para o casamento deve ser reconhecidamente uma escolha da razão e não uma escolha emocional. No momento de avaliar as possibilidades de aliança matrimonial, homens e mulheres precisam considerar alguns fatores como linhagem, passado, objetivos para o futuro, diferenças socioeconômicas, diferenças de idade e de raça, de modo a eliminar problemas e aumentar as chances de o relacionamento prosperar. Todo esse processo é explicado com regras e sentenças da matemática. O casamento deve ser entre sujeitos que tenham valores sociais positivos. O sinal negativo tem o poder de negar o valor da outra pessoa.

O curso "Casamento Blindado" instaura por meio de disposições pedagógicas alguns mecanismos para o cuidado de si desenvolvidos em relação a uma noção de cuidado do outro. Para que o cuidado de si não seja lido na chave do egoísmo, ele deve se desdobrar numa relação de vulnerabilidade e dependência recíproca, no qual o cuidado de si se dá como expressão do cuidado de si para o outro, colocando a ação do cuidado individual numa lógica dual.

## Considerações finais

\*\*\*

Dentre as principais hipóteses que motivaram essa pesquisa está a de relacionar a posição de Edir Macedo em relação ao aborto a um conjunto de prescrições referentes ao casamento e ao planejamento familiar pensadas como modelos disciplinares por excelência para se acessar a promessa e o direito a prosperidade. Tal hipótese se sustentou mediante a descrição de algumas disposições engendradas por uma razão pedagógica voltada para o cuidado de si e para a produção de relações de conjugalidade.

O corpo emerge como espaço de sacrifício diário que visa a apreensão de técnicas que ajudem a alcançar a promessa, a prosperidade. É sob esse prisma que corpo, casamento e família devem ser planejados. Há, segundo essa lógica, uma forma de aborto reconhecida como legítima aos olhos de Deus: o aborto que tem como atributo o bem social, que se faz para se controlar os problemas sociais privilegiando o bem-estar de um coletivo.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Heloísa B. (2012) "Trocando em miúdos: gênero e sexualidade na TV a partir de Malu Mulher". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, p. 125-137.
- \_\_\_\_\_. (2007) "Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela". *Revista Estudos Feministas*, v. 15, n. 1, p. 177-192.
- \_\_\_\_\_. (2004a) "Família e relações de parentesco contribuições antropológicas". In: CARVALHO, José Sérgio de. (Org.). *Direitos Humanos e Educação para a Democracia*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 224-246.
- \_\_\_\_\_; HAMBURGER, E. I. (2004b) "Sociologia, pesquisa de mercado e sexualidade na mídia: audiências X imagens". In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 115-139.
- \_\_\_\_\_. (2003) "Famílias diante das telenovelas". *Cadernos de Antropologia e Imagem* (UERJ), Rio de Janeiro, n. 17, p. 283-299.
- ALMEIDA, Ronaldo. (2009) *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Terceiro Nome.
- \_\_\_\_\_. (2004) "Religião na Metrópole Paulista". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 56, p. 15-27.

## Referências bibliográficas

- \_\_\_\_\_. (2003) "A guerra das possessões". In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André, DOZON, Jean Pierre (orgs). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, p. 321-342.
- \_\_\_\_\_; MONTERO, Paula. (2001) "O trânsito religioso no Brasil". *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, v. 15, n. 3, jul-set.
- ALVAREZ, M. C.; SALLA, Fernando; SOUZA, A. L. (2003) "A Sociedade e a Lei: o Código Penal de 1890 e as novas tendências penais na Primeira República". *Justiça & História*, Porto Alegre, v. 3, n. 6, p. 97-130.
- ARAÚJO, Isael (2009). *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD.
- ASAD, Talal. (2003) *Formations of the Secular: Christianity, Islam, Modernity*. Stanford University Press.
- BARSTED, Leila A. L. (1992) "Legalização e descriminalização do Aborto no Brasil: 10 anos de luta feminista". *Estudos Feministas*, n. 0, p. 104-130.
- BEZERRA, Ester. (2012) *Diário Fonte a Jorrar*. Rio de Janeiro: Unipro.
- \_\_\_\_\_. (2007) *Finas joias: mensagem para a reflexão feminina*. Rio de Janeiro: Unipro.
- BEZERRA, Marcos O. (2001) "Políticos, representação política e recursos públicos". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, n. 15, p. 181-207.

## Referências bibliográficas

- BEZERRA, Nanda. (2010) *40 segredos que toda a solteira deveria saber*. Rio de Janeiro: Unipro.
- BIRMAN, Patrícia. (2009) "Feitiçarias, territórios e resistências marginais". *Mana* (UFRJ, Impresso), v. 15, p. 321-348.
- \_\_\_\_\_. (2006) "O Espírito Santo, a mídia e o território dos crentes". *Ciências Sociais e Religião*, v. 8, p. 41-62.
- \_\_\_\_\_. (2005) "Fronteiras espirituais e fronteiras nacionais: o combate às seitas na França". *Mana* (UFRJ, Impresso), v. 11, n. 1, p. 7-39.
- \_\_\_\_\_. (2003) "Corpo a corpo. Religião, Política e Violência no Rio de Janeiro". *Teoria & Sociedade* (UFMG), Belo Horizonte, n° especial, p. 98-104
- \_\_\_\_\_. (2001) "Conexões políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos". In: SANCHIS, Pierre (Org.). *Fiéis & cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ.
- \_\_\_\_\_. (1996) "Mediação feminina e identidades pentecostais". *Cadernos Pagu*, n. 6-7, p. 201-226.
- BOLTANSKI, Luc. (2012) "As dimensões antropológicas do aborto". *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 7, jan/abril, p. 205-245.
- \_\_\_\_\_. (1990) *L'Amour et la justice comme compétence*. Paris: Métailié.
- BOURDIEU, Pierre. (2009) *O senso prático*. Rio de Janeiro: Vozes.

## Referências bibliográficas

- \_\_\_\_\_. (2007) *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk.
- \_\_\_\_\_. (2006) "O camponês e seu corpo". *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 26, p. 83-92, jun.
- \_\_\_\_\_. (2004a) *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (2004b) *El baile de los solteros. La crisis de la sociedad campesina en el Bearne*. Barcelona: Agrama.
- \_\_\_\_\_. (1996a) *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus.
- \_\_\_\_\_. (1996b) "Marginália: algumas notas adicionais sobre o dom". *Mana*, v. 2, n. 2, p. 7-20.
- \_\_\_\_\_. (1989) *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BURITY, Joanildo A. (2011) "Republicanism e o crescimento do papel público das religiões: comparando Brasil e Argentina". *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 1, n. 1, p. 199-227.
- \_\_\_\_\_. (2008a) "Religião, política, cultura". *Tempo Social* (USP, Impresso), v. 20, n. 2, p. 83-113.
- \_\_\_\_\_. (2008b) "Cultura, identidade e inclusão social: o lugar da religião para seus atores e interlocutores". *Debates do NER* (UFRGS), v. 9, n. 14, p. 11-52.
- \_\_\_\_\_. (2008c) "Cultura e identidade nas políticas sociais". *Ciência & Trópico*, v. 32, n. 1, p. 113-137.

## Referências bibliográficas

- \_\_\_\_\_. (2007) "Organizações religiosas e ações sociais: entre as políticas públicas e a sociedade civil". *Revista Antropológicas*, v. 18, n. 2, p. 7-48.
- \_\_\_\_\_; MACHADO, Maria das Dores (Ed.). (2005) *Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.
- CALVINO, João. (2009) *A instituição da religião cristã*. São Paulo: Ed. Unesp.
- \_\_\_\_\_. (1996) *Commentaries on The First Book of Moses Called Genesis*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, v. 1.
- CAMPOS, Leonildo S.; ORO, Ari Pedro; GIUMBELLI, Emerson. (2010) "O complicado 'governo dos justos': avanços e retrocessos no número de deputados federais evangélicos eleitos em 2006 e 2010". *Debates do NER (UFRGS, Impresso)*, v. 11, p. 39-82.
- \_\_\_\_\_. (1997) *Teatro, templo e mercado - organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis: Vozes.
- CARDOSO, Cristiane. (2011) *A mulher V: moderna a moda antiga*. Rio de Janeiro: Unipro.
- \_\_\_\_\_; CARDOSO, Renato. (2012) *O Casamento Blindado: seu casamento à prova de divórcio*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.
- CARDOSO, Renato. (2007) *Melhor que comprar sapatos: pérolas de sabedoria para a mulher espiritual*. Rio de Janeiro: Unipro.

## Referências bibliográficas

- \_\_\_\_\_. (1998) *O perfil do jovem de Deus*. Rio de Janeiro: Unipro.
- CARVALHO, Maria de Fátima. (2010) *Sexo com o Diabo: dormindo com o inimigo*. Rio de Janeiro: Unipro.
- CASANOVA, José. (2010) "O Problema da Religião e as Ansiedades da Democracia Secular Europeia". *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo, dez., p. 1-16.
- \_\_\_\_\_. (1994) *Public Religions in the Modern World*. Chicago: Chicago University Press.
- CASTRO, Talita P. (2009) *Auto-ajuda e a reificação da crise da meia-idade*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.
- CORTEN, André; MOLINA, V.; CHIASSON-LEBEL, T. (2010) "Imaginaires religieux et politiques en Amérique Latine: les contours des renvois de signification". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 27, p. 253-280, jan.-jun.
- \_\_\_\_\_. (2001) "O pentecostalismo transnacionalizado no contexto teológico-político". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 7, n. 15, p. 149-160, jul.
- \_\_\_\_\_. (1996) *Os pobres do Espírito Santo*. Petrópolis: Vozes.
- COSTA, Sergio. (2003) *As cores de Ercília: esfera pública, democracia, configurações pós-nacionais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

## Referências bibliográficas

- CRIVELLA, Sylvia J. (2007) *O desafio de criar os filhos: como educar os filhos numa sociedade de valores invertidos*. Rio de Janeiro: Unipro.
- DINIZ, Debora; MADEIRO, Alberto. (2012a) "Cytotec e aborto: a polícia, os vendedores e as mulheres". *Ciência e Saúde Coletiva* (Impresso), v. 17, p. 1795-1804.
- \_\_\_\_\_. (2011) "Ética, aborto y democracia". *Perspectivas Bioéticas*, v. 15, p. 28-39.
- \_\_\_\_\_; CORRÊA, Marilena; SQUINCA, Flávia; BRAGA, Kátia Soares. (2009) "Aborto: 20 anos de pesquisas no Brasil". *Cadernos de Saúde Pública* (Fiocruz), v. 25, p. 939-942.
- \_\_\_\_\_; VÉLEZ, Ana Cristina Gonzalez. (2008) "Aborto na Suprema Corte: o caso da anencefalia no Brasil". *Revista Estudos Feministas*, v. 16, p. 647-652.
- DONZELOT, Jacques. (1980) *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal.
- DOUGLAS, Mary. (1999) "Racionalismo e Crença". *Mana*, v. 5, n. 2, p. 145-156.
- DUARTE, G. A.; OSIS, M. J. D.; FAÚNDES, A.; SOUZA, M. H. (2010) "Aborto e legislação: opinião de magistrados e promotores de justiça brasileiros". *Revista de Saúde Pública*, v. 3, n. 44, p. 406-426.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. (2009) "Família, moralidade e religião: tensões contrastivas contemporâneas em busca de um modelo". In: DUARTE, Luiz Fernando Dias;

## Referências bibliográficas

- VELHO, Gilberto (Org.). *Gerações, família e sexualidade*. Rio de Janeiro, 7 Letras.
- \_\_\_\_\_. GOMES, Edlaine C. (2008) *Três Famílias - identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- \_\_\_\_\_. (2006) "Ethos privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação". In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; HEILBORN, Maria Luiza; LINS DE BARROS, Myriam; PEIXOTO, Clarice (Org.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- \_\_\_\_\_. *et al.* (2006) "Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes". In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; HEILBORN, Maria Luiza; LINS DE BARROS, Myriam; PEIXOTO, Clarice (Org.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- FERNANDES, Rubem César (Org.). (1998) *Novo Nascimento: os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política*. Rio de Janeiro: Mauad.
- FERREIRA, Francirosy. (2010) "Anti anti-relativismo: política, religião e saúde pública, quando o tema é o aborto". *Jornal da USP de Ribeirão Preto*, p. 2, 25 out.
- FONSECA, C. L. W.; JARDIM, D. F. (2011) "As novas tecnologias legais na produção da vida familiar: antropologia, direito e subjetividades". *Civitas: Revista de Ciências Sociais* (Impresso), v. 11, p. 8-23.

## Referências bibliográficas

- \_\_\_\_\_. (2007) Apresentação: "De família, reprodução e parentesco: algumas considerações". *Cadernos Pagu* (Unicamp), v. 29, p. 9-26.
- \_\_\_\_\_. (2004) "De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a transpolinização entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia". *Ilha - Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 5-31.
- FOUCAULT, Michel. (2008). *Arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. (2007) *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. São Paulo: Graal.
- FRESTON, Paul (Ed.). (2008) *Evangelical Christianity and Democracy in Latin America*. Oxford University Press.
- \_\_\_\_\_. (1993) *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Tese de doutorado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. (1992) "Evangélicos na política brasileira". *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1-2, p. 26-44.
- GIDDENS, Anthony. (1993) *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo na sociedade moderna*. São Paulo: Ed. Unesp.
- GIUMBELLI, E. (2012) "Crucifixos invisíveis: polêmicas recentes no Brasil sobre símbolos religiosos em recintos estatais". *Anuário Antropológico*, v. 10, n. 1, p. 77-105.

## Referências bibliográficas

- \_\_\_\_\_. (2011a) "A noção de crença e suas implicações para a modernidade: um diálogo imaginado entre Bruno Latour e Talal Asad". *Horizontes Antropológicos*, v. 35, p. 327-356.
- \_\_\_\_\_. (2011b) "O Acordo Brasil-Santa Sé e as relações entre Estado, sociedade e religião". *Ciencias Sociales y Religión*, v. 14, p. 119-143.
- \_\_\_\_\_. (2008) "A Presença do Religioso no Espaço Público: Modalidades no Brasil". *Religião & Sociedade*, v. 28, n. 2, p. 80-101.
- \_\_\_\_\_. (2004) "Religião, Estado, modernidade: notas a propósito de fatos provisórios". *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 47-62
- \_\_\_\_\_. (2002a) *O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França*. São Paulo: Attar.
- \_\_\_\_\_. (2002b) "Para além do 'trabalho de campo': reflexões supostamente malinowskianas". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 48, p. 91-107.
- \_\_\_\_\_. (2001) "A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro". *Religião & Sociedade* (Impresso), Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p. 87-119.
- \_\_\_\_\_. (1997) *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- GOMES, Edlaine Campos. (2009) "A religião em discurso: a retórica parlamentar sobre o aborto". In: DUARTE, L.

## Referências bibliográficas

- F. D.; GOMES, E.; NATIVIDADE, M.; MENEZES, R. (Org.). *Valores Religiosos e Legislação no Brasil: a tramitação de projetos de lei sobre temas controversos*. Rio de Janeiro: Garamond/FAPERJ.
- \_\_\_\_\_. (2008a) "A religião em discurso: a retórica parlamentar sobre o aborto". In: GOMES, E.; NATIVIDADE, M.; MENEZES, R.; LIMA, D. (Org.). *O impacto da religião na tramitação de Projetos de Lei no Brasil*. Minas Gerais: IUPERJ/UFMG.
- \_\_\_\_\_; MENEZES, R. A. (2008b) "Aborto e eutanásia: dilemas contemporâneos sobre os limites da vida". *Physis - Revista de Saúde Coletiva*, v. 18, n. 1, jan.-mar, p. 77-103.
- \_\_\_\_\_. (2004) *A 'Era das Catedrais' da IURD: a autenticidade em exibição*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- HABERMAS, Jürgen. (2007) *Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- \_\_\_\_\_. (1998) "Sobre el papel de la sociedad civil y de la opinión pública política". In: *Facticidad y validez*. Madrid: Trotta.
- \_\_\_\_\_. (1984) *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. (2008) *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes.

## Referências bibliográficas

- \_\_\_\_\_. (1997) "Representam os Surtos Emocionais Contemporâneos o Fim da Secularização ou o Fim da Religião?". *Religião & Sociedade*, v. 18, n. 1, p. 31-48.
- LAHAYE, Tim & Bervely. (2008a) *O que é o ato conjugal para o homem: orientação prática para o homem sobre sexo no casamento*. Belo Horizonte: Betânia.
- \_\_\_\_\_. (2008b) *O que é o ato conjugal para a mulher: orientação prática para a mulher sobre sexo no casamento*. Belo Horizonte: Betânia.
- \_\_\_\_\_. (1989) *O ato conjugal: orientação sexual equilibrada, clara e sem rodeios*. Belo Horizonte: Betânia.
- LAVALLE, Adrián Gurza. (2002) "Jürgen Habermas e a virtualização da publicidade". *Margem*, São Paulo, n. 16, p. 65-82.
- LEMIEUX, Cyril. (2007) "À quoi sert l'analyse des controverses? Société d'études soréliennes / Mil neuf cent". *Revue d'histoire intellectuelle*, n. 25, p. 191-212.
- LEMOS, Christina; TAVOLARO, Douglas. (2007) *O Bispo: a história revelada de Edir Macedo*. Rio de Janeiro: Larousse.
- LIMA, D. (2010) "Alguns fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus". *Mana*, v. 16, p. 351-374.
- \_\_\_\_\_. (2008) "Prosperidade na Década de 1990: Etnografia do Compromisso de Trabalho entre Deus e o fiel da Igreja Universal do Reino de Deus". *Dados*, Rio de Janeiro, v. 51, p. 7-36.

## Referências bibliográficas

- \_\_\_\_\_. (2007a) "Trabalho, mudança de vida e prosperidade entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus". *Religião & Sociedade*, v. 27, p. 132-155.
- \_\_\_\_\_. (2007b) "Ethos 'emergente': as pessoas, as palavras e as coisas". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 175-202, jul.-dez.
- LOREA, Roberto A. (2006) "Acesso ao aborto e liberdades laicas". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 12, n. 26, p. 185-201, jul.-dez.
- LUNA, Naara. (2010) "Aborto e células-tronco embrionárias na campanha da fraternidade: ciência e ética no ensino da Igreja". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, p. 91-105.
- LUSTOSA, O. F. (1983) *Igreja e política no Brasil: do partido católico à LEC (1874-1945)*. São Paulo: Loyola/Cepehib.
- MACEDO, Edir. (2012) *Nada a perder: momentos de convicção que mudaram a minha vida*. São Paulo: Planeta.
- \_\_\_\_\_. (2011a) *O poder sobrenatural da fé*. Rio de Janeiro: Unipro.
- \_\_\_\_\_. (2011b) *Nos passos de Jesus*. Rio de Janeiro: Unipro.
- \_\_\_\_\_. (2010) *Fé Racional*. Rio de Janeiro: Unipro.
- \_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Carlos. (2008) *Plano de poder: Deus, os cristãos e a política*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.

## Referências bibliográficas

- \_\_\_\_\_. (2006) *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?*. Rio de Janeiro: Unipro.
- \_\_\_\_\_. (1999). *O perfil da família de Deus*. Rio de Janeiro: Unipro.
- \_\_\_\_\_. (1997). *O perfil da mulher de Deus*. Rio de Janeiro: Unipro.
- \_\_\_\_\_. (1994). *O perfil do homem de Deus*. Rio de Janeiro: Unipro.
- MACHADO, L. Z. (2008) "Os novos contextos e os novos termos do debate contemporâneo sobre o aborto. Entre as questões de gênero e os efeitos das narrativas biológicas, jurídicas e religiosas". *Série Antropologia*, Brasília, v. 419, p. 1-32.
- \_\_\_\_\_. (2005) "Avanços e Desafios do Plano Nacional de Políticas das Mulheres". *Informe Agende*, Brasília, ano 5, n. 8, p. 2-3.
- MACHADO, Maria D. C. (2012) "Aborto e ativismo religioso nas eleições de 2010". *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 7, jan.-abr, p. 25-54.
- \_\_\_\_\_. (2006) "Religião, família e individualismo". In: DUARTE, L. F. D.; HEILBORN, M. L.; LINS DE BARROS, M.; PEIXOTO, C. (Org.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- \_\_\_\_\_. (2000) "O tema do aborto na mídia pentecostal". *Revista Estudos Feministas*, v. 8, p. 200-211.

## Referências bibliográficas

- \_\_\_\_\_. (1996) *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. São Paulo: ANPOCS/Editores Associados.
- \_\_\_\_\_. (1995) "Corpo e Moralidade Sexual em grupos Religiosos". *Estudos Feministas*, v. 3, n. 1, p. 7-27.
- MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Cláudia; SAMPAIO, Camila. (2012) "O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos?". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (Impresso), v. 27, p. 81-96.
- \_\_\_\_\_; PAULA, Robson de. (2002) "O espírito da simplicidade: a cosmologia da Batalha Espiritual e as concepções de corpo e pessoa entre policiais pentecostais cariocas". *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 57-76.
- MAGGIE, Yvone. (1992) *Medo e feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- MARIANO, Ricardo. (1999) *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola.
- MARIZ, Cecília L. (1998) "A Opinião dos Evangélicos sobre o Aborto". In: FERNANDES, R. C. (Org.). *Novo Nascimento: os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política*. Rio de Janeiro: Mauad.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. (2002) *Introdução ao protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola.

## Referências bibliográficas

- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (1990) *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola.
- MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (Org.). (2006) *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1999). "Religiões e dilemas da sociedade brasileira". In: *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, v. I: Antropologia. São Paulo: Sumaré/ANPOCS.
- MONTERO, Paula. (2006a) "Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil". *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 74, p. 47-65, mar.
- \_\_\_\_\_. (2006b) "Religião, modernidade e cultura: novas questões". In: TEIXEIRA, Fautino; MORGAN, Marabel. (2010) *A mulher total: como renovar seu casamento*. Rio de Janeiro: Zelo.
- \_\_\_\_\_. (2003) "Max Weber e os dilemas da secularização: o lugar da religião no mundo contemporâneo". *Novos Estudos*, São Paulo, n. 65, p. 34-44.
- ORO, Ari. (2003) "A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiro". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 18, n. 53, p. 53-69.
- PIERUCCI, Antônio F. (2011) "Eleição 2010: desmoralização eleitoral do moralismo religioso". *Novos Estudos Cebrap*, n. 89, p. 5-15.
- \_\_\_\_\_. (1998) "Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele

## Referências bibliográficas

- velho sentido". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 37, jun.
- \_\_\_\_\_. (1996) "Liberdade de cultos na sociedade de serviços". *Novos Estudos*, São Paulo, n. 44, p. 3-11, mar.
- \_\_\_\_\_. (1989) "Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte". In: *ANPOCS: Ciências Sociais Hoje*. São Paulo, Vértice/ANPOCS.
- RIOS, Roger Raupp. (2006) "Para um direito democrático da sexualidade". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 12, n. 26, p. 71-100, jul.-dez.
- ROCHA, Maria Isabel Baltar (2005). "Planejamento familiar e aborto: discussões políticas e decisões no Parlamento". In: ÁVILA, Maria Betânia; PORTELLA, Ana Paula; FERREIRA, Verônica (Org.). *Novas legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 135-219.
- ROHDEN, Fabíola. (1997a) "Conversão e participação política: dilemas da expansão religiosa". *Cadernos de Pesquisa Cebrap*, São Paulo, p. 85-135.
- \_\_\_\_\_. (1997b) "Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente". *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 8/9, p. 51-97.
- \_\_\_\_\_. (1996) "Feminismo do Sagrado: uma reencenação romântica da diferença". *Estudos Feministas*, v. 4, n. 1, p. 96-117.

## Referências bibliográficas

- ROSADO NUNES, M. J. F. (2001) "O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 16, p. 79-96.
- \_\_\_\_\_. (1994) "De mulheres, sexo e Igreja: uma pesquisa e muitas interrogações". In: COSTA, Albertina; AMADO, Tina. *Alternativas escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas.
- RUBIM, Tania. (2011) *Escolhida para o altar: um manual para a futura esposa de pastor*. Rio de Janeiro: Unipro.
- SARMENTO, Daniel. (2009) *Filosofia e teoria constitucional contemporânea*. Rio de Janeiro: Lumen Juris.]
- SCHELIGA, Eva Lenita. (2010) *Educando sentidos, orientando uma praxis: etnografia das práticas assistenciais de evangélicos brasileiros*. Tese de doutorado em Antropologia Social. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.
- SIGAUD, Lygia. (2007) "Doxa e Crença entre os antropólogos". *Novos Estudos*, São Paulo, n. 77, p. 129-152.
- SINGLY, François de (Org.). (2001) *Famille et individualisation*. Paris: Harmattan, 2 v.
- SOUZA, Jessé. (1998) "A Ética Protestante e a Ideologia do Atraso Brasileiro". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 38.

## Referências bibliográficas

- SYLVESTRE, Josué. (1986) *Irmão vota em irmão: os evangélicos, a constituinte e a Bíblia*. Brasília: Pergaminho.
- TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. (2014) "Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: O desafio *Godllywood*". *Religião & Sociedade*, v. 34, p. 232-256.
- WACQUANT, Loïc. (2002) *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- WEBER, Max. (2006) *Sociologia das Religiões e Considerações Intermediárias*. Lisboa: Relógio d'Água.
- \_\_\_\_\_. (2004) *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

## Anexos

### Anexo A - Desafio Godllywood publicados até o ano de 2012

1	<p>1. Você vai abrir uma conta no Twitter (se já não a tem), seguir o grupo @godllywood e postar o seguinte: "@godllywood eu faço o #DESAFIOGODLLYWOOD"</p> <p>2. Você vai curtir a nossa página do Facebook (facebook.com/godllywood) e postar sua foto lá com a mesma frase "eu faço o #DESAFIOGODLLYWOOD"</p>
2	<p>1. Faça questão de perder algo como sinal de que o sacrifício foi feito de verdade. Se você quiser, conte-nos o sinal que você escolheu para dar como prova de sua determinação no Facebook.com/Godllywood – sem se esquecer de incluir #DESAFIOGODLLYWOOD</p> <p>2. Como tem sido a sua contribuição de amor aos de casa? Escolha algo que você nunca fez pela sua família ou que você deveria fazer mais vezes e faça-o essa semana com um sorriso nos lábios. Não pergunte a ninguém o que você vai fazer, isso tem de vir de você. Seja criativa e se estiver sem inspiração, peça a Deus direção.</p> <p>3. Você sabia que o seu exterior é um reflexo do seu interior, mas que o seu interior não pode ser um reflexo do seu exterior? Durante esta semana você vai mostrar a Deus e a todos ao seu redor que tipo de interior você tem ou quer ter através do seu exterior. Poste uma foto tirada essa semana num jardim ou com algo que represente a natureza e a sua feminilidade no Facebook.com/Godllywood –</p>
3	<p>Todo dia você vai acordar meia hora antes do horário que você normalmente acorda para orar e meditar na Palavra de Deus</p> <p>Como prova do que você fez, você vai postar no seu Twitter e Facebook o seguinte: #DESAFIOGODLLYWOOD (versículo ou parte dele que lhe falou mais).</p> <p>Dê uma geral no seu armário e suas gavetas. Veja o que você não usa mais ou que não deveria usar mais e doe para alguém que possa, ou, caso esteja realmente muito velho, jogue fora. Isso inclui roupas,</p>

	<p>acessórios, sapatos e todo tipo de tralha.</p> <p>Use saia ou vestido algum dia esta semana. Caso você sempre faça isso, então use mais vezes. Como prova, tire uma foto de si mesma e poste no facebook.com/godllywood com uma frase de como você se sentiu arrumada desse jeito.</p>
4	<p>Para quem está fazendo o #DesafioGodllywood, escolha uma das coisas acima que você sabe que precisa mudar e poste o que você fez a respeito em nossa página do Facebook.com/godllywood.</p> <p><a href="http://www.cristianecardoso.com/pt/portfolio-item/desafio-godllywood-4/">http://www.cristianecardoso.com/pt/portfolio-item/desafio-godllywood-4/</a></p>
5	<p>Durante esta semana, como o seu Desafio Godllywood #5, você irá pensar em si mesma e achar em que a sua mente e consciência tem se contaminado. Talvez um pensamento contra alguém, uma ideia errada do que era para ser santo, uma vontade contra a de Deus, uma rebeldia contra a Palavra de Deus, uma imagem errada das pessoas... Veja que eu não estou dizendo para você ver QUEM tem lhe levado a se contaminar e sim O QUÊ. Você vai olhar para si mesma e deixar as outras pessoas para fazerem isso por si mesmas. Você só pode mudar a si mesmo e enquanto tiver algo corrompido dentro de si, não conseguirá tirar proveito desse desafio que lhe tanto quer bem.</p>
6	<p>Essa semana, o #DesafioGodllywood é fazer cinco coisas da lista abaixo... vamos todas dar carinho essa semana. Como prova, você vai tirar uma foto com a pessoa ou as pessoas que você deu carinho essa semana e postar no Facebook e tuitar no Twitter #DesafioGodllywood 6. Até nessa foto, você pode ser carinhosa e tirar abraçada com ela....</p>
7	<p><b>A tarefa dessa semana é primeiro responder as seguintes perguntas:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Como é a sua maneira de se vestir? Você se considera uma mulher discreta ou gosta de roupas que chamam atenção para o seu corpo?</li> <li>2. Como se comporta em casa? Faz o que as outras (esposas, filhas, mães, irmãs, amigas) fazem ou procura ser diferente e fazer a diferença?</li> <li>3. Qual cultura você segue? A sua própria ou a das demais</li> </ol>

	<p>mulheres em sua sociedade?</p> <p>4. Qual o valor que você mais procura? O seu próprio ou o seu valor tem que vir do que você faz e tem?</p> <p>5. Você influencia ou é influenciada?</p> <p>Diante dessas respostas, você saberá se tem sido vulgar ou não. <b>Sua segunda tarefa dessa semana será fazer alguma coisa diferente e que faz a diferença para as demais pessoas também. Poste algo dessa segunda tarefa na nossa página facebook.com/godllywood</b></p>
8	<p>Uma das principais características de uma pessoa que faz parte de Godllywood é a sua natureza de dar. Ela tem prazer em dar o seu tempo, seu carinho, sua disposição, sua atenção, e seus esforços pelas outras pessoas. Ela pode não estar ao lado delas, mas ela está sempre fazendo algo para dar a elas o que um dia ela precisou.</p> <p>O desafio dessa semana é fazer alguma coisa pelas outras pessoas que você gostaria que fizessem por você. Normalmente é exatamente naquelas coisas que você reclama em não ter das outras pessoas... Por exemplo:</p> <p>- A filha que reclama que o pai não tem tempo para ficar com a família – o que ela pode fazer é tirar um tempo que ela ficaria com as suas amigas para ficar o seu pai e quem sabe, assistir um jogo de futebol com ele na frente da TV.</p>
9	<p>Quando queremos fazer a diferença, precisamos ter sempre isso em mente: não dá para ter uma rotina! Por mais que às vezes dê saudades dela, a rotina acaba por impedir-nos de fazer coisas diferentes, já que tudo é sempre igual, a agenda é seguida ao pé da letra, e você sabe que nada novo vai acontecer porque você nem dá espaço para isso...</p> <p>Esta semana, o desafio Godllywood lhe ajudará com esse 'dilema'. Todos os dias durante esta semana você vai fazer alguma coisa fora do comum. Seja a maneira que você se veste, a hora que você acorda ou vai dormir, as amigas que você vai fazer... enfim, serão sete (7) dias de coisas diferentes que quebrarão a sua rotina ao meio. Tem fé e coragem para isso?</p> <p>Poste uma foto diária na nossa <a href="#">página no Facebook</a>. Quem sabe a diferença que você vai fazer na sua vida também não vai fazer a diferença na vida de outras que lá estarão?</p>

10	<p>O Desafio dessa semana é para você se examinar diante do que escrevemos diariamente na semana passada e chegar a uma conclusão se você é ou não nascida de Deus. Se não for, acorde todos os dias 1 hora antes do normal durante os próximos 7 dias para buscar esse encontro com Deus por pelo menos 10 minutos. Jejeje por 7 horas diariamente nesses 7 dias. Isso quer dizer que você vai ficar longe da tv, Internet, revistas, livros (que não tem a ver com a sua vida espiritual), conversinhas, e qualquer tipo de entretenimento durante essas 7 horas de jejum diário. Você vai pensar em Deus, se quiser, leia o Livro <a href="#">São todos Filhos de Deus?</a> durante esse período de jejum.</p> <p>Se você já for nascida de Deus, veja em que você tem deixado de ser ou fazer e volte as primeiras obras. Faça o mesmo Desafio acima.</p> <p>Como prova, escreva sobre a sua experiência essa semana na nossa <a href="#">página do Facebook</a>.</p>
11	<p>A primeira tarefa tem a ver com o <a href="#">primeiro desafio</a> (agora você entende porque daquela primeira tarefa). Se você o fez, obviamente tem o <a href="#">Facebook</a> e o <a href="#">Twitter</a>. Nessas duas redes sociais, você vai postar DIARIAMENTE essa semana o seguinte no <a href="#">Twitter</a> e na nossa <a href="#">página do Facebook</a>:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Um link de um <a href="#">blog post</a> que lhe tocou muito naquele dia (sugiro os blogs que eu leio diariamente na coluna direita dessa página sobre o título ‘Blogroll’)</li> <li>2. Uma foto de si mesma com um penteado diferente.</li> </ol>
12	<p>Medite nessa frase que meu <a href="#">esposo</a> postou em seu blog recentemente:</p> <p>"Quem é <a href="#">tímido</a> e <a href="#">enrolado</a> nunca pode ser líder, apenas liderado. E olhe lá."</p> <p>Agora leia esse versículo Bíblico:</p> <p>"Os filhos deste mundo são mais sagazes para com a sua geração do que os filhos da luz." Lucas 16:8</p> <p>Essa semana você vai fazer <b>DUAS</b> coisas a respeito do que você meditou acima. Como prova, deixe um comentário abaixo do que você <b>FEZ</b> (e não do que você vai fazer). Pense bem, essa tarefa é</p>

	extremamente importante e pode até mudar como você se vê!
13	<p>Na primeira tarefa do desafio dessa semana, você vai <b>DECIDIR não chorar</b> ou se entristecer por isso, seja lá o que for. Você vai <b>SORRIR</b>, decidir ser uma mulher feliz, mesmo que ao seu redor não há razões para isso... e é aqui que vem a segunda tarefa desse desafio...</p> <p>Como segunda tarefa, você vai <b>criar razões para sorrir</b>. Faça alguma coisa todos os dias que lhe faça feliz de verdade. Uma coisa que me faz muito feliz é ajudar as outras pessoas, talvez você queira fazer o mesmo...</p>
14	<p>Uma das coisas que eu gosto muito de fazer é tirar foto de mim mesma. Quando nós gostamos de como estamos aparentando, seja com um novo vestido, ou com um penteado bem criativo, ou uma maquiagem bem elaborada, logo pensamos em tirar fotos de nós mesmas. Sabe porque? Por que estamos nos amando! Você só quer guardar memórias daquilo que lhe faz feliz!</p> <p>É por isso que nessa semana, você vai fazer isso. <b>Vai se arrumar bem, caprichar na maquiagem</b>, embora diga-se de passagem, esta deve ser elegante e discreta ao mesmo tempo, nada de 'HEY GENTE OLHA EU AQUI'. Você vai caprichar <b>no cabelo</b> também. Pense em <b>acessórios</b>, use-os de acordo com a sua roupa. Se você está num lugar frio e vai sair lá fora, porque não usar um chapéu? Se você está num lugar quente, pense nos brincos, os colares, os anéis... enfim, tudo dentro da discrição e elegância feminina – <b>e tirar fotos de cada novo look</b>.</p> <p>Sua <b>segunda tarefa vai escolher um dia essa semana e ser bem criativa com a sua aparência</b>. Use cores que você nunca usa, acessórios que você nunca usou. E se você quiser fazer um pouco a mais, faça um colar para você mesma usar essa semana, um colar que ninguém mais terá e nomeie-o 'Colar Godllywood'</p>
15	<p>Nesses últimos meses, em quê você tem errado ou deixado a desejar? Pense em duas coisas e use-as nessa semana para seu próprio benefício.</p> <p>Um exemplo. Você perdeu uma amizade porque falou o que não deveria ter falado. Nessa semana você vai procurar essa pessoa e lhe pedir perdão com um presente na mão, não para comprar seu perdão, mas para mostrar a essa amiga o quanto ela significa para você. A</p>

	<p>amizade de vocês vai ficar muito mais forte do que era antes!</p> <p>Outro exemplo. Você fez coisas erradas que a distanciou de Deus. Nessa semana você vai voltar para Deus com todas as suas forças e vai se entregar de vez a Ele – ou seja, vai fazer algo por Ele que você nunca fez! Seu relacionamento com Deus vai ser bem melhor do que antes de todos os erros que cometeu.</p>
16	<p>As tarefas dessa semana são de dar arrepio, kkkk... Será que você consegue ficar sem açúcar, adoçante e refrigerante por 7 dias? Obviamente, se você não pode fazer isso devido à sua saúde, deve então pular esse desafio e quem sabe até fazer um outro que você poderia ter feito melhor... Mas quem puder e conseguir terá o prazer de testemunhar uma grande diferença semana que vem na nossa página do Facebook.com/godllywood</p> <p>A segunda tarefa é beber no mínimo 1 litro de água por dia. Para algumas essa é super fácil e deve subir para dois litros. Para outras, essa é super difícil mas, se esforçar, conseguirá.</p>
17	<p>Tarefa 1: Ficar sem músicas seculares, programação secular de televisão, e sem redes sociais.</p> <p>Tarefa 2: Acompanhar o blog do meu marido com as tarefas diárias para os próximos 21 dias a partir do dia 13.</p>
18	<p>Assista um filme PG (sem cenas fortes) com as suas amigas com direito a pipoca. E divirta-se após o filme, criticando-o de início ao fim kkkkk... (é uma das minhas manias quando assisto filme com as minhas amigas, não sei porque kkkk).</p> <p>Tire um dia para fazer as suas unhas e fazer uma escova bem legal no seu cabelo enquanto ouve um audio book bem legal ou a programação da iurdtv.com.</p> <p>Se onde você está tem sol (ah seria tão bom se São Paulo nos desse esse prazer essa semana...), tire o um dia para ficar no sol por pelo menos uma hora, de preferência antes das 10h ou após as 16h e leia um bom livro. Minha recomendação pessoal é o livro que estou lendo no momento: ‘Nada a Perder’ por Edir Macedo Mas se você já o leu, tem também outros que eu li e adorei: ‘Eu Deveria estar Morto’ por Damien Jackson e ‘40 Segredos que Toda Solteira Deveria Saber’ por Nanda Bezerra.</p> <p>Escreva um texto sobre suas mudanças, viaje nelas, conte-as como</p>

	<p>se você estivesse contando uma história, e guarde esse texto ou livrinho com todo carinho – um dia você vai querer usa-lo.</p>
19	<p>Sabe aquela coisa que você tem que fazer, mas sempre acaba deixando para depois? Talvez você tenha um monte delas como eu rrsrrs... mas nessa semana, você vai escolher uma delas e trabalhar nela até acabar. Consegue? Caso seja algo que precise de muitos dias para aprontar, não se preocupe em termina-la toda essa semana. Faça algo a respeito dela e decida o que vai ser feito e quando na próxima tarefa...</p> <p>A segunda tarefa é preparar uma agenda semanal, seja no seu computador ou num caderno branco. Nela você vai determinar uma ou mais coisas a serem feitas por dia na semana, com exceção da rotina que você já tem. Por exemplo: Ir a escola não precisa adicionar nessa agenda, mas talvez fazer uma limpeza geral no seu quarto sim, pois é algo que você não tem tirado tempo de fazer. Então escolha um dia na semana para fazer isso. Tenha em mente que para funcionar, você tem que ser realista. Não adianta dizer que vai fazer uma limpeza geral no quarto e na cozinha na segunda-feira que você normalmente só chega em casa as 20h! Ou uma ou outra... Prepare essa agenda de uma forma que você possa seguir semanalmente. Veja um exemplo simples abaixo.</p>
20	<p>Para o desafio Godllywood 20, vamos investir no Criador de Godllywood, o Espírito Santo, mas de uma maneira diferente, como normalmente não fazemos. Normalmente se ora uma certa hora, se jejua, se lê a Bíblia, enfim... dessa vez você vai fazer o que Ele tem pedido para você fazer há muito tempo. Talvez seja falar de Jesus com aquela colega do trabalho, talvez seja largar uma paixão que você tem por alguém que Ele já lhe mostrou não ser a pessoa ideal para você, ou quem sabe, o que o Espírito Santo tem cobrado de você é perdoar alguém ou pedir perdão.</p> <p>Seja o que for, nessa próxima semana, você vai fazer pelo menos uma coisa que o Espírito Santo tem lhe pedido para fazer. Se você não sabe o quê, é porque não tem Lhe dado ouvidos, é preciso então falar com Ele e pedir para que fale com você.</p>
21	<p>No desafio Godllywood 21 já vamos usar um pouco da nossa criatividade, mas não se preocupe se você diz que não tem – todo mundo tem, mas por não usarem muito, pensam assim. É igual ao</p>

	<p>músculo, quando se usa, aparece, quando não se usa... desaparece.</p> <p>É simples: basta escolher 1 peça e formar 3 looks diferentes. Assim, além de exercitar a criatividade e economizar um bocado, você estará mostrando que não é necessário ter um closet imenso para se vestir bem.</p>
22	<p>Nesse desafio Godllywood 22, você vai arrecadar fundos para o <a href="#">Templo</a>. Você terá que usar de sua criatividade e talentos (talvez que você ainda nem conhece). Você pode fazer brigadeiros, bolo, artesanatos, maquiagem, escova e penteado, unhas, limpeza, passear com o cachorro da vizinha, bazar com algumas roupas e coisas que você não usa mais, ficar de babá por algumas noites, enfim... veja o que você pode fazer para contribuir com a construção do Templo e no domingo que vem, entregue no Altar para o seu Deus. E para provar seu desafio, inclua uma foto do que você fez na nossa página do <a href="#">Face</a>.</p>
23	<p>Escolha dois desafios anteriores que você sabe que poderia ter feito melhor e não fez. Procure dar prioridade aqueles que vão verdadeiramente lhe desafiar para que você venha ser beneficiada através deles.</p>
24	<p>Veja como você pode ser mais prática naquilo que você já faz diariamente, criando tempo para aquelas coisas que você gostaria de fazer e nunca acha tempo para fazer. Até o final da semana, deixe o seu comentário abaixo, o que você descobriu nessa tarefa e como ela lhe ajudou com o seu tempo.</p> <p>Como segunda tarefa desse desafio, você vai beber de 1,5 a 2 litros d'água por dia. Você sabia que você pode até perder peso e limpar sua pele só com esse pequeno hábito diário? Vamos fazer por essa semana, se você conseguir, é porque você pode continuar pela vida toda – basta querer</p>

## **Anexo B - Lista de abreviaturas e siglas**

ABAC - Associação Brasileira de Apologistas Cristãos

AD - Assembleia de Deus

AMC - Associação de Mulheres Cristãs da IURD

CACP - Centro Apologético Cristão de Pesquisas

CNBB - Conselho Nacional dos Bispos do Brasil)

CNDM - Conselho Nacional dos Direitos da Mulher)

Conamad - Convenção Nacional das Assembleias de Deus

CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus

DEM - Partido Democratas

IIGD - Igreja Internacional da Graça de Deus

LEC - Liga Eleitoral Católica

PCdoB - Partido Comunista do Brasil

PFL - Partido da Frente Liberal

PL - Partido Liberal

PMR - Partido Municipalista Renovador

PNDH - Programa Nacional dos Direitos Humanos

PRB - Partido Republicano Brasileiro

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

PT - Partido dos Trabalhadores

PV - Partido Verde

TP - Teologia da Prosperidade

Unipro - Editora Gráfica Universal



Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) onde também obteve o título de mestre. Possui graduação em Ciências Sociais (USP/2008) e graduação em Teologia (Universidade Presbiteriana Mackenzie/2012). É pesquisadora do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) realizando pesquisas na área de gênero, raça, sexualidade e religião, do NAU (Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP) onde desenvolve pesquisas sobre religiosidade em contextos urbanos, e do Numas (Núcleo dos Marcadores Sociais da Diferença da USP). Suas principais áreas de atuação e pesquisa são Antropologia Urbana, Antropologia da Religião e Marcadores Sociais da Diferença. Atualmente é professora substituta no Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP (FE-USP). Professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Feusp) e realiza estágio de Pós-Doutorado com bolsa PNPd/CAPES no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS-USP).

*A Mulher Universal* é uma delicada pesquisa antropológica que parte da controvérsia sobre a posição de Edir Macedo em defesa do aborto como método contraceptivo, e termina por analisar como se combina esta postura com a Teologia da Prosperidade e com uma série de pedagogias que constituem o que é ser mulher, homem, e o casamento ideal. A pesquisa revela como a IURD baseia a conjugalidade na fé racional e no casal marcado por uma hierarquia e complementaridade entre homem e mulher. Analisando uma série de dispositivos pedagógicos, como jornais, programas de televisão, livros, blogues, redes sociais e aulas, a autora demonstra como a posição favorável ao aborto faz parte de um conjunto de prescrições que valoriza as famílias pequenas, promovendo certo cuidado de si. É assim um trabalho exemplar da pesquisa antropológica que expande a análise para além do recorte inicial da controvérsia, e desvenda ideais normativos de gênero subjacentes a programas disciplinares e bens culturais voltados às mulheres.

**Heloisa Buarque de Almeida**

Universidade de São Paulo

O que há de novo a ser dito sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)? E sobre religião, gênero e estilo de vida? Igreja marcada e visibilizada por polêmicas e acusações vastamente divulgadas na mídia, ele emerge como componente central nos estudos sobre o campo religioso brasileiro. Pouco tempo após sua fundação em 1977, principalmente a partir dos anos 1990, estudos sobre a IURD, foram realizados, com ênfase em sua relação com a teologia da prosperidade, a batalha espiritual, a política, a mídia. O processo de institucionalização gera novos empreendimentos e estratégias de permanência, vistos em suas edificações, práticas assistenciais e política, bem como os direcionados para a formação, qualificação e aperfeiçoamento dos corpos e práticas de seus membros. Há aqui uma complexa relação entre sacrifícios cotidianos, regulação e estilo de vida, na qual está impressa a razão pedagógica sob a ótica iurdiana, conforme elucida Jacqueline Moraes Teixeira. É por meio do olhar etnográfico acurado e sensível da autora que os materiais utilizados na pesquisa resultam nesta análise, que leva a sério o “ponto de vista nativo” e confere ao leitor, acadêmico ou leigo, novas perspectivas sobre essa personagem controversa.

**Edlaine Campos Gomes**

Antropóloga, professora da UniRio, DCS/PPGMS

